

**JESSILENE DE FREITAS LOPES**

**RELAÇÕES INTERGERACIONAIS: UM ESTUDO SOBRE AS INTERAÇÕES  
ENTRE OS AVÓS E SEUS NETOS JOVENS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título *Magister Scientiae*.

Orientadora: Lílian Perdigão Caixêta Reis.

**VIÇOSA - MINAS GERAIS  
2021**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade  
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

L864r  
2021  
Lopes, Jessilene de Freitas, 1996-  
Relações intergeracionais : um estudo sobre as interações  
entre os avós e seus netos jovens / Jessilene de Freitas Lopes. –  
Viçosa, MG, 2021.  
151 f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui anexo.

Inclui apêndices.

Orientador: Lílian Perdigão Caixêta Reis.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 121-141.

1. Relações intergeracionais. 2. Netos. 3. Avós. 4. Avós e  
netos. I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de  
Economia Doméstica. Programa de Pós-Graduação em  
Economia Doméstica. II. Título.

CDD 22. ed. 306.8745

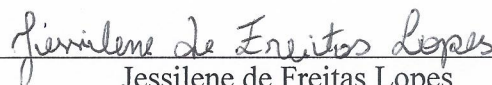
**JESSILENE DE FREITAS LOPES**

**RELAÇÕES INTERGERACIONAIS: UM ESTUDO SOBRE AS INTERAÇÕES  
ENTRE OS AVÓS E SEUS NETOS JOVENS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título *Magister Scientiae*.

APROVADA: 19 de fevereiro de 2021.

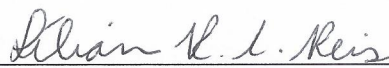
Assentimento:



---

Jessilene de Freitas Lopes

Autora



---

Lílian Perdigão Caixêta Reis

Orientadora

Avós: pedaços em mim

No início, vocês já estavam lá,  
tenho certeza, sorriram, pois eu nasci.  
Acompanharam meus primeiros passos, minhas palavras.  
Ah, que linda história foi a infância que vivi!

Construíamos petecas com a palha do quintal,  
Inventávamos bola de papel,  
meu lamento era apenas  
quando o dia chegava ao final.

O domingo era alegria,  
um almoço especial,  
docinhos, pescarias, contos populares  
e tantas palavras com imensa sabedoria.

Vai dar tudo certo:  
é o que sempre me diziam.  
Vocês tinham razão,  
ensinaram-me que o melhor caminho  
é fazer minhas escolhas  
com muita fé e oração.

Quando o joelho ou o coração se machucavam,  
bastava um aconchego  
e tudo se resolvia...  
ah, vozes tão doces,  
maravilhosa melodia.  
Queridos avós,  
pedaços em mim...  
Pelos seus ensinamentos,  
carinhos e presença constante  
terei sempre gratidão sem fim!

Jéssica Lopes



**Homenagem aos meus avós que acompanham (acompanharam) de perto minha trajetória,  
em especial aos avós falecidos.**

## AGRADECIMENTOS

Neste momento, os sentimentos transbordam e entre eles está a alegria e o reconhecimento, pois sozinha eu jamais teria chegado até aqui. Por mais que tentasse, não conseguiria mencionar todas as pessoas fundamentais nessa caminhada.

Pela fé que me cerca, o meu primeiro “obrigada” vai para Deus, mentor de todas as maravilhas vividas em minha vida. Sei que se Ele me confiou esta missão, é porque desde o início já conhecia minha vitória. Gratidão meu pai do céu! Desde o processo seletivo, trilhando os caminhos traçados, diante as dificuldades encontradas e a cada passo dado, foi o Senhor que me sustentou, me deu e continua dando forças todos os dias.

À Universidade Federal de Viçosa, casa que me acolheu e me proporcionou inúmeros ensinamentos, muito obrigada. Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica (PPGED), pelos mestres apresentados ao longo do percurso e pelas ricas disciplinas ofertadas. De tudo, o que fica de mais importante é o conhecimento adquirido nessa instituição. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) agradeço pelo apoio financeiro par a realização dessa pesquisa.

À minha orientadora, Lílian Perdigão, por confiar em mim desde a Iniciação Científica, por me ensinar a ter mais confiança em meu potencial, por me levar a terrenos nunca explorados e por me conduzir a cada reunião a um caminho de calma, me retirando da ansiedade que me rodeava a cada passar do tempo. Agradeço por ser, em todos os momentos, uma professora, antes de tudo, humana e amiga.

À minha família, agradeço por ser meu alicerce em tudo nessa vida. À minha mãe Lourdes, exemplo de força, fé e determinação. Este trabalho é fruto de todos os ensinamentos a mim transmitidos, minha guerreira. Agradeço ao meu pai, homem honesto e trabalhador que, com sua rigidez, me ensinou a buscar os caminhos da paz e me mostrou que tudo na vida se consegue com garra. Às minhas irmãs Jéssica e Jessiane, minhas preciosidades que, desde a infância, me pegaram literalmente pela mão e me ensinaram o verdadeiro significado de estudar. Ao presente lindo que recebi em 2020, minha sobrinha Sophia, esse trabalho é também resultado da busca de um mundo melhor para você! Ao Janfrançon sou grata pelo companheirismo, pelo incentivo, por me ajudar nas burocracias e sempre ir atrás de algo para mim. Sem você não teria conseguido. Obrigada por me ouvir e jamais me deixar desistir.

Aos meus avós maternos e paternos agradeço por serem a inspiração da minha vida. Sempre os vi com muito amor, graça e aprendizado. Em especial, agradeço ao Vô Pedro e Vô

Chico, hoje falecidos, mas que foram conselheiros graciosos e motivação para fazer cada minuto da vida na terra valer a pena.

Aos meus priminhos que sempre chegavam a minha casa e nunca entendiam o porquê de “estudar tanto” e sempre questionavam como eu conseguia fazer isso. Essas perguntas ficavam sempre sem respostas, pois quando uma pesquisa desperta algo tão especial nem mesmo se vê o cansaço ou a rotina de todos os dias assentar-se no mesmo lugar. Agradeço também aos primos Gessica e Edson por me auxiliarem a chegar em meus entrevistados.

Aos avós e netos entrevistados sou grata pela rica contribuição para a pesquisa e pelos ensinamentos de vida que me deram.

Agradeço ao grupo de pesquisa Contextos da Infância, Adolescência e Juventude e suas Inter-relações na Família e na Sociedade (CIAJIFS) pelos momentos de aprendizagens, trocas e descontração. A pesquisa fez mais sentido estando ao lado de vocês. Ao grupo de orientação agradeço por auxiliar no garimpo dos dados das entrevistas e na compreensão mais apurada sobre o meio científico.

À Mariana e à Vanessa sou grata pela consultoria acadêmica de imensa qualidade, pela disponibilidade e pelo exemplo de profissionalismo. Encontrar vocês foi, sem dúvida obra de Deus.

Às professoras Rosa Coutrim e Simone Mafra agradeço a prontidão em compor a banca examinadora, por dedicarem seu tempo e por concederem suas contribuições.

Agradeço, ainda, à Marcela, companheira de luta, exemplo de mulher e fortaleza. Obrigada por sempre me auxiliar nos momentos de desânimo e por estar presente nos avanços conquistados. À Rafaela, à Eliane e à Júlia, amigas que me acompanharam desde a graduação, agradeço por serem companheiras para a vida toda! À Bárbara, pessoa que conheci no momento da entrevista de seleção e me conquistou com seu jeito amigo e carismático de ser. À Luciana, à Roberta, à Andreza, ao Wellington e tantos outros amigos que o mestrado me concedeu, os levarei comigo para a vida toda. Que saudade dos cafés!

Agradeço à Aloísia e ao Anderson pela paciência em escutar e instruir da melhor maneira possível. Antes da pandemia, vocês eram as nossas companhias de cada dia na abençoada sala de estudos. Durante esse período complexo, tornaram-se porto seguro para muitos de nós com a pronta resposta de todos os anseios. A todos que sentiram minha falta em algum momento e compreenderam a minha ausência, me incentivaram com um bom café e também com uma grande dose de fé, saibam que foram fundamentais para a chegada dessa vitória. A presente pesquisa foi realizada com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

*“O mais importante e bonito do mundo é isso: que as pessoas não estão sempre iguais, mas que elas vão sempre mudando”. (Guimarães Rosa)*

## RESUMO

LOPES, Jessilene de Freitas, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, fevereiro de 2021. **Relações intergeracionais: um estudo sobre as interações entre os avós e seus netos jovens.** Orientadora: Lílian Perdigão Caixêta Reis.

Relações intergeracionais apresentam-se como interações entre faixas etárias distintas e contribuem para a troca de experiência e multiplicidade geracional. A convivência entre avós e netos possui interações e significados distintos quando os netos são crianças, adolescentes ou adultos. No entanto, grande parte dos estudos foca somente na relação dos avós com netos na fase da infância. Neste sentido, o presente trabalho resulta de uma pesquisa de campo sobre a relação dos avós com netos jovens em uma cidade do interior de Minas Gerais, São Miguel do Anta. Foi realizada também uma revisão integrativa de literatura a fim de compreender a relação entre avós e netos em nível nacional e internacional, baseada em 04 (quatro) bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), *Web of Science*, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e *Science Direct*. Foram selecionados 36 artigos e a análise dos dados foi feita com o auxílio dos *softwares* StArt e IraMuTeQ. Por sua vez, a pesquisa de campo foi caracterizada como predominantemente qualitativa, com caráter descritivo-exploratório, apoiada na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano para discussão dos resultados. O estudo foi realizado com idosos frequentadores do grupo de convivência promovido pelo Centro de Referência de Assistência Social da cidade (CRAS) e também contou com a participação de netos com idade entre 15 e 24 anos que possuíam um dos avós como frequentadores do grupo. A partir dos dados da pesquisa de campo, foi realizada a análise categorial temática e a análise textual, ambas apoiadas pelo *software* IraMuTeQ. Os resultados da revisão integrativa demonstraram um crescente vínculo intergeracional entre avós e netos na Europa, bem como poucas publicações no Brasil. Foi observada a ênfase no cuidado realizado pelos avós em dedicação exclusiva ou sob a custódia dos netos. Por sua vez, as análises de campo demonstraram que as relações com netos jovens e adultos podem ser benéficas para os avós. Elas proporcionaram bem-estar e não apresentaram as más consequências geradas quando os netos estão na infância e demandam muitos cuidados. Para os netos, prevalece a proposição de que um relacionamento assíduo e saudável na infância é continuado nas posteriores fase da vida. Sobre a realização de atividades conjuntas, observou-se que os avós que possuem baixo nível educacional fazem questão de compartilhar seus conhecimentos sobre a música, sobre seus valores e crenças. Nas entrevistas, os netos

afirmaram aprender mais com seus avós por eles já serem mais vividos, mas também acreditam ensinar aos avós, principalmente o uso das tecnologias. Por fim, o presente trabalho identificou que pesquisas no contexto relacional entre netos jovens e adultos e seus avós ainda precisam ser exploradas. Tais estudos são importantes para a criação de políticas públicas voltadas para a valorização do papel dos avós no ambiente familiar como agentes responsáveis pela convivência e dedicação aos netos e pela transmissão de ensinamentos, de valores e de crenças.

**Palavras-chave:** Avós. Netos. Relações Intergeracionais.

## ABSTRACT

LOPES, Jessilene de Freitas, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, February, 2021. **Intergenerational relations: a study of the interactions between grandparents and their young grandchildren.** Advisor: Lílian Perdigão Caixêta Reis.

Intergenerational relations present themselves as interactions between distinct age groups and contribute to the exchange of experience and generational multiplicity. The coexistence between grandparents and grandchildren has distinct interactions and meanings when the grandchildren are children, adolescents or adults. However, most studies focus only on the relationship between grandparents and grandchildren during childhood. In this sense, the present work analyzes the relationship of grandparents with young grandchildren in a city in the interior of Minas Gerais, São Miguel do Anta. An integrative literature review was also carried out in order to understand the relationship between grandparents and grandchildren at a national and international level, based on 04 (four) databases: Virtual Health Library (VHL), Web of Science, Scientific Electronic Library Online (SciELO) and Science Direct. 36 articles were selected and the data analysis was done with the help of StArt and IraMuTeQ software. In turn, the field research was characterized as predominantly qualitative, with descriptive-exploratory character, supported by the Bioecological Theory of Human Development for discussion of results. The research was carried out with elderly people attending the social assistance reference center (CRAS) and also had the participation of grandchildren between 15 and 24 years old who had one of the grandparents as a frequenter of the group. From the field analysis data, the categorical thematic analysis and the textual analysis were performed, both supported by IraMuTeQ software. The results of the integrative review demonstrated a growing intergenerational link between grandparents and grandchildren in Europe, as well as few publications in Brazil. Emphasis was observed on the care performed by grandparents in exclusive dedication or in the custody of grandchildren. In turn, field analyses have shown that relationships with young and adult grandchildren can be beneficial to grandparents. They provided well-being and did not present the bad consequences generated when grandchildren are in childhood and demand much care. For grandchildren, the proposition prevails that a assiduous and healthy relationship in childhood is continued in later stages of life. Regarding the realization of joint activities, it was observed that grandparents with low educational level make a point of sharing their knowledge about music, about their values and beliefs. In the interviews, the grandchildren claim to learn more

from their grandparents because they are already more experienced, but they also believe to teach their grandparents, especially the use of technologies. Finally, this work has identified that research in the relational context between young and adult grandchildren and their grandparents still needs to be explored. Such studies are important for the creation of public policies aimed at valuing the role of grandparents in the family environment as agents responsible for coexistence and dedication to grandchildren and for the transmission of teachings, values and beliefs.

**Keywords:** Grandparents. Grandchildren. Intergenerational Relations.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa temático da literatura.....	41
Figura 2: Fluxograma de seleção dos artigos encontrados, segundo recomendações PRISMA (Galvão; Pansani; Harrad, 2015). .....	44
Figura 3 - Vista aérea da cidade de São Miguel do Anta – MG.....	48
Figura 4: Número de publicação por países/continentes .....	57
Figura 5: Nuvem de palavras sobre a metodologia dos estudos selecionados .....	58
Figura 6: Tipo de participantes/amostras dos artigos pesquisados.....	59
Figura 7: Dendrograma das classes temáticas que emergiram da análise dos resultados e considerações finais.....	62
Figura 8: Análise de Similitude que emergiu conforme a classe 6 gerada pelo <i>software</i> IRaMuTeQ, 2020.....	67
Figura 9: Análise de Similitude da categoria “Transmissão intergeracional: trocas Intergeracionais e tipos de conhecimentos transmitidos”.....	83
Figura 10: Nuvem de palavras da categoria “ Transmissão intergeracional: trocas intergeracionais e tipos de conhecimentos transmitidos”.....	84
Figura 11: Nuvem de palavras do tema “Percepção das avós sobre ensinamentos” .....	85
Figura 12: Nuvem de palavras do tema “Figura de referência” .....	87
Figura 13: Nuvem de palavras da categoria “Interação das avós com os netos: prevalência de atividades conjuntas”.....	90
Figura 14: Nuvem de palavras da categoria “Mudança na relação à medida que os netos crescem” .....	92
Figura 15: Nuvem de palavras da categoria “Concepções do papel ocupado pelos netos na vida das avós” .....	95
Figura 16: Nuvem de palavras da categoria “Significado que as avós atribuem aos netos” ....	97
Figura 17: Nuvem de palavras da categoria “Vivência das avós” .....	98
Figura 18: Análise de Similitude que emergiu conforme as categorias geradas pelo <i>software</i> IRaMuTeQ, 2020.....	100
Figura 19: Nuvem de palavras da categoria “ Transmissão intergeracional: trocas intergeracionais e tipos de conhecimentos transmitidos”.....	101
Figura 20: Nuvem de palavras do tema “Percepção dos netos sobre ensinamentos”.....	105
Figura 21: Nuvem de palavras do tema “Figura de referência” .....	106

Figura 22: Nuvem de palavras da categoria “Interação dos netos com os avós: prevalência de atividades conjuntas” .....	109
Figura 23: Nuvem de palavras da categoria “Mudança na relação à medida que crescem” ..	112
Figura 24: Nuvem de palavras da categoria “Concepções do papel ocupado pelos avós na vida dos netos” .....	114
Figura 25: Nuvem de palavras da categoria “Significado que os netos atribuem aos avós” ..	117

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Síntese metodológica da dissertação .....	56
Quadro 2: Características dos estudos selecionados.....	60
Quadro 3: Perfil demográfico e socioeconômico das avós participantes do estudo.....	69
Quadro 4: Perfil das avós entrevistadas.....	73
Quadro 5: Perfil demográfico dos netos participantes.....	75
Quadro 6: Perfil dos netos entrevistados .....	76

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

BVS	Biblioteca Virtual de Saúde
CEP/UFV	Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Viçosa
CHD	Classificação Hierárquica Descendente
CIAJIFS	Contextos da Infância, Adolescência e Juventude e suas Inter-relações na Família e na Sociedade
CONJUVE	Conselho Nacional de Juventude
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
EPI	Equipamento de Proteção Individual
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MG	Minas Gerais
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PPGED	Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa
SARS-COV-2	Síndrome Respiratória Aguda Grave
SCIELO	Scientific Electronic Library Online
SD	Science Direct
SMA	São Miguel do Anta
SMAAS	Secretaria Municipal de Assistência e Ação Social
START	State of the Art through Systematic Review
TBDH	Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos
UFV	Universidade Federal de Viçosa
WOS	Web of Science

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	17
INTRODUÇÃO.....	19
CAPÍTULO 1 - CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS NO CAMPO DAS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS.....	26
1.1. Família, gerações e as relações intergeracionais.....	26
1.2. Relação avós-netos na adolescência/juventude e a formação da identidade.....	30
1.3. As particularidades no relacionamento avós-netos e os papéis assumidos pelos avós.....	33
1.4. Contribuições Teóricas da Bioecologia do Desenvolvimento Humano.....	38
CAPÍTULO 2 - PERCURSO METODOLÓGICO.....	42
2.1. Primeira etapa metodológica: revisão integrativa.....	42
2.2. Segunda etapa metodológica: pesquisa de campo.....	45
2.2.1. Tipo de pesquisa.....	45
2.2.2. Local de estudo.....	46
2.2.3. Seleção dos participantes.....	49
2.2.4. Técnicas de construção dos dados.....	51
2.2.5. Limitações e dificuldades.....	53
2.2.6. Questões éticas.....	54
2.2.7. Análises de dados.....	54
CAPÍTULO 3 - RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	57
3.1. Relação entre os avós e seus netos: uma revisão integrativa.....	57
3.1.1. Particularidades do relacionamento avós-netos.....	63
3.1.1.1. Papel e aspectos sentimentais da relação.....	63
3.1.1.2. Aspectos do cuidado.....	65
3.1.1.3. Realização de atividades conjuntas.....	65
3.1.2. Consequência do cuidado para a saúde dos avós.....	66
3.2. Pesquisa de campo: a percepção de avós e netos jovens.....	69
3.2.1. Descrição dos participantes do estudo.....	69
3.2.2. Análise dos resultados.....	77

3.2.3. Categorias emergentes nas falas das avós.....	78
3.2.3.1. Transmissão intergeracional: trocas intergeracionais e tipos de conhecimentos transmitidos.....	78
3.2.3.2. Interação das avós com os netos: prevalência de atividades conjuntas.....	87
3.2.3.3. Mudança na relação à medida que os netos crescem.....	91
3.2.3.4. Concepções do papel ocupado pelos netos na vida das avós.....	93
3.2.3.5. Significado que as avós atribuem aos netos.....	96
3.2.3.6. Vivências das avós.....	98
3.2.4. Categorias emergentes nas falas dos netos.....	100
3.2.4.1. Transmissão intergeracional: trocas intergeracionais e tipos de conhecimentos transmitidos.....	101
3.2.4.2. Interação dos netos com os avós: prevalência de atividades conjuntas.....	108
3.2.4.3. Mudança na relação à medida que crescem.....	112
3.2.4.4. Concepções do papel ocupado pelos avós na vida dos netos.....	114
3.2.4.5. Significado que os netos atribuem aos avós.....	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	121
APÊNDICES.....	142
Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para realizar entrevistas com os avós.....	142
Apêndice B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para realizar entrevistas com os netos.....	144
Apêndice C - Questionário Sociodemográfico e Roteiro de Entrevista Semiestruturado – Avós.....	146
Apêndice D - Questionário Sociodemográfico e Roteiro de Entrevista Semiestruturado – Netos.....	148
Apêndice E - AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO PARA REALIZAR A PESQUISA....	150
ANEXOS.....	151
Anexo A - Autorização Ética - Comitê de ética em pesquisa com seres humanos da UFV...151	

## APRESENTAÇÃO

A reflexão sobre o tema deste estudo ocorreu no período de 2015 a 2016, quando tive a oportunidade de tornar-me bolsista PIBIC/CNPq. Foi o primeiro momento de contato com o mundo científico que abriu possibilidades de conhecer as etapas de uma pesquisa. Não somente as tarefas intrínsecas a um pesquisador me motivaram, mas, principalmente, a temática que vinha sendo explorada pelo estudo no qual fui auxiliar durante um ano: avós e netos.

Pessoas envelhecidas sempre me despertou interesse, principalmente, quando elas assumem a função de avós. Talvez pelo fato de ter vivenciado a infância ao lado dos avós paternos, os quais moravam no quintal de casa. Experimentei também uma rotina de visitas assíduas à casa dos avós maternos, com encontros aos domingos para almoços em família. A seguir, apresento um recorte da minha história com avós na infância, escrita para compor o livro de Mafra *et al.* (2019):

Cresci muito ligada aos meus avós maternos e paternos. Durante minha infância morei ao lado da casa de meus avós paternos, uma casa simples, de chão batido e fogão à lenha, lá era o meu paraíso. O avô Chico (*in memorian*) vivia a cavalgar e a avó Carminha a nos trazer guloseimas da cidade; o fim da tarde era a melhor hora do dia, a calçada que havia em volta da casa da minha avó virava assento, e toda a família ali se juntava a ver o sol se por. Enquanto os adultos ali proseavam, eu e minhas irmãs jogávamos peteca, que com a palha do milho em casa colhido e as penas das galinhas ali criadas, era perfeitamente confeccionada pela minha avó paterna, vó Carminha. A casa dos meus avós maternos era, e ainda é, nosso lugar de almoço dos dias de domingo. Durante minha infância via aquela casa como fazenda mágica, eu, minhas irmãs, primos e tios, de tudo brincávamos, futebol, caça a girinos, caça a coquinhos, chiar em capa de coco e inúmeras outras. O avô Pedro, (*in memorian*) nos aconchegava com amor e ditos populares cheios de ensinamentos, levou as filhas ao forró durante a juventude e o mesmo repetiu com suas netas, a vida com ele era festa. A vó Maria muito doce e meiga nunca soube dizer não a um neto, seu *hobby* era (é) jogar baralho com a gente, terminar a noite a assistir novelas e rir dos acontecimentos da vida (MAFRA *et al.*, 2019, p. 80).

É possível observar que, assim como em meu relato, a maior parte dos estudos sobre a temática está relacionada aos avós e netos durante a infância. A literatura retrata um quadro maior de trabalhos envolvendo avós e netos quando esses são ainda crianças, em relação aos netos na fase da juventude. Como ocorreu no estudo do PIBIC, a pesquisa aconteceu entre os avós com netos na infância. Souza (2016) aprofundou-se sobre a relação entre os avós que levavam seus netos ao dentista e percebeu o estabelecimento de uma vivência de cuidado com

eles. Entretanto, a pesquisa se deu com netos na infância e não se deteve às relações constituídas entre os avós e netos na fase da juventude.

Partindo da minha experiência pessoal, o relacionamento com os avós intensificou quando jovem, ao observar o exemplo de persistência e gosto pela vida do avô materno, principalmente, quando foi acometido por uma doença. Experimentei a escuta das histórias de vida árduas da avó materna, ao mostrar como a vida lhe cobrava (trabalho e surras) e não retornava quase nada (fome e falta de oportunidade). Fui despertada pela inquietação de pesquisar as relações de avós com netos, quando estes já ultrapassaram a fase doce de apenas serem mimados para a fase dos ensinamentos de vida.

Assim, as experiências na pesquisa acadêmica em conjunto com a reflexão pessoal vieram a designar um problema de pesquisa. De acordo com Booth, Colomb e Williams (2008), um problema de pesquisa é antes um problema real, e o mesmo não deve sempre remeter-se a algo ruim, como sua definição pode muitas vezes, sugerir, mas é “algo que origina-se na mente, a partir de um conhecimento incompleto ou uma compreensão falha” (p.66).

As inquietações diárias foram necessárias para elucidação do problema de pesquisa. Apesar da familiaridade construída com os dados literários a respeito do tema na experiência como bolsista PIBIC, para que pudesse torná-lo passível de ser pesquisado, outras questões se fizeram essenciais, como a busca na literatura de fatos que comprovassem o caráter teórico e científico da temática despertada. Na presente dissertação foram tecidas respostas aos desassossegos mencionados, e o texto produzido apresentou a seguinte estrutura: introdução, contribuições teóricas no campo das relações intergeracionais, percurso metodológico, resultados/discussões e considerações finais.

## INTRODUÇÃO

O envelhecimento demográfico se apresenta como tendência no Brasil e no mundo. De acordo com as projeções da Organização das Nações Unidas (ONU, 2019), no Brasil existe aproximadamente 29 milhões de idosos<sup>1</sup>. Já as estimativas para a porcentagem mundial é de que os números poderão se aproximar de 12% em 2030, de 16% em 2050 e de quase 23% da população total em 2100. De acordo com o estudo sobre as tendências e perspectivas sociais mundiais, do ponto de vista internacional, a expectativa é também o avanço no número de pessoas com 60 anos ou mais. Assim, para as gerações futuras prevê-se o aumento desse grupo (ILO, 2015).

Nacionalmente, tem-se o Estatuto do Idoso (IPEA, 2012) como o documento que reconhece os direitos da pessoa idosa<sup>2</sup>. O Estatuto estabelece medidas protetivas à pessoa idosa no que se refere ao direito à vida, à saúde, à cultura, ao lazer e etc., sendo fundamentais para a promoção da qualidade de vida (BRASIL, 2003). Aos vulneráveis, essa lei é fonte de inclusão e acessibilidade.

Políticas públicas são criadas para grupos que possuem necessidades próprias e essa é uma forma de o Estado demonstrar reconhecimento e zelo pela população. Como exemplo, é possível citar o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e o Estatuto da juventude. Com propósito semelhante, o Estatuto do Idoso vem acrescentar e assegurar direitos constitucionais ao público por ele resguardado, mas que não são cumpridos legalmente (CAMARANO, 2013). Portanto, o Estatuto pode ser qualificado como instrumento benéfico de promoção de qualidade de vida para a população de envelhecidos.

Apesar de a lei ser inclusiva e benéfica ao público idoso em situação de fragilidade, não se pode generalizar perante a população a sua imagem como limitada a alguém que somente apresenta vulnerabilidades e excluir suas potencialidades. Do mesmo modo, Neri (2005) reforça essa ideia de que é preciso cautela ao tratar a pessoa idosa como problema médico-social por ser vulnerável, incapaz, dependente e doente. A sociedade de uma forma geral atribui essa caracterização ao velho (BOSI, 1994). Para a autora, a velhice é oprimida pela sociedade capitalista, pela burocracia da aposentadoria e pelos mecanismos institucionais visíveis que insistem em demonstrar a incapacidade e a incompetência social do velho como

---

<sup>1</sup> De acordo com a ONU, pessoas idosas diferem entre países desenvolvidos e países em desenvolvimento. Em países desenvolvidos são idosas pessoas com 65 anos ou mais. Já em países em desenvolvimento, idosos são aqueles com 60 anos ou mais (ONU, 2019).

<sup>2</sup> Delimitado conforme o Estatuto do Idoso (Brasil, 2003), pessoas com 60 anos ou mais.

pessoa impedida de ensinar e distribuir suas memórias. Por isso, a necessidade de criar estratégias que valorizem o potencial do idoso.

Em contraponto ao envelhecimento frágil, autores como Pinto *et al.* (2008, p.5), afirmam que nunca houve uma “velhice tão agradável”, sendo constituída por pessoas idosas com condições de saúde, de interação social, de facilidades e de vida financeira estável. Além disso, Noriega *et al.* (2017) abordam que a imagem do velho não se restringe a alguém dependente e vitimado, pelo contrário, observam uma mudança de perfil desses sujeitos e o idoso tem se apresentando como provedor de cuidados na família e de ensinamentos aos mais jovens.

Gil e Lopes (2014, p.120) destacam a criação de programas intergeracionais como um método que combate ao preconceito contra pessoas envelhecidas na sociedade. As autoras citadas realizaram um levantamento bibliográfico sobre programas intergeracionais no Brasil. Dos sete programas encontrados, quatro eram responsáveis por promover a comunicação entre adolescentes e velhos. Esse dado corrobora com a colocação de Pinto *et al.* (2008), ao mencionarem a necessidade de uma sociedade que expresse as experiências positivas da velhice, sobretudo, no terreno da solidariedade entre jovens e idosos.

Identificadas como pessoas saudáveis e ágeis, os avós podem encontrar ao seu dispor tarefas intrínsecas à organização familiar em razão de questões como a instabilidade na vida dos filhos adultos, derivados de problemas relacionados a uso de drogas e encarceramento (BAKER *et al.*, 2010), o divórcio dos pais (PEDRA; MOREIRA, 2017) e as demais situações de vulnerabilidade na família. Nesse contexto, são levados a cuidar ou oferecer apoio aos netos e aos filhos (GLASER *et al.*, 2013).

Desde os anos 1970, observa-se no Brasil uma tendência à desaceleração do crescimento populacional. Arelado a essa percepção, está a mudança estrutural etária, ou seja, verifica-se o envelhecimento da população (IPEA, 2012). O envelhecimento demográfico é responsável por aumentar a participação dos idosos na sociedade (IBGE, 2016). Nesse sentido, os idosos-avós assumem novas funções familiares.

Relações intergeracionais apresentam-se como vínculos traçados entre duas ou mais pessoas em fases diferentes do desenvolvimento. São interações entre faixas etárias distintas que contribuem para a troca de experiência e de multiplicidade geracional (OLIVEIRA, 2011). Além disso, as relações intergeracionais auxiliam no combate a estereótipos e fortalecem vínculos entre pessoas na velhice e nas outras fases da vida (MASSI *et al.*, 2016).

Em 2011, cerca de 15 milhões de idosos chefiavam famílias no Brasil dos quais 55,4% eram homens. Das famílias chefiadas por idosos, 6,5 milhões corresidiam com os filhos

adultos e, em 2,2 milhões delas, moravam também os netos. Nesse caso, a pessoa idosa contribuía com mais de 50% da renda familiar, o que a caracterizava como provedor(a) (IPEA, 2012).

Além do elevado número de filhos e netos morando junto com os pais/avós, constatou-se o aumento de mães adolescentes que se encontram na família na condição de filha ou neta (IPEA, 2012). Tal informação implica em mais um membro interagindo nesse arranjo familiar, permitindo mais anos de vida compartilhados entre gerações de envelhecidos e jovens.

Observa-se que os avós em idade mais avançada, antes considerados necessitados de ajuda, tornam-se doadores de cuidados. Além dessa dedicação, existe um fator emergente a partir dessas transformações, que consiste na maior convivência e interação entre avós e netos (COELHO; DIAS, 2016; SILVA SOUZA *et al.*, 2018). Por meio dessa vivência, pode acontecer a transmissão de ensinamentos através de elos e de experiências do passado (RAMOS, 2015).

Especialmente na fase da adolescência, os jovens vivenciam crises normativas que os colocam, por vezes, em situação de risco (DESSEN; JÚNIOR, 2008). Na busca de uma figura de referência, os adolescentes recorrem a adultos que, se não se apresentam na pessoa dos pais, são representados na figura dos avós (FORACCHI, 1972; SCOTT, 2010; DIAS; SILVA, 2003). Assim, os avós tornam-se modelos na criação e/ou na socialização dos netos frente a questões que podem levar a conflitos em situações de uso de drogas, de gravidez na adolescência ou de desequilíbrios emocionais (DIAS, 2016).

De acordo com Foracchi (1972), no processo de socialização os jovens são ensinados pelos adultos a como se tornarem adultos, aprendem os valores e seguem como modelo o comportamento dos mais velhos. Nesse sentido, a autora afirma ocorrer a continuidade de comportamentos, como atividades de natureza política, sexual, uso de drogas e expressão artística do jovem. Esse processo pode tornar-se invertido, caso ocorra uma mudança social e os jovens rejeitem o estilo de vida do adulto. Assim, diz-se que a socialização não ocorreu de forma inadequada, mas houve inaceitação da mensagem comunicada.

É necessário destacar o relacionamento entre avós e netos como uma vertente de troca mútua, considerado uma relação recíproca (RAMOS, 2014). Isso é evidenciado no estudo de Silva Souza *et al.* (2018) demonstrando que os avós que residem sozinhos ressaltam pior saúde em comparação aos corresidentes com seus netos, sobretudo, porque a presença desses proporciona apoio emocional e ajuda os avós no combate a solidão. Nessa experiência favorável para ambas as partes, os netos passam a ser compreendidos como “propósito de

vida” para os avós, e estes como necessários aos netos, inclusive como mantenedores da história familiar (EDWARDS; DAIRE, 2006 *apud* COELHO; DIAS, 2016).

A convivência dos netos com os avós pode ser uma fonte de auxílio para ultrapassar os “lutos” gerados pelo processo de envelhecer. Lima e Rocha Júnior (2014) apontam que os avós sofrem perdas significativas na fase do envelhecimento, uma vez que com o avançar da idade ocorre a perda dos pais, o afastamento dos filhos adultos, a diminuição dos vínculos horizontais com amigos e irmãos, além da possibilidade de vivenciarem uma viuvez ou separação.

De acordo com Ramos (2015), a relação avós-netos possui interações e significados distintos quando os netos são crianças, adolescentes ou adultos. Muitos dos estudos realizados com avós e netos focam na construção dessas relações quando eles são ainda crianças. Nesses estudos são destacados os cuidados afetivos, a coresidência e a responsabilidade pela educação que os avós assumem. Portanto, é possível reconhecer a escassez de trabalhos que investigam a participação de netos adolescentes e jovens.

A maior parte das pesquisas realizadas com avós e netos retratadas na literatura internacional se detém a estudar os netos na fase da infância (CHEN; LIU; MAIR, 2012; NORIEGA *et al.*, 2017; LEE; BLITZ; GRAND, 2014; HANK; SALZBURGER; SILVERSTEIN, 2017). Semelhante, no contexto nacional são numerosos os estudos realizados com avós e netos crianças. Com adolescentes também é possível destacar alguns trabalhos (ARRAIS *et al.*, 2012; KLEIN; BASILIO; GARCIA, 2016; OLIVEIRA; KARNIKOWSKI, 2012; OLIVEIRA; PINHO, 2013; PAIXÃO; MORAIS, 2016). Nota-se assim o pouco reconhecimento dos avós como agentes presentes no desenvolvimento dos netos na fase da juventude. Observa-se uma lacuna nessa verificação, pois com o aumento da expectativa de vida, existe a chance de os avós sobreviverem para além da infância dos netos (EL-AMIN *et al.*, 2015). Além disso, poucos estudos oferecem a oportunidade de investigar a participação de avós e netos em uma mesma investigação, o que contribui para uma pesquisa inovadora, tendo em vista o objetivo de ouvir as perspectivas cruzadas tanto dos jovens, quanto dos idosos.

A pesquisa desenvolvida considerou o local de investigação o município de São Miguel do Anta, cidade do interior de Minas Gerais. A motivação para este estudo deve-se ao fato de a autora dessa dissertação ser natural do referido município e pela inspiração da pesquisa de Silva (2016) que identificou aspectos sobre a transmissão intergeracional das lembranças e da história coletiva entre os congadeiros da cidade. A autora evidenciou uma forte tradição pela devoção a Nossa Senhora do Rosário, sendo preservada e transmitida para

as gerações que se sucediam. Ainda segundo Silva (2016), as lembranças dos mais velhos era o meio condutor da transmissão intergeracional dos ensinamentos tradicionais repassados aos mais jovens, sendo esses relacionados à tradição do congado e aos valores como o respeito, a boa educação e a fé.

Entretanto, a transmissão intergeracional não se mostrou passiva na localidade em questão e alguns jovens passaram a ter resistência à cultura de origem em função da modernização que vem ocorrendo na sociedade (SILVA, 2016). Diante dessa verificação, é possível identificar aspectos complexos a serem explorados nessas relações, o que ampara a realização da presente pesquisa. Logo, no desenvolvimento do estudo, busca-se contribuir com a análise da relação entre avós e netos jovens, identificar as possíveis mudanças e transformações nas trocas intergeracionais, bem como a forma como se estruturam.

A partir da conjuntura de relações complexas norteadas por particularidades contextuais e na busca por compreender os reflexos desse vínculo intergeracional para a vida dos avós e dos netos, surgem os questionamentos que estruturam o desenvolvimento do estudo: De que forma acontece o processo de trocas intergeracionais entre avós e netos jovens? Quais questões emergem das relações intergeracionais?

Face ao exposto, esse estudo teve por objetivo geral analisar o relacionamento entre avós e netos jovens residentes na cidade de São Miguel do Anta, localizada no estado de Minas Gerais.

Quanto aos objetivos específicos, buscou-se:

- Analisar como ocorrem as trocas intergeracionais;
- Identificar os tipos de conhecimentos transmitidos entre avós e netos;
- Compreender a concepção de avô/avó na visão dos netos;
- Compreender a concepção que os avós têm sobre o que é ser neto;
- Identificar os papéis que avós e netos ocupam na vida uns dos outros na formação do indivíduo;
- Descrever os significados que avós e netos atribuem à presença destes em suas vidas.

É importante explicar que a condição de ser avô/avó não se limita a qualidade de ser idoso, pois existem pessoas que se tornam avós de forma precoce (RAMOS, 2014). No entanto, toda a caracterização desse estudo prezarão pelos avós-idosos e pelos netos jovens, pois o público da pesquisa é composto por idosos frequentadores de um grupo de convivência promovido pelo Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) da cidade estudada. A escolha desse público se deve ao fato de ser um grupo já consolidado e de fácil acesso para a

pesquisadora. Além disso, entende-se que, por serem avós idosos, aumenta a possibilidade de possuírem netos jovens.

Para o público de netos, baseou-se no Estatuto da Juventude com as definições de jovens como aquelas pessoas de 15 a 29 anos (BRASIL, 2013a). Essa classificação foi feita pelo Conselho Nacional da Juventude (Conjuve) que elaborou a subdivisão do termo jovem em três faixas etárias<sup>3</sup>. Nessa pesquisa, considera-se a possibilidade de diferenças nas opiniões e nas vivências de jovens de 15 anos em relação aos de 25 a 29 anos, o que poderia influenciar nas respostas dos participantes. Portanto, o estudo contou com duas subdivisões, de jovem-adolescentes (15 a 17 anos) e de jovem-jovem (18 a 24 anos), isso significa que o público de jovens participantes abrangeu os netos de 15 a 24 anos de idade.

Após a ida a campo, alcançou-se a participação de 12 respondentes para as entrevistas realizadas. Sete foram avós, todas mulheres, vinculadas ao grupo de convivência da cidade e que possuíam pelo menos um neto jovem. Os outros cinco participantes foram netos jovens, dois do sexo masculino e três do sexo feminino, com algum avô ou avó frequentador do grupo. Do total de participantes, foi possível entrevistar quatro avós e seu respectivo neto ou neta (quatro díades), os quatro restantes foram um neto (que possuía a avó como frequentadora do grupo) e três avós (que possuíam netos jovens, mas não foi possível estabelecer o contato). O grupo promovido pelo CRAS atende todo município. Entre as avós, quatro participaram do grupo no meio urbano e duas no rural. Uma delas não possuía vínculo, mas foi incluída na pesquisa em função da dificuldade em se chegar aos participantes.

Nos resultados dessa pesquisa, observou-se que os significados, as atividades vivenciadas, assim como a função assumida e representada pelos avós na vida dos netos foi variante, conforme se demonstraram conviventes ou residentes com os netos atualmente ou em algum momento da vida. Essa última situação foi a mais passível de uma díade avós-netos pautada nos avós como representativos de pai/mãe dos netos.

No geral, as relações traçadas no grupo estudado foram significativas, prevalecendo as trocas de conhecimentos e de experiências que aconteceram por meio de conversas, especificamente na forma de conselhos dados pelas avós e no ensinamento prático pelos netos. A concepção de avós e de netos esteve ligada ao que os participantes determinaram como papel assumido, sendo que as avós compararam os netos com os filhos e destacaram o amor que sentem. Quando narravam sobre a concepção de neto, explicaram sobre o

---

<sup>3</sup> Nesta pesquisa, define-se jovens de acordo com o Conselho Nacional de Juventude (Conjuve) que estabelece a seguinte subdivisão etária: jovem-adolescente, entre 15 e 17 anos; jovem-jovem, entre 18 e 24 anos; jovem-adulto, entre 25 e 29 anos (BRASIL, 2013b).

sentimento agradável envolvido em tornarem-se avós. No posicionamento dos netos, o jovem criado pela avó consegue delegar a ela o papel de mãe e de pai, os demais referiram as avós como exemplos de papéis simbólicos como a fé, a lição de vida e a segurança. Por fim, nos significados atribuídos, os dois públicos ressaltaram os sentimentos despertados pela presença dos avós e dos netos.

Do ponto de vista metodológico, vale destacar que a realização desta pesquisa aconteceu no período da pandemia, o que gerou adaptações na metodologia traçada no projeto inicial as quais foram devidamente explicitadas no decorrer do texto.

O contexto pandêmico refere-se ao novo Coronavírus (SARS-CoV-2) notificado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em dezembro de 2019 em razão dos vários casos de pneumonia na cidade chinesa de Wuhan. Conhecida como a doença da COVID-19 e podendo levar à morte, o vírus se alastrou pelo mundo no ano de 2020 e foi causador de uma síndrome respiratória variante de sintomas leves e graves. Portanto, como orientação da OMS, foram exigidas medidas preventivas e protetivas, entre elas destaca-se o distanciamento social. O protocolo proposto gerou alguns obstáculos na realização da pesquisa, porém não impossibilitou que a mesma acontecesse (BRASIL, 2020).

## **CAPÍTULO 1 - CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS NO CAMPO DAS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS**

A revisão de literatura proposta descreve aspectos temáticos fundamentais para a realização deste estudo. Para construí-la, foram desenvolvidos os seguintes tópicos: i) família, gerações e as relações intergeracionais; ii) relação avós-netos na adolescência e juventude e a formação da identidade; iii) as particularidades no relacionamento avós-netos e os papéis assumidos pelos avós e iiiii) contribuições teóricas da Bioecologia do Desenvolvimento Humano (TBDH).

### **1.1. Família, gerações e as relações intergeracionais**

O estudo das gerações pode receber enfoques sociais, biológicos, sociológicos entre outras formas existentes de tratar as demarcações de idade às quais o ser humano transcorre. Britto da Motta (2010) abordou algumas definições de geração, ora como dinâmica social, ora como estágio de maturação ou como fator biológico. Entretanto, prevaleceu o uso do conceito abordado por Mannheim sobre a abrangência de indivíduos pertencentes a grupos de idade em comum (BRITTO DA MOTTA, 2010), inseridos em um mesmo processo histórico-social (FORACCHI, 1972).

De acordo com Britto da Motta (2004), o termo gerações percorre um caminho de instabilidade conceitual, mesmo citando teóricos como Eisenstadt e Mannheim. No entanto, a autora discorre sobre três pontos principais relacionados a gerações. O primeiro é o coorte que faz referência aos “indivíduos nascidos no mesmo intervalo de tempo” como uma separação demográfica. O segundo são os grupos etários tangidos como a divisão a partir da idade, “gerações na família” ou “etapas do curso de vida” (BRITTO DA MOTTA, 2010, p.350). Ressalta-se que alguns autores utilizam uma delimitação de estágio de maturação, ou seja, da infância até a velhice. Por último, entende-se geração como indivíduos que compartilham a mesma época e vivem no mesmo tempo social.

Britto da Motta (2010) corrobora com Foracchi (1972) no que se refere à inserção na estrutura social como algo que ocorre de acordo com os indivíduos pertencentes ao mesmo grupo de idade. Essa igualdade de vivência acontece de forma a estabelecer as características formadoras de uma geração, pois se considera que os indivíduos acabam por se incluírem no seu processo histórico-social. Convém ressaltar, não existe sucessão de gerações, mas

continuidade entre elas, que podem estabelecer de formas diferentes (FORACCHI, 1972). São diferentes em termos de não serem a mesma, pois ainda que, por vezes, oscilem seus valores, constituem organizações que perduram entre si (SCOTT, 2010).

Pedrosa (2006) apresenta semelhante argumento ao discorrer a respeito da família, quando afirma que na mesma existe a sintonia e o contraste, pois todo ser é formado por sua identidade. Segundo Tudge (2007), “os membros de uma determinada geração buscam transmitir valores, crenças e práticas sociais à próxima geração, no curso dos processos proximais, mas esta última sempre os transforma na medida em que deles se apropria” (TUDGE, 2007, p.5).

A questão geracional pode ser abordada como mais do que simples demarcador de idade e considerada como fator social, pois a inserção dos membros familiares na rede de convívio irá revelar a identificação e/ou diferenciação entre a geração e a família (SCOTT, 2010). Normalmente, é durante a fase da adolescência que acontece a identificação ou diferenciação do indivíduo em comparação a esta instituição (FORACCHI, 1972).

No tocante à família, destaca-se que por muito tempo as pesquisas referentes às relações de socialização e de âmbito mais geral englobando os vínculos familiares, mantiveram seu enfoque voltado apenas para o estudo dos casais e seus filhos. Posteriormente, quando o estudo do desenvolvimento humano deixou de ser focado apenas no ciclo de vida e veio a inserir a perspectiva do curso de vida, foram incluídas pesquisas considerando a participação dos avós e netos (DESSEN, 2017). Essas relações intergeracionais evoluem ao longo do tempo e são influenciadas reciprocamente dentro do contexto social.

Diante disso, convém destacar que as relações avós-netos exercem implicações na família. Assim como a chegada de um filho, o nascimento de um neto gera modificações na estrutura familiar. O tornar-se avós vem carregado de novidades e transformações e observa-se que transições acontecem, os papéis são inovados, novos significados simbólicos se delimitam, sejam associados à própria velhice, quando os avós estão nessa fase da vida, ou interligados às relações familiares, como a dedicação aos netos e o surgimento de eventuais conflitos. Compreender as perspectivas tangíveis a essa nova fase pode auxiliar no entendimento da relevância desse evento familiar para a sociedade como um todo (COELHO; MENDES; RODRIGUES, 2017). O nascimento de um neto como constituinte de um dos momentos de transição, gera variáveis intrínsecas ao momento, por exemplo, o lugar que os avós passam a ocupar na família (ZANATTA; ARPINI, 2017).

A instituição “família” no Brasil constantemente passa por transformações em sua constituição como a redução do número de filhos, as modificações na divisão de tarefas em

função do gênero e as novas configurações familiares (nuclear, extensa, monoparental, entre outras). Tamanha é a diversidade que, por vezes, não se usa o termo família, mas “famílias brasileiras”. Nesse contexto, as relações avós-netos são dinâmicas e interdependentes, recebem influências da constituição familiar e de seus membros, por exemplo, no caso do papel dos pais nesse relacionamento. As informações sugerem a relevância de estudar as relações entre gerações de acordo com o contexto relacional da família (DESSEN, 2010).

Um caso prático exemplifica as transformações no âmbito das gerações na instituição familiar. A chamada “Verticalização da Família” compõe-se em famílias constituídas por um número reduzido de membros entre si, decorrente da diminuição dos nascimentos, e do aumento da expectativa de vida, o que conseqüentemente gera a convivência entre gerações distintas (TRIADÓ *et al.*, 2009). Peixoto (2015) aborda a redução do número de netos e a demanda de uma maior atenção dos avós induzindo-os a desempenhar tarefas antes realizadas pelas mães. Ao contrário do que ocorria décadas atrás, a tendência nos últimos anos é verificação de mais avós para menos netos, conseqüentemente observa-se maior demanda para os avós. Portanto, com o número de netos menor, os avós passam a ser considerados como os mais disponíveis para cuidar deles por um período prolongado.

Essas conformações tendem a se tornar ainda mais diversas em função de acontecimentos como o divórcio, a reconstituições familiares, entre outros. Esse é um dos motivos pelos quais vem ganhando ênfase os impactos da convivência com os avós no desenvolvimento dos netos, mas essa influência é bidirecional e também pode interferir no desenvolvimento pessoal dos avós (PEIXOTO, 2015; OLIVEIRA, 2009).

No Brasil, outro fator associado à convivência entre avós e netos está no fato dos jovens adiarem cada vez mais a saída da casa dos pais, o que aumenta as chances da convivência intergeracional (IPEA, 2012; OLIVEIRA, 2009). A literatura internacional percebe essa realidade no Japão onde, culturalmente, se observa o acesso tardio dos jovens à casa própria por volta dos 40 anos. Enquanto isso, os japoneses postergam a moradia na casa dos pais (GRUM; SALAJ, 2016), o que proporciona por mais tempo a convivência intergeracional entre pais, filhos e avós.

Ainda no âmbito da constituição familiar, emerge a tendência em identificar o lugar do velho. Nesse contexto, é preciso considerar que velhice, apesar de normalmente associar-se à avosidade, pode não estar necessariamente ligada a esse fenômeno. Não existe idade definida para tornar-se avós e nem mesmo é uma tarefa escolhida por eles. Quando filhos decidem torna-se pais é que gera as linhagens trigeracionais e os colocam nessa função (GOLDFARB; LOPES, 2013; ARAÚJO; DIAS, 2010; PEDROSA, 2006). De maneira semelhante acontece

com os netos, apesar de comumente serem inter-relacionados com a fase da infância, alcançam outras partes do ciclo de vida nessa categoria (PEDROSA, 2006). No entanto, quando a velhice vem marcada pelo tornar-se avô/avó, é tratada como marcante. Alguns autores até a caracterizam por ser uma etapa de mudança no curso de vida, especialmente, pelo fato da avosidade ser considerada uma alteração de experiência na vida dos indivíduos, ou seja, uma transição (PEIXOTO, 2015).

Ao se falar da velhice na família, identifica-se duas conformações de arranjos familiares com a participação de idosos que levam à convivência entre gerações. A primeira refere-se à “família de idoso” quando o idoso é o provedor financeiro na criação dos netos. Já a segunda é a “família com idoso”, quando o suporte oferecido pelos mais velhos refere-se a auxílio afetivo, pois eles dependem financeiramente dos filhos ou netos (DEBERT; SIMÕES, 2006). Por sua vez, Britto da Motta (2010) apresenta uma distinção de idosos em dois segmentos básicos: “os centenários” e seus respectivos filhos igualmente idosos conhecidos como “geração pivô”, aqueles que cuidam dos centenários e prestam auxílio aos filhos e netos.

Outro modelo estrutural abrange a coabitação entre gerações distintas. Tal modelo compreende os lares que são constituídos por três gerações, os pais (ou pelo menos um deles) residindo com os avós e netos. Também se verifica os lares com duas gerações, nos quais os pais se ausentaram e corresidem avós e netos (GOODMAN; SILVERSTEIN, 2002).

Os desdobramentos do conceito de intergeracionalidade incluem aspectos da transmissão de conhecimentos, de valores éticos e culturais, de regras e de papéis no contexto familiar. Nesse sentido, as trocas afetivas se tornam possíveis em razão das interações positivas entre os membros que vivenciam esse meio.

Bronfenbrenner (2011) aborda em sua teoria o processo proximal. Para o autor, o conceito mencionado resulta da interação entre todas as pessoas envolvidas em um contexto, gerando uma relação recíproca. Verifica-se uma relação mútua, pois provém do vínculo entre pessoas, seja entre pais e filhos ou avós e netos, por exemplo, de forma bidirecional. Por isso, compreende-se a interação como um processo envolvendo as duas partes geradoras de trocas, seja de um indivíduo com outro, seja com o próprio ambiente. A interação é evidenciada quando há duas partes constituindo uma relação e se desenvolvendo conforme os sentidos que são construídos por meio da reação de cada um (PRATI *et al.*, 2008).

Quando se usa o termo intergeracionalidade, remete-se às relações de ensinamentos entre pais e filhos. De forma direta ou indiretamente, existem outros componentes da família nessa transmissão, até mesmo se considerar que de forma anterior a essa transferência, os pais

receberam conhecimentos de seus próprios progenitores e, assim, repassam os legados obtidos das gerações passadas (BAPTISTA; CARDOSO; GOMES, 2012).

Denota-se daí a necessidade de se analisar essas interações, pois consiste em uma problemática para se compreender qualitativamente as trocas entre as gerações, sobretudo devido à bidirecionalidade do processo.

Nessa relação entre gerações existe solidariedade ou conflitos, se considerar que os avós no desejo de participarem ativamente da vida dos netos, interferem na educação desses, na vida conjugal e na autonomia dos pais (ZANATTA; ARPINI, 2017). Além disso, pode ocorrer possíveis discórdias presentes na própria díade avós-netos, como é retratado no estudo de Triadó *et al.* (2006), o qual objetivou identificar a percepção cruzada de avós e netos a respeito dos pontos de conflitos presentes nessa relação. No estudo dos referidos autores, houve destaque para a discordância sobre a saída dos adolescentes com seus amigos e desacordo no que se refere aos ideais voltados para a política, a religião e a visão de mundo.

Prosseguindo com o raciocínio anterior, lares multigeracionais ou de coabitação entre gerações, podem ser passíveis de conflitos. A coresidência ocasiona diversos fatores intrínsecos ao meio familiar, entre eles, identifica-se as mudanças estruturais, os divórcios, as doenças, as dependências químicas, os abandonos, entre outros. Nesse contexto, há vantagens como o apoio mútuo, mas as desavenças também ocorrem com frequência, em decorrência das diferenças de idade, do poder e autoridade da casa e de discordâncias no geral (DIAS; HORA; AGUIAR, 2010).

Não só a desarmonia entre opiniões pode ser fonte de reação negativa, mas a visão que alguns netos têm de seus avós. Na pesquisa realizada em Portugal com adolescentes entre 13 e 21 anos, Cunha e Matos (2010, p.1048) argumentam que, apesar da prevalência do termo amigáveis ser utilizado como ilustrativo dos avós, também identificaram classificações como “resmungões”, “melgas”, “teimosos”, “zangados”, “inseguros” e “críticos”, o que demonstra as divergências de posicionamento entre esses atores.

## **1.2. Relação avós-netos na adolescência/juventude e a formação da identidade**

O estudo das gerações engloba a adolescência, bem como a transição da juventude para a vida adulta. Não raramente a adolescência demarca o “conflito de uma geração consigo mesma” (FORACCHI, 1972, p.21) que é proveniente dos questionamentos internos a respeito de suas próprias crenças e valores, sendo que o conflito compõe as crises normativas. A partir dessa crise, depara-se com a construção da identidade do jovem, geralmente, espelhada nas

atitudes de um adulto. Na adolescência, busca-se por condições impostas pela sociedade e Foracchi (1972) define essa fase como “preparo socialmente fundamentado”, sendo marcado por rituais ou cerimônias e quando não executados faz com que os adolescentes recorram a seus grupos de pares. Tal situação pode se tornar perigosa devido às influências negativas, ao passo que a adolescência é entendida como o ensaio para a vida adulta (BRITTO DA MOTTA, 2010).

Para Ramos (2014), a construção do ser humano, bem como da sua identidade, deriva das relações intergeracionais, especificamente, entre avós e netos, as quais proporcionam a transferência de cultura e de características psíquicas construídas através da estrutura familiar a que o indivíduo faz parte. Essa transferência é perpassada de geração em geração e acontece desde o nascimento. Para a autora, é na família que são estabelecidas as regras, as normas e os papéis a ser desempenhados por cada indivíduo em sociedade.

Para Arndt e Naudé (2017), na socialização, são compreendidas as relações recíprocas multidirecionais, podendo ocorrer na família, na vizinhança ou com amigos. Entende-se que as relações auxiliam na constituição das normas e dos valores do indivíduo. Além disso, essa interação está ligada às relações mútuas e engloba as influências ativas do indivíduo em seus ambientes, sendo responsável por gerar a interdependência. Isso significa que se pode constituir um sistema recíproco de relações, contribuindo para o processo de desenvolvimento do indivíduo.

Assim, apoiados na perspectiva dos valores humanos básicos, os avós foram considerados transmissores de valores, sendo considerados verdadeiros guias para a vida dos mais jovens (NORIEGA *et al.*, 2017). Arndt e Naudé (2017) explicam que com o processo de socialização, tem-se a emergência na sociedade de adolescentes moldados pelas normas, valores, significados e discussões provenientes de experiências compartilhadas na família.

No estudo de Dias e Silva (2003), realizado com 100 estudantes universitários sobre a percepção dos jovens adultos a respeito de seus avós, sobressaiu-se a preferência pela avó materna, em razão do maior tempo de convivência com ela. Ainda no mesmo estudo, na opinião dos netos, a maior contribuição dos avós refere-se à educação que esses deram a seus pais.

Diante disso, torna-se relevante salientar que as trocas entre avós e netos, sobretudo, no que se refere aos aspectos culturais e tradicionais de continuidade, podem acontecer face a face ou com o aconselhamento oferecido aos pais de seus netos sobre a forma de desenvolver o papel de pais (NORIEGA *et al.*, 2017).

No estudo de Cunha e Matos (2010), verifica-se que o meio familiar demarcado como passível de mudanças estruturais apresenta, muitas vezes, um contexto marcado pelo estabelecimento de novas relações. Observa-se, na literatura, que as representações de netos

fora da fase da infância são raras, mas no mencionado estudo essa questão foi investigada utilizando-se uma classificação dos netos adolescentes na faixa etária de 13 a 20 anos. Percebeu-se a crença desses sujeitos a respeito do significado dos avós em suas vidas, sobretudo, no que tange a pontos intergeracionais associados à qualidade das relações tecidas.

Quanto à oferta de apoio às relações familiares proveniente dos avós, apresenta-se uma evolução a partir do passado histórico desses indivíduos. As afinidades são caracterizadas pelo alto índice de identificação entre avós e netos, retratado pelo envolvimento extensivo de cuidados prestados, principalmente, pelos avós que residem com netos (CHEN; LIU; MAIR, 2012).

Durante a adolescência, a formação da identidade acontece por meio de identificações anteriores, sobretudo, com os pais. Os mais jovens constroem o seu significado por meio do acréscimo das identificações das figuras tidas como ideais, amigos e companheiros (GRIFFA; MORENO, 2001). Diante disso, entende-se que os avós também podem aparecer como essas figuras de referência na vida dos mais jovens.

Nas relações intergeracionais, Merrill e Fivush (2016) abordam que a identidade é construída durante a juventude, quando os jovens experimentam crises normativas, e os conflitos devem ser solucionados e resolvidos de forma a encontrar um senso próprio. Nessa fase, em que os indivíduos estão vulneráveis às situações de risco diante das crises que experimentam, os avós tornam-se agentes de proteção para os mais jovens e exemplo a ser seguido, podendo auxiliá-los e influenciá-los na constituição de sua identidade cultural.

Os avós podem influenciar a formação de caráter dos netos, ajudá-los em momentos de dificuldades, sobretudo, nas questões emocionais, transmitir características, ser exemplo de fidelidade no casamento e na vida de uma forma geral, sendo esse tipo de relacionamento construído com frequência durante a adolescência ou juventude, enquanto na infância as relações tecidas são de cuidados amorosos (DIAS; SILVA, 2003). Portanto, quando adolescentes ou jovens, os netos costumam contar com o apoio emocional dos avós. Ao analisar um estudo de caso, Pinto, Arrais e Brasil (2014) argumentam que prevaleceu o fato de uma adolescente buscar acolhimento e conforto em sua avó, mesmo convivendo e morando com sua mãe. Isso remete à capacidade de escuta e apoio que os avós são capazes de oferecer.

De maneira complementar, afirma-se que as atividades compartilhadas entre avós e netos se modificam conforme altera-se a fase do ciclo familiar da qual os netos fazem parte. Durante a infância, o relacionamento é pautado em brincadeiras, em cuidados e em atividades que geram distrações, mediadas pela autoridade dos pais. Conforme se caminha para a adolescência, outros sentidos surgem para essa vivência geracional. Quando mais autônomos,

os netos prestam mais atenção na personalidade dos avós, valorizando-os pelo que são e pelo que fazem. Assim, as trocas passam a ser culturais, marcadas pela sabedoria e pela experiência de vida dos avós (DIAS, 2016).

Todavia, há pesquisas que demonstram a fase da adolescência como marcada pelo afastamento entre avós e netos em razão destes últimos dedicarem às atividades que exigem mais energia, bem como o fato de buscarem novas interações nos grupos de pares (ATTAR-SCHWARTZ; KHOURY-KASSABRI, 2016). No mesmo âmbito, é de relevância destacar como as interações nas fases iniciais, como a infância, determinam os vínculos que serão estabelecidos na vida adulta. De acordo com Pusateri, Roaché e Kam (2015), quando têm contato assíduo com os netos crianças, os próprios avós esperam relacionamentos prósperos quando os mesmos se tornam adultos. Do mesmo modo, quando não convivem com seus netos na infância, a expectativa que têm é de que essa falta permaneça até a idade adulta.

Apesar da já mencionada transição para a vida adulta que aproxima avós e netos, tem-se a visão oposta. Os netos jovens/adolescentes ao transitarem entre a juventude e o tornar-se adulto podem se afastar de seus avós, em razão da busca pela estruturação de sua vida. Dedicam-se à independência financeira e procuram relações fora da família (DIAS, 2016). Logo, pode-se limitar o contato avós-netos.

Um estudo transcultural em diversos países identificou que a autonomia do indivíduo no seu meio familiar não necessariamente é demarcadora de um processo de separação (KAGITCIBASI, 2005). Pelo contrário, para a autora, o processo de individualização, denotado pela separação das pessoas importantes é antes de tudo a arte de construir o próprio eu. Apesar da separação, esse eu construído, será o reflexo das vivências com as pessoas de referência (KAGITCIBASI, 2005). Isso significa que a autonomia é necessária ao desenvolvimento saudável das pessoas em seu meio e que nem sempre o distanciamento é sinônimo de afastamento.

### **1.3. As particularidades no relacionamento avós-netos e os papéis assumidos pelos avós**

Está intrinsecamente ligado aos sistemas de relações familiares, analisar o papel dos avós na relação com os netos, pois nesse contexto é que os indivíduos em desenvolvimento influenciam e são influenciados pelos sistemas relacionais (TUDGE, 2007). Os estudos das relações avós-netos sofrem implicações das conformações familiares. Logo, o âmbito da presente pesquisa deteve-se ao microsistema família e objetivou-se destacar o compartilhamento do sistema de valores e crenças pelos membros familiares.

O curso do desenvolvimento modifica-se conforme se designa papéis aos indivíduos, pois as pessoas que os assumem em ambientes diferentes, em um contexto mais amplo, influenciam o comportamento das pessoas perante uma cultura ou subcultura. Entende-se que o papel se constitui em um elemento do microsistema já que se caracteriza pelas expectativas a respeito de atividades e relações recíprocas, conforme ilustrado no aporte teórico da Bioecologia do Desenvolvimento Humano (BRONFENBRENNER, 1996).

Nesse sentido, a teoria em questão traz a definição de papéis como “uma série de atividades e relações esperadas de uma pessoa que ocupa uma determinada posição na sociedade e de outros em relação àquela pessoa” (BRONFENBRENNER, 1996, p.68). Compreende-se que a definição de papéis no microsistema traça expectativas de como o outro deve agir em relação à determinada pessoa. No desenvolvimento dessa pesquisa, os papéis que os avós e netos ocuparam na vida uns dos outros dependeram das expectativas de ação entre esses atores.

Assim, destaca-se que a função dos avós no relacionamento com os netos perpassa por questões estruturais dos arranjos familiares. Quando se trata do cuidado, existem variações na sua oferta e os avós podem alternar de “não envolvido”, “ajudante ocasional” ou “pais substitutos a longo prazo”. Essas variações dependem da disponibilidade dos avós, dos acordos estabelecidos com os filhos e da proximidade geográfica entre as gerações. Uma maneira de amenizar o problema do distanciamento físico decorre do maior acesso de pessoas envelhecidas às novas tecnologias. A comunicação com os netos ocorre, principalmente, pelo correio eletrônico (e-mail), sendo instrumento de fácil acesso os netos não se tornam dependentes dos pais para estabelecerem conexão com os avós. Ressalta-se que em alguns casos a menor distância entre o domicílio dos netos em relação dos avós não significa maior proximidade de contato entre eles (DUNIFON; BAJRACHARYA, 2012).

Além dos papéis mencionados, em alguns países como os Estados Unidos, existe a regra de não interferência dos avós na vida dos netos. Chen, Liu e Mair (2012) e Noriega *et al.* (2017) destacam que os avós na sua função de solidariedade, optam por não vivenciar uma responsabilidade central de cuidado dos netos. Dedicam seu papel de agente de socialização, mas não são responsáveis pela educação dos netos, pois consideram que tal atribuição gera uma sobrecarga de funções. Apesar de não serem totalmente responsáveis, não comprometem a sua contribuição para a vida dos jovens.

Dentro de uma abordagem de socialização, há autores que identificaram avós que reorganizam suas vidas em prol de reestabelecer o equilíbrio no sistema familiar. Takahara *et al.* (2018) realizaram um estudo no qual as avós cuidavam de netos que consumiam

substâncias psicoativas e se assumiram como responsáveis pela socialização deles. O que sobressaiu foi o fato dessas avós dedicarem aos seus netos e deixarem de exercer atividades importantes da rotina. Elas deixaram, por exemplo, de promover momentos de lazer, de realizar brincadeiras e trocas de experiências com seus netos, em razão de executar a tarefa de socialização ou ressocialização desses indivíduos. Logo, percebe-se tais abdições como geradoras de sobrecarga e de cansaço aos mais velhos.

No estudo de Lee, Blitz e Grand (2014) também foi discutido a privação dos avós em relação a poder dedicar cuidados amorosos aos netos. Os avós relataram dificuldades em separar o relacionamento dos netos que são por eles criados com aqueles que são criados pelos próprios pais. Verifica-se o desejo de poder dedicar cuidados amorosos e generosos a todos, entretanto, optam por assumir uma postura de responsabilidade maior com os netos por eles criados.

Esse estudo vem dialogar com outros trabalhos como o de Clingempeel *et al.* (1992). Os autores destacam o fato de os avós desempenharem um papel mais importante na vida dos netos quando esses passam por algum momento de crise, por exemplo, morte dos pais, divórcio, desemprego, doenças e comportamentos de risco.

Os avós exercem papéis importantes na transmissão de saberes entre gerações. Vitale (2000) verificou como legados a transmissão de conhecimento quando segue o sentido dos mais velhos aos mais novos. Os legados são compreendidos como: i) de ordem (refere-se à transmissão de valores como responsabilidade, organização, educação e costumes); ii) de solidariedade (refere-se aos sentimentos como amor, amizade, justiça, colaboração e respeito) e iii) de fé (os quais fazem referência à fé, à espiritualidade e à religiosidade).

Na transmissão de valores tradicionais é possível destacar a memória que expressa muito mais do que recordações, uma vez que ela não é pura. Além disso, a memória individual emerge através da memória coletiva, sendo expressa pela cultura, pelos modos de ser, pelo sentir e pelo fazer (MINUZZI, 2007). Estudar a memória é “estudar a cultura e a história de cada sujeito e de seus grupos” (MINUZZI, 2007, p. 28). Isso remete a pensar que a memória do indivíduo é também a memória de seu grupo e de sua cultura. Apesar de coletivamente construída, cada um elabora sua memória individual, por conseguinte, cria-se a partir de sua memória coletiva.

Em seu estudo, Minuzzi (2007) buscou identificar a memória sobre os avós na opinião dos próprios idosos-avós. Observa-se que na literatura eles possuem pouco espaço para expressarem sua voz, sendo que grande parte das investigações retrata a opinião dos netos. Ressaltou-se na lembrança dos avós, a convivência como aspecto da manifestação cultural,

tanto no que se refere à vivência com seus próprios avós, quanto ao seu contato com os netos, demonstrado como aspecto intrínseco às trocas culturais. Assim, destaca-se que a convivência é um fator cultural, que depende, sobretudo, dos papéis que os avós exercem na vida dos netos.

O papel dos avós na vida dos netos depende de algumas particularidades emergentes do tornar-se avós. Conforme a faixa etária em que estão, há diferenças na forma de receber os netos. De acordo com Mueller, Wilhelm e Elder (2002), para os avós precoces, a chegada de um neto pode implicar em reorganizar a vida profissional, familiar e social. Além disso, podem focar mais na sua função de pais e se dedicarem menos aos netos.

Quando são avós envelhecidos os impactos são outros, uma vez que existe a possibilidade de dificuldades em caso de vulnerabilidade física ou psicológica. Ao contrário, os netos podem ser fonte de companhia no caso de viuvez. Ressalta-se que a idade interfere nas interações avós-netos no que diz respeito à ajuda, pois quando os avós são idosos manifestam maior desejo de receber ajuda do que auxiliar os netos (FERREIRA, 2011). Assim, convém destacar que, existem avós que prestam apoio esporádico e outros que apenas convivem, o que pode variar conforme a idade dos avós (LEOPOL; SKOPEK, 2015) e dos netos (RAMOS, 2015).

De maneira semelhante, é notória a existência de particularidades que influenciam nas formas de relação avós-netos. Por exemplo, de acordo com Arrais *et al.* (2012) esse relacionamento ocorre de forma distinta quando os netos residem junto com os avós, ou quando apenas mantêm contato, e não moram juntos. Além disso, o convívio próximo entre avós e pais permite uma vivência próxima entre avós e netos. Do mesmo modo, se o convívio for distante, haverá dificuldades nessa interação (RAMOS, 2014). Existem também diferenças de contato com os netos, em razão do gênero dos avós (PEDROSA, 2006; PEIXOTO, 2015; ARRAIS *et al.*, 2012).

Conforme varia o gênero dos avós, modifica-se a natureza das relações construídas. As avós são maiores influenciadoras nos valores dos netos, sobretudo, nas crenças religiosas e na identidade pessoal, enquanto os avôs dedicam-se mais a transferir crenças políticas e éticas no trabalho (ROBERTO; STROES, 1992 *apud* DIAS; SILVA, 2003). Ainda no quesito gênero, em uma pesquisa realizada por Dessen (2017) com 24 avós e 12 filhos que possuíam um ou mais filhos crianças, os avós ressaltaram as diferenças nas considerações sobre a similaridade física e comportamental dos netos. De acordo com o sexo, enquanto as avós identificaram mais semelhanças físicas, os avôs observaram maiores aproximações comportamentais verificadas nas atividades referentes à leitura, à individualidade, à introspectividade e à afinidade pelo futebol.

A distância geográfica também se apresenta como condição relativa ao contato entre avós e netos. Ramos (2011), em estudo realizado sobre as relações intergeracionais entre avós e netos na fase da infância, ilustrou que a qualidade das relações, o formato das uniões, os divórcios e as reconstituições familiares são fatores que influenciam nas relações avós-netos. Considerando a distância geográfica, compreende-se que a coabitação dos filhos com os genitores tende a proporcionar maior convivência dos avós com os netos.

Outro fator que pode influenciar as relações avós-netos refere-se à origem dos mesmos. Merrill e Fivush (2016) realizaram um estudo na zona rural de Taiwan, China, e constataram ser mais comum os pais narrarem suas histórias aos filhos com a finalidade moral, do que os pais da mesma região que vivem no meio urbano. Do mesmo modo com uma pesquisa que trata da relação de avós e netos na China, Chen Liu e Mair (2012) argumentaram que em decorrência de um forte movimento migratório rural urbano nos anos 80, aconteceu de os avós se tornarem mais necessários nas famílias rurais, visto que as gerações de mães e pais migravam para a cidade em busca de melhores condições de vida. Nesse contexto, destaca-se que, pela marcante cultura patriarcal, os avós sobressaíram como maiores prestadores de cuidados.

Dare *et al.* (2020) acreditam que as famílias lideradas por avós geram maior constância e convivência contínua com os outros membros da família. Entretanto, dependendo do motivo que levaram aos netos a morar com os avós, pode significar sofrimento físico e psicológico dos jovens, agravado por ter que passar por ambientes familiares diversos. Do mesmo modo, os avós podem extrair experiências positivas pelo ato de criar os netos, sentindo-se úteis e causando admiração aos membros da família. Contudo, no que se refere ao lado negativo, destaca-se o fato de dedicarem-se tanto aos netos a ponto de esquecerem-se dos cuidados com a saúde e com o bem-estar. Logo, ressalta-se a importância de haver um equilíbrio relacional.

Diversos autores realizam apontamentos a respeito dos impactos de os avós cuidarem dos netos, seja em relação aos corresidentes, com a tutela ou não, seja por aqueles que destinam uma determinada carga horária semanal de dedicação aos netos. As abordagens dos impactos, entretanto, irão mudar conforme algumas variáveis, por exemplo, a avaliação do estresse (ICE *et al.*, 2012), a mediação do apoio social e a saúde mental dos avós cuidadores em tempo integral (HAYSLIP; BLUMENTHAL; GARNER, 2015; WHITLEY; KELLEY; LAMIS, 2016). Também é destacada a análise do bem-estar subjetivo de avós não residentes, com foco nas questões emocionais e afetivas (MAHNE; HUXHOLD, 2015).

#### 1.4. Contribuições Teóricas da Bioecologia do Desenvolvimento Humano

Antes de iniciar a contextualização da teoria, optou-se por trazer aspectos apontados por alguns dos estudos abordados nesse trabalho, que se apropriaram da Teoria Bioecológica, como aporte para pesquisas envolvendo as relações avós-netos.

Primeiramente, apresenta-se a experiência no cuidado baseada na proximidade, no sentimento de responsabilidade como forma de oferecer amparo socioeconômico e afetivo - oferecido pelas avós e avôs. Tal aspecto apareceu fundamentado pelos princípios da interação Bioecológica de Bronfenbrenner (MERRILL; FIVUSH, 2016; ARNDT; NAUDÉ, 2017; TAKAHARA *et al.*, 2018).

Arndt e Naudé (2017), Takahara *et al.* (2018) e Merrill e Fivush (2016) abordam sobre a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano e destacam que o teórico Bronfenbrenner (1996, 2011) explica a família como um sistema, em que os comportamentos e as crenças familiares são derivados de um processo interacional. Assim, a partir dessa teoria, trabalhou-se os contextos sociais aos quais as pessoas se relacionam, o que permite inferir que o desenvolvimento das pessoas sobre si, ou seja, sobre a formação de sua identidade, e sobre seus relacionamentos, é fruto das interações ativas com seus ambientes, definidas como relações recíprocas. O conceito de relações recíprocas para Arndt e Naudé (2017) perpassam as relações que compreendem a interdependência, isto é, constitui um sistema recíproco de relações.

A Teoria Bioecológica, frequentemente citada nos estudos nacionais e internacionais envolvendo família, foi desenvolvida por Urie Bronfenbrenner (MERRILL; FIVUSH, 2016; ARNDT; NAUDÉ, 2017; TAKAHARA *et al.*, 2018; DESSEN, 2010; MOREIRA, 2013). Em se tratando da temática “avós e netos”, se apresenta autores que a escolheram como aporte e obtiveram experiência exitosa utilizando-a na análise de seus dados (AZAMBUJA, 2016; COELHO, 2018; SOUZA, 2016).

A primeira teoria desenvolvida pelo teórico foi a Ecológica, posteriormente, ela se transformou em Teoria Bioecológica do desenvolvimento humano. Existiam modelos de pesquisa que predominavam na década de 70, com os quais Bronfenbrenner não concordava, mas que serviram de inspiração em sua trajetória, com destaque para: i) modelo de endereço social, ii) modelo de atributos sociais, iii) nicho sociológico e iv) pessoa-contexto. Bronfenbrenner (1996) tecia críticas a esses modelos, muitas vezes, por não investigarem a fundo o ambiente ou por deixarem de averiguar o impacto das características da pessoa no curso do desenvolvimento, além de não incluírem o tempo, aspecto considerado por ele na

transformação de sua teoria em Bioecológica com a adição do elemento cronossistema (DESSEN; JÚNIOR, 2008).

Os pesquisadores apoiados na teoria geralmente a utilizam para descrever uma proposta de pesquisa que se aproxime dos aspectos determinados por ela, pois o próprio teórico “nunca propôs um método de pesquisa claramente operacionalizado” (PRATI *et al.*, 2008, p. 160), o que dificulta a aplicação prática do seu modelo. Uma razão para essa ausência atribui-se ao fato de o teórico não ir à campo para construir os dados empíricos, se disponibilizando apenas a comentar pesquisas próximas à forma em que ele acreditava que deveriam ser realizados os estudos (TUDGE, 2007).

Por essa razão, convém explicar os aspectos principais da teoria. O sistema Bioecológico se divide em cinco subcamadas. O microsistema é aquele que compreende as relações internas, perpassando pela casa, pela escola, pela família, e pelo grupo de pares. Enquanto, no mesossistema, tem-se as interações com o microsistema, isto é, as relações entre indivíduo e escolas, famílias e organizações religiosas, por exemplo. Já o exossistema inclui outras interações no contexto social, são elas realizadas com o mundo do trabalho, com contextos de vizinhança e comunidade, com conselhos escolares e com os meios de comunicação. O macrossistema inclui um contexto não particular, de cultura ou subcultura. Por último, a camada mais ampla é o cronossistema, que abrange as transformações e as transições de vida ao longo do tempo (ARNDT; NAUDÉ, 2017).

No macrossistema se delinea a cultura. É abordado como equivalente aos valores, as crenças, aos padrões de trocas sociais, aos estilos de vida. Observa-se que essas questões estão em constantes modificações, muitas vezes, em decorrência de eventos maiores da sociedade (cronossistema), no âmbito social, político e econômico. Portanto, as mudanças refletem em cada geração e alteram-se conforme há mudanças no processo histórico-social (TUDGE, 2008).

Além dessas especificações, existem outros aspectos da teoria que merecem ser descritos para compreensão da presente pesquisa. Inicialmente, ressalta-se a referência a que se faz ao uso do termo “ecológico” ou “ecologia” como a essência da teoria, pois diz respeito à interdependência entre o indivíduo e o contexto (ambiente). Outro ponto é que a teoria foi elaborada voltada para o estudo de pesquisas sobre o desenvolvimento humano. Nesse sentido, a definição de desenvolvimento relaciona-se ao processo de mudança na forma como a pessoa percebe seu ambiente, ou seja, a pessoa ativa em crescimento conjunto com as mudanças dos ambientes. O processo de “interação é recíproco e bidirecional”, pois tanto o

indivíduo quanto o ambiente exercem sua influência sob um processo de “acomodação mútua” (MOREIRA, 2013, p.92-93).

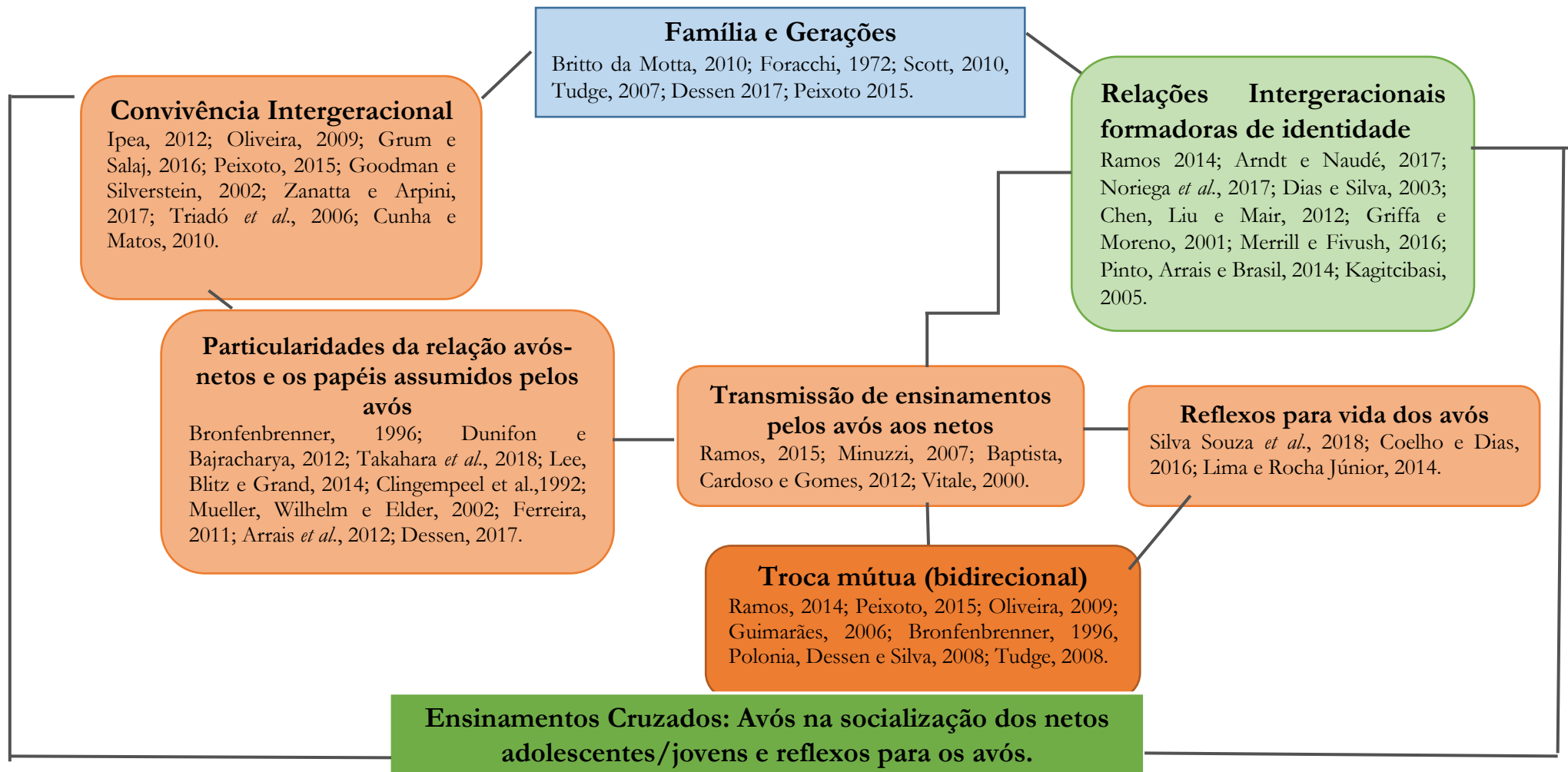
Moreira (2013) aborda alguns dos conceitos elencados pela Teoria Bioecológica. Assim, destaca que o meio ambiente é compreendido como uma série de estruturas encaixadas e interconectadas que são o micro-, o meso-, o exo- e o macrossistema, como já exemplificados anteriormente. Outro conceito imprescindível de ser mencionado da teoria são as díades, relações construídas quando duas pessoas prestam atenção (díade observacional) ou exercem algum tipo de participação nas atividades uma da outra (díade de atividade conjunta). Nesse aspecto, destaca-se a emergência de uma propriedade referente às interações diádicas e à relação afetiva (POLONIA; DESSEN; SILVA, 2008).

Dentro dessas interações, quando os indivíduos se relacionam surgem sentimentos mutuamente positivos ou não. A partir daí emerge a díade primária, aquela que mesmo quando as pessoas não estão juntas continua a existir e exercer influência, por exemplo, no caso de avós e netos. As duas pessoas podem ser importantes uma para outra e continuarem a exercer influências comportamentais mesmo quando estão distantes, através da aparição no pensamento de cada um. Nessa perspectiva, a teoria serve de subsídio para a explicação da díade avós-netos, quando se considera as relações familiares inclusas em um sistema de interação (POLONIA; DESSEN; SILVA, 2008).

Após a realização do levantamento da literatura, foi possível elaborar um mapa temático (Figura 1), no qual situamos as questões principais que se destacaram nas contribuições teóricas que embasaram o presente estudo.

Diante da literatura apresentada, pode-se inferir que há lacunas sobre a relação intergeracional que promova a interação entre avós e netos adolescentes e jovens, demonstrando os efeitos dessa vivência tanto para jovens, quanto para os idosos-avós.

Figura 1- Mapa temático da literatura.



Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da pesquisa (2020).

## **CAPÍTULO 2 - PERCURSO METODOLÓGICO**

Esta pesquisa foi elaborada com foco no trabalho com idosos que frequentavam o Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) de São Miguel do Anta, cidade localizada no estado de Minas Gerais. Em decorrência da pandemia da COVID-19 que atingiu o Brasil e o mundo no final de 2019, com maiores extensões e proporções no ano de 2020, aconteceram adaptações na proposta inicial do projeto de pesquisa. O planejado era uma intervenção no formato de roda de conversas com os idosos, e entrevistas com os avós e seus netos. Previa-se a realização de entrevistas com um público maior de participantes. Entretanto, devido à suspensão das atividades do CRAS, a roda de conversa foi cancelada, e o formato das entrevistas precisou ser alterado<sup>4</sup>.

Nesse período, as atividades do grupo foram canceladas, pois mesmo na ausência de casos confirmados da doença, um “plano de contingência contra o coronavírus” foi traçado pelo governo local (PREFEITURA DE SÃO MIGUEL DO ANTA, 2020). Por essa razão, como acréscimo e alteração da proposta anterior, justifica-se a inclusão de um novo capítulo, apresentando resultados de uma análise de artigos publicados sobre a temática em questão, por meio de uma revisão integrativa, com intuito de demonstrar a forma que o tema é retratado na literatura.

Diante disso, o percurso metodológico realizado foi estruturado em dois momentos: O primeiro referiu-se às etapas utilizadas para realizar a revisão integrativa. Já o segundo tratou do caminho percorrido para pesquisa de campo, contando com as subdivisões em: tipo de pesquisa, local do estudo, seleção dos participantes do estudo, técnicas de construção dos dados, limitações e dificuldades, questões éticas e análise de dados. Ambos os momentos irão compor os resultados dessa dissertação e foram relacionados ao longo do processo.

### **2.1. Primeira etapa metodológica: revisão integrativa**

A revisão integrativa da literatura é uma técnica pautada em métodos específicos, sistemáticos e rigorosos. Passível de ser reproduzida, ela apresenta a síntese dos resultados de pesquisas anteriores de forma crítica e preocupada com a qualidade das evidências encontradas (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011; FOSSATTI; MOZZATO; MORETTO, 2019). Esse

---

<sup>4</sup> Informa-se que, em razão de orientações da coordenação do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para suspensão das atividades presenciais devido ao risco de contaminação, as entrevistas presenciais foram interrompidas por prudência, considerando que a pesquisa incluía a participação de idosos.

tipo de revisão, muito utilizada na área da saúde, ganhou espaço no meio científico internacional com destaque na área de estudos Organizacionais e nas Ciências Sociais Aplicadas. Entretanto, no contexto de pesquisas nacionais, a revisão integrativa é ainda incipiente nas áreas de estudos mencionadas (FOSSATTI; MOZZATO; MORETTO, 2019).

De forma a reunir evidências a respeito do tema estudado, elaborou-se o seguinte questionamento: como as relações avós-netos apresentaram-se e quais são as questões emergentes desse relacionamento que mais se destacaram nos estudos encontrados?

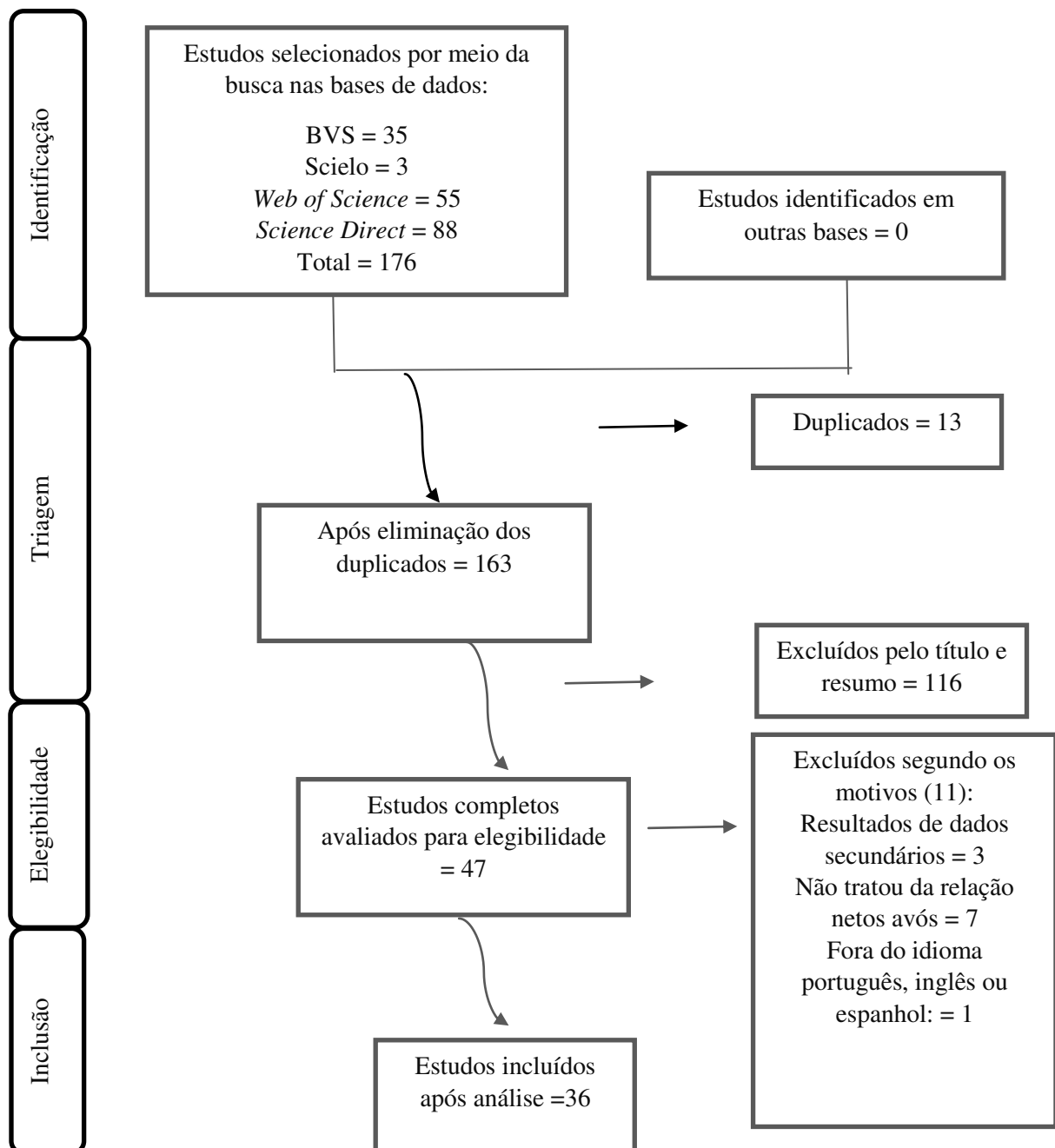
Foi realizada uma revisão integrativa de acordo com as etapas propostas por Botelho, Cunha e Macedo (2011) das quais se apresentam: i) identificação do tema e seleção da questão de pesquisa; ii) escolha dos critérios de inclusão e exclusão; iii) identificação dos estudos pela leitura do resumo ou texto na íntegra; iv) categorização dos estudos selecionados; v) análise e interpretação dos resultados e vi) apresentação da revisão.

Após explorado o assunto e no sentido de abordar também a literatura internacional, definiu-se como melhor descritor a combinação, (*Relationship between grandparents and their grandchildren*), nos bancos de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), da *Scientific Electronic Library Online* (Scielo) e do *Web of Science e Science Direct*. Optou-se pelo recorte de pesquisas realizadas nos últimos dez anos, por abranger maior possibilidade de trabalhos com avós e netos em variadas fases da vida.

A partir do estabelecimento desses parâmetros e por meio do título e do resumo, iniciou-se a seleção de artigos. Os critérios para leitura na íntegra foram: i) ter acesso ao texto completo; ii) considerou as publicações em português, inglês ou espanhol, no intervalo de 2010 a 2020; iii) pesquisa realizada com seres humanos; iv) conter referência à relação entre avós e netos em diversas fases da vida; v) retratar a população de netos e/ou avós; vi) apresentar menção a algum fator da relação entre eles; vii) destacar as relações intergeracionais entre avós e netos pela opinião deles e/ou outros membros familiares; viii) discorrer sobre a população de idosos, de crianças, de jovens, ou de estudantes que retratam a relação avós-netos; ix) envolver gerações como pais, avós e filhos, ilustrando a relação avós-netos. Como critério de exclusão, ignorou-se os estudos que não se referiram à relação intergeracional entre netos e avós.

Foram identificados e avaliados o total de 176 artigos, sendo 35 da BVS, três do Scielo, 50 do *Web of Science* e 88 do *Science Direct*. Desses, por meio da leitura do título, do resumo e da leitura na íntegra, 36 atenderam a proposta da pesquisa e foram classificados para análise. A Figura 2 ilustra o fluxograma do processo completo de seleção dos artigos.

Figura 2 - Fluxograma de seleção dos artigos encontrados, segundo recomendações PRISMA (GALVÃO; PANSANI; HARRAD, 2015).



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da pesquisa (2020).

Para coleta de dados utilizou-se o *software State of the Art through Systematic Review (StArt)*, ferramenta desenvolvida pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) destinada a reunir evidências da literatura em uma revisão sistemática.

Com o StArt criou-se um protocolo essencial para a extração dos dados dos artigos científicos, atentando-se para os itens: objetivos, participantes (amostra), palavras-chave, revista e ano de publicação, local de realização, método de coleta e de análise de dados, teoria, país de origem, resultados relevantes e considerações finais. Para atender à questão de pesquisa inicial, observou-se ainda os aspectos emergentes do relacionamento netos-avós e os tipos de relações estabelecidas entre eles.

A análise das publicações buscou caracterizar o quadro de artigos de acordo com as classes temáticas elencadas manualmente e geradas pela Classificação Hierárquica Descendente (CHD). Para isso, foi utilizado o IRaMuTeQ versão 0.7 alpha 2. A partir da submissão de um *corpus* textual com os itens incluídos na coleta dos dados sistematizados no *Software* StArt, foi realizada uma análise manual e semiautomatizada, conforme proposto por Bardin (2011).

Além da CHD, realizou-se a análise de similitude e de nuvem de palavras. A primeira representa a coocorrência entre as palavras, isto é, a conexão entre termos que se repetem próximos uns dos outros. Por sua vez, a segunda destaca as palavras de maior ocorrência no *corpus* analisado (CAMARGO; JUSTO, 2013). Bardin (2011) discute que a análise computacional deve ser mediada pelo pesquisador, que precisa interpretar o núcleo de sentido das palavras.

Com a intenção de promover uma discussão ampliada sobre o tema, e provocada pelos resultados encontrados, destaca-se que esses foram relacionados com os dados obtidos pela pesquisa de campo, sendo apresentado na próxima seção.

## **2.2. Segunda etapa metodológica: pesquisa de campo**

### **2.2.1. Tipo de pesquisa**

As discussões a respeito da pesquisa qualitativa e quantitativa emergem de forma incidente no campo dos estudos científicos na qual é fundamental a escolha de uma metodologia que dialogue com o problema e com a fundamentação teórica. Existem particularidades sobre o método qualitativo e quantitativo, sendo o primeiro pautado nos significados e crenças sociais e o segundo focado em informações numéricas. Ainda que com essas diferenças, é relevante remeter-se a inter-relação entre essas metodologias e afirmar que

dados qualitativos são passíveis de mensuração e os quantitativos de interpretação, e, geralmente, só existe coerência se assim o forem (VIEIRA, 2005).

Diante disso, com o intuito de alcançar os objetivos propostos, realizou-se um estudo predominantemente qualitativo, com caráter descritivo-exploratório e com presença de traços de análise quantitativos. De acordo com Oliveira (2008), a investigação qualitativa se caracteriza pela interpretação do mundo real através da experiência vivenciada pelos sujeitos, o que se justifica pela realização de uma pesquisa com base em um caso. Nesse sentido, Creswell (2007) trata da relevância do uso das estratégias de técnica qualitativa, como o estudo de caso, que permite ao pesquisador explorar um determinado grupo de pessoas, um fato ou atividade, durante um período.

Já no método quantitativo, exige-se um nível de objetividade nas etapas de pesquisa, conferido por questões como a especificação das características dos participantes do estudo, bem como o tamanho da amostra ou número de pessoas respondentes da pesquisa (CRESWELL, 2007).

Além disso, o autor supracitado trata da relevância e destaca a riqueza de uma pesquisa baseada no método misto como forma de diminuir diferenças que poderiam surgir nos dados quando se utiliza apenas um desses métodos. Considerou-se nesse estudo a “triangulação das fontes de dados”, responsável por combinar distintos métodos de coleta, de análise e de interpretação de dados. Para tanto, aplicou-se um questionário, seguido pela realização de entrevistas semiestruturadas que foram categorizadas por meio da análise de conteúdo em conjunto com a análise textual do *software* IRaMuTeQ e discutidas conforme os achados da revisão integrativa.

### **2.2.2. Local de estudo**

A pesquisa foi realizada com avós e netos residentes em São Miguel do Anta (SMA), cidade localizada na Zona da Mata Mineira, sendo uma das que compõem a microrregião de Viçosa/MG. De acordo com o último censo de 2010, a população do município era de 6.760 habitantes. Nesse mesmo censo, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM) foi de 0,644, obtendo a cidade uma classificação média de Desenvolvimento Humano. O que possibilitou ao município essa colocação foi seu alto índice de Longevidade (0,828) seguido da Renda (0,616) e, posteriormente, da Educação (0,523) (ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO, 2010).

A escolha da cidade ocorreu com a intenção de continuar o estudo de Silva (2016) cujos resultados apontaram para a importância entre as gerações no processo de

desenvolvimento dos jovens. Além disso, particularidades estruturais e etárias da cidade, como a elevada expectativa de vida e o significativo número de jovens, despertaram o interesse por aprofundar essas questões.

Na cidade, a expectativa de vida ao nascer cresceu 3,4 anos na última década, passando de 71,3 anos, em 2000, para 74,7 anos, em 2010. Conforme dados do último Censo (2010) (ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO, 2010), ao consultar a pirâmide etária, observa-se o significativo número de homens e mulheres jovens, com idade entre 15 e 29 anos. Tais resultados permitem inferir a possibilidade de convivência entre pessoas jovens e idosas ao longo da vida.

Apesar de ser uma cidade de pequeno porte, São Miguel do Anta desenvolve uma diversidade de atividades culturais. De modo similar ao que acontece em outras cidades do estado de Minas Gerais, muitas dessas atividades estão interligadas a questões religiosas, portanto, conferem uma grande representatividade de manifestação popular. As celebrações mais tradicionais incluem: festa de Nossa Senhora do Rosário e Congado, Coroações do mês de Maria, festa de Nossa Senhora da Conceição (padroeira da cidade), festa de Nossa Senhora Aparecida (ocorre na zona rural da comunidade Capivara) e encomendação das almas (PREFEITURA DE SÃO MIGUEL DO ANTA, 2019).

De acordo com dados da Secretaria Municipal de Assistência e Ação Social (SMAA), são desenvolvidos na cidade quatro grupos de convivência e fortalecimento de vínculos, dentre eles, estão os dedicados: i) às crianças de 3 a 6 anos; ii) às crianças e adolescentes de 7 a 12 anos; iii) aos adolescentes e jovens de 14 a 18 anos (Projovem) e iv) ao grupo de atividades físicas para pessoas idosas. Este último grupo é o foco desta pesquisa o qual constitui o público consolidado como terceira idade. O grupo é responsável por atender idosos da zona urbana, realizando atividades no Ginásio Poliesportivo, e da zona rural, com suas ações desenvolvidas na comunidade da Capivara (PREFEITURA DE SÃO MIGUEL DO ANTA, 2019).

Figura 3 - Vista aérea da cidade de São Miguel do Anta – MG.



Fonte: Disponível em [www.saomigueldoanta.mg.gov.br](http://www.saomigueldoanta.mg.gov.br) Acesso em: 13 nov. 2020.

As imagens anteriores ilustram a vista panorâmica da cidade do estudo. Na primeira imagem, constata-se ao redor do centro urbano as lavouras de café, demonstrando a relevância da atividade agrícola de mais importância na cidade<sup>5</sup>. Por coincidência, a colheita do café ocorreu no mesmo período de coleta de dados, o que impactou na participação do público

---

<sup>5</sup> A colheita do café apareceu em evidência na fala das avós participantes do estudo. Como atividade de referência local, esteve associada também ao início de uma vida de trabalho na roça muito jovem de forma a retirar dessas pessoas as oportunidades de darem prosseguimento aos estudos.

pesquisado. Outro aspecto representativo da cidade é a igreja matriz da religião Católica Apostólica Romana (em destaque na segunda imagem). Localizada no ponto central da cidade, é considerada o cartão de visita da mesma e revelador de um aspecto forte entre seus moradores, a fé. No estudo desenvolvido, identificou-se que tal aspecto apareceu nos resultados da transmissão entre geração.

A zona rural também apresenta suas peculiaridades. A comunidade da Capivara, por exemplo, conta com idosos participantes do grupo de convivência, por essa razão foram convidados a participarem da pesquisa. Localizada entre o município de São Miguel do Anta e Ervália, a comunidade carrega uma forte tradição histórica de um povo que se dedica a agricultura, principalmente, no cultivo do café. Tal prática está vinculada à tradição familiar, isso significa que é também possível observar aspectos intergeracionais (PREFEITURA DE SÃO MIGUEL DO ANTA, 2019).

Como moradora da cidade, é possível afirmar a forma tradicional com que as pessoas vivem. De forma geral, os residentes possuem baixa qualificação, debruçam-se mais para a realização de atividades agrícolas e rurais, constituindo uma população de muitos lavradores. Observa-se uma frequência ativa, principalmente, das pessoas mais idosas, nas missas e no envolvimento das atividades religiosas. Além disso, as reuniões familiares são costumes típicos dos moradores, sobretudo, aos finais de semana, o que possibilita encontros intergeracionais nas famílias. Após essas especificações sobre o local do estudo, no próximo item será descrita a forma de seleção dos participantes.

### **2.2.3. Seleção dos participantes**

Na proposta inicial do projeto almejava-se uma roda de conversa com o grupo de convivência organizado pelo Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). Contabilizamos aproximadamente 80 participantes assíduos, definido pela participação de um público residente tanto na zona urbana, quanto na zona rural, com destaque aos moradores da comunidade Capivara. As atividades realizadas no grupo de convivência da zona urbana são as mesmas que acontecem com os participantes da zona rural, resumidas em atividades físicas e dança (forró). O intuito de promover atividades nos dois locais ocorre para facilitar a participação dos que moram distante da cidade. Há indícios de que as relações familiares são diferentes entre as pessoas dos centros urbanos e das pequenas cidades, o que induz a possibilidade de encontrar diferenças nas relações estudadas quando realizadas em contextos diferentes.

Além de ser o primeiro contato com os idosos, a roda de conversa seria uma etapa voltada para recrutar os idosos-avós e seus respectivos netos que se encontrassem na fase da adolescência/ juventude, com idade de 15 a 24 anos<sup>6</sup>. Entretanto, em função do avanço da pandemia pelo mundo que levou ao distanciamento social de toda população, algumas modificações foram necessárias. Uma delas foi o cancelamento da roda de conversa e a busca dos participantes de forma pessoal e individualizada.

Os critérios permaneceram os mesmos para realização das entrevistas com idosos e com os netos. Para os primeiros, estabeleceu-se os seguintes critérios: frequentar o grupo da terceira idade, ser avós de netos com idade entre 15 e 24 anos, de ambos os sexos, ter discernimento para dar seu próprio posicionamento, aceitarem participar da pesquisa. Já para os participantes jovens foram determinados os seguintes requisitos: ser netos de ambos os sexos de algum frequentador do grupo de convivência com idade entre 15 e 24 anos, ter discernimento para responder por si próprio e apresentar interesse em participar da pesquisa.

Destaca-se que foi interessante quando conseguiu-se entrevistar avós e algum de seus respectivos netos. Entretanto, esse não foi um critério obrigatório, uma vez que se aceitava a participação de entrevistados que não formavam necessariamente uma díade. Portanto, a modificação efetuada foi na forma de recrutamento dos participantes e na realização de algumas entrevistas que se deram não de forma presencial, mas por meio de chamada de vídeo ou chamada de voz como procedimento de segurança aos participantes e à pesquisadora. Quanto às entrevistas presenciais, realizadas quando a pandemia não estava em sua fase avançada, aconteceram com os devidos equipamentos de segurança e distanciamento exigido.

Como o recrutamento por meio da roda de conversa em parceria com o CRAS precisou ser cancelado, como natural e moradora da cidade, a pesquisadora solicitou auxílio aos conhecidos e parentes para selecionar e conseguir os telefones dos idosos que frequentavam o grupo e possuíam netos jovem-adolescente ou jovem-jovem, composto por uma técnica conhecida por bola de neve.

De acordo com Vinuto (2014), a amostragem por bola de neve é vantajosa quando se estuda grupos de difícil acesso pela sua técnica em cadeia de referência. No entanto, muito se tem receio pela representatividade do objeto em estudo, visto que é uma técnica que acaba por selecionar uma amostra de participantes centrada em pessoas muito próximas entre si. Entretanto, nessa pesquisa essa técnica adequou-se ao tema estudado, pois não se priorizou

---

<sup>6</sup> Como colocado pelo Conjuve, público jovem-adolescente e jovem-jovem, para participação nas entrevistas.

objetivos voltados para uma amostra probabilística. Além disso, como os participantes da pesquisa compreendiam um grupo já consolidado, automaticamente faziam parte de uma mesma rede social, com menor chance de variação de perfil.

No público de pessoas idosas, quatro participaram de forma presencial quando a pandemia ainda não se acentuava nas microrregiões próximas a cidade de Viçosa/MG. Neste contexto, precaveu-se com os devidos Equipamentos de Proteção Individual, os EPI'S, o álcool em gel e o distanciamento exigido. As demais entrevistas foram realizadas por chamada de voz (2) ou chamada de vídeo (1) com auxílio da neta. Duraram em média 22, 18 minutos e foram gravadas mediante autorização, por meio do termo de compromisso, (Apêndice A) ou por autorização cedida no telefone.

O público de jovens netos, com o mesmo meio de recrutamento dos idosos, ora partiu por meio de indicação de conhecidos, ora por informações cedidas pelos avós. Foram realizadas duas (2) entrevistas presenciais com os devidos EPI'S e distanciamento. As demais, aconteceram por conversa de áudio em WhatsApp (1), por vídeo chamada WhatsApp (1), e por chamada de voz via WhatsApp (1). Observava-se a forma que o participante ficava mais à vontade. As duas presenciais foram autorizadas perante assinatura no termo e as virtuais por meio da fala dos participantes e posterior envio do termo de compromisso (Apêndice B). Duraram em média 24, 37 minutos e foram gravadas mediante autorização. Destaca-se que somente foi possível entrevistar netos classificados como jovem-jovem.

#### **2.2.4. Técnicas de construção dos dados**

Como instrumentos de coleta, o estudo contou com a aplicação de entrevistas de roteiro semiestruturado acompanhada de um pequeno questionário sociodemográfico para os avós (Apêndice C) e netos (Apêndice D). A pesquisa baseou-se ainda em observações pautadas em um diário de campo, preenchido após cada entrevista.

A coleta de dados por meio de entrevistas teve início no mês de abril, após autorização do Comitê de Ética da Universidade Federal de Viçosa (CEP/UFV) (Anexo I). O intuito de aplicar essa técnica foi para ter acesso às informações que os participantes possuíam, sendo um instrumento acessível para idosos, em razão de não serem todos alfabetizados. Além disso, como afirma Triadó *et al.* (2006), ouvir o posicionamento dos avós e dos netos é uma forma de conhecer as percepções que idosos e jovens tem acerca do relacionamento vivenciado por eles, uma vez que a convivência interpessoal gera um

posicionamento sobre as conexões estabelecidas para ambas as partes, seja este positivo ou negativo.

As entrevistas de roteiro semiestruturado possuíam perguntas já definidas aos entrevistados, mas foi possível acrescentar questões não planejadas quando, em função das falas dos respondentes e dos possíveis desdobramentos da pesquisa, foi necessário explorar melhor determinado tema (OLIVEIRA, 2008).

Embora o guia de entrevistas incluísse uma série de perguntas elaboradas, a exploração das respostas foi instigada por novas perguntas. Frequentemente, iniciava-se as conversas perguntando, principalmente, ao público idoso, o que eles gostariam de contar sobre a vivência com os netos, destacando as respostas no âmbito narrativo. Quando os participantes não se debruçavam muito sobre uma pergunta proposta, a pesquisadora retomava novamente as questões para serem exploradas. Esse movimento de tentar entender o contexto da história contada e de quebrar a rigidez de seguir uma lista de perguntas caracteriza as entrevistas com um caráter narrativo (MOURA; NACARATO, 2017).

No que tange ao questionário sociodemográfico, seria aplicado na ocasião da roda de conversa, na impossibilidade dessa, esse instrumento acompanhou o roteiro de entrevista. Em alguns momentos ele foi aplicado antes da entrevista, outrora, quando mais apropriado deixava-o para o final, pois era conveniente ganhar antes a confiança do participante. O intuito era caracterizar o público da pesquisa e conhecer a quantidade de netos jovens e adolescentes que o idoso possuía, assim era possível convidá-los a responderem às perguntas do estudo. Aconteceu inclusive de os netos já estarem presentes e auxiliarem as avós em suas respostas, o que além de aumentar a confiança delas, por vezes, instigava a participação dos netos individualmente.

Outro instrumento de coleta auxiliar foi o diário de campo, a cada entrevista, anotava-se as impressões iniciais da pesquisadora, bem como, emoções, sentimentos, contradições e interpretações realizadas *a priori*. De acordo com Zaccarelli e Godoy (2010), algumas características são fundamentais para definir um diário de campo, dentre elas: ter escritas regulares em um certo período, deve ser feita de forma contemporânea, no momento em que ocorreu e ter característica de um registro, isto é, refletir aquilo que é relevante aos olhos do pesquisador, como as interações, os eventos e os sentimentos.

As informações capturadas ao longo do processo dialógico com o entrevistado permitiram apreender dados que não foram necessariamente falados, em forma de expressões verbais ou em uma mensagem. Tais informações foram regadas por “componentes cognitivos,

afetivos, valorativos e historicamente mutáveis” (FRANCO, 2008, p.19) e permitiram fazer induções acerca de uma verdade já confirmada.

O uso desse conjunto de técnicas facilitou o acesso aos dados e proporcionou uma ampla visão sobre o tema em estudo. No entanto, dificuldades permearam o caminho percorrido. Sempre que possível elas foram amenizadas, quando não supridas, geraram inquietações e despertaram novos sentimentos na pesquisadora, por exemplo, o desejo em futuramente chegar até alguns entrevistados que pelas condições enfrentadas, ficaram para trás. A inquietação por ouvir avós do sexo masculino foi um anseio gerado pela falta de contato facilitado. A pesquisadora tem o conhecimento de que há avós frequentadores do grupo em estudo, mas não conseguiu o contato com nenhum deles. Supostamente entrevistá-los poderia contribuir, sobretudo, para uma discussão sobre gênero.

#### **2.2.5. Limitações e dificuldades**

Uma das principais limitações foi a impossibilidade de criar laços com os entrevistados pela dificuldade de fazer entrevistas presenciais e de alcançar um maior número de participantes. Mesmo aquelas entrevistas que puderam acontecer no modo presencial, foram limitadas pelo distanciamento social e por esse motivo tiveram curta duração. Essa falta de afetividade presencial foi refletida no medo de responder dos idosos, pois além da resistência em aceitar o convite, tiveram insegurança de responder questões relacionadas à aposentadoria e à renda. Portanto, das duas participantes idosas do grupo da zona rural, a pergunta com relação à renda não foi feita, como forma de não criar desconfiança e limitar ainda mais as respostas das participantes.

Como o momento era de adaptação, não somente pela pandemia, mas também pela relação pesquisadora e entrevistados ser dificultada pela desconfiança, sempre demandava reinvenções. Por exemplo, no caso de abordagens feitas antes com netos para que esses pudessem ler o termo de compromisso e depois transmitirem a confiança às avós para aceitarem participar da pesquisa. Em outros momentos os netos é quem eram os resistentes, isso derivado da idade, já que se trabalhou com o intervalo de 15 a 24 anos e os mais adolescentes, geralmente, apresentavam resistência e timidez.

Outro ponto a ser destacado é que não foi possível entrevistar alguns netos mencionados na fala das avós como parte importante de algum acontecimento que mencionavam. O contrário também ocorria pela falta de contato e dificuldade de chegar até os avós.

### 2.2.6. Questões éticas

A primeira ação antes de iniciar a realização do projeto de pesquisa foi pedir a autorização da coordenadora do Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) para realizar o estudo com o grupo de convivência de idosos promovido pela instituição (Apêndice E). Apesar da impossibilidade de realizar a roda de conversa nas instalações do CRAS, o público da pesquisa continuou sendo interligado ao Centro.

Devido ao fato de a pesquisa envolver a participação de seres humanos, destaca-se que as entrevistas somente foram iniciadas após o parecer consubstanciado positivo ser emitido pelo comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa (UFV), conforme disposto no artigo 43 do Regimento Interno do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica. A liberação ocorreu no dia 20 de abril de 2020, sob o número 3.981.230. Em função do estudo remoto, o termo de compromisso intrínseco à realização da pesquisa foi apresentado de forma majoritária aos participantes via telefone ou atentando-se aos protocolos de segurança.

### 2.2.7. Análises de dados

Para estudo dos dados obtidos através das entrevistas, utilizou-se a análise de conteúdo de Bardin (1977) combinada com o uso do *software* IRaMuTeQ pela representação visual gerada. Valeu-se das técnicas de Análise de Similitude e de Nuvem de Palavras. De acordo com as respostas obtidas nos áudios transcritos das entrevistas, o conteúdo foi confeccionado em um *corpus* e submetido ao programa.

Segundo Bardin (1977), a análise temática permite explorar o significado das falas. Para isso, não bastou somente separar em categorias, foi necessário fazer uma leitura prévia a qual a autora define como pré-análise. Posteriormente, explorou-se o material obtido e, por último, fez-se a interpretação.

Bardin (1977) reúne em seu livro, diversos aspectos constituintes da análise de conteúdo. Para que o método fosse efetuado, elegeu-se como pontos primordiais as etapas sugeridas pela autora. Inicialmente, apresenta-se o conceito de análise de conteúdo:

A análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens (...). A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou,

eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não) (BARDIN, 1977, p.38).

Avançando nessa questão, Franco (2008) busca complementar Bardin (1977) e traz novos indícios sobre a análise de conteúdo. A autora constata que a análise parte de uma dada mensagem que reflete, entre outros pontos, a concepção de mundo de seu respectivo autor. Complementa definindo cinco elementos básicos presentes em uma comunicação (pesquisador/pesquisado), sendo eles, emissor, processo de codificação, mensagem, processo de decodificação e receptor. Em linhas gerais, quem diz, o que diz, a quem, porque e com que efeito diz.

Além desses pontos cruciais para análise de conteúdo, Franco (2008) refere-se às unidades de análise, quando se decide por uma análise temática, como foi escolhido nessa pesquisa. A autora destaca o tema como a mais útil unidade de registro, porém cita as dificuldades relacionadas à identificação de limites entre uma classificação e outra. De forma mais aprofundada e apoiada em Bardin (1977), a autora expõe os quesitos envoltos na criação das categorias analíticas. Para tanto, determina que não existe caminho rotulado a seguir, pois as categorias devem emergir da sensibilidade do pesquisador, bem como de sua intuição. É um processo desafiador, e como meio de elaboração das categorias é comum idas e vindas ao material de análise.

Nesta pesquisa, ressalta-se que a construção das categorias partiu do que já existe na ciência sobre o tema explorado, como propõe Carlomagno e Rocha (2016). Entretanto, da mesma forma que podem emergir novidades que não constam na literatura consultada, é possível que algumas categorias fujam do esperado, sendo parte do processo de construção.

Para a análise da temática é possível seguir critérios semânticos, sintáticos, léxicos ou expressivos. Na análise das entrevistas foi considerado a análise semântica, isto é, todos os temas que significaram uma determinada categoria, foram agrupados nela (FRANCO, 2008).

No desenvolvimento da pesquisa, identificou-se a necessidade de junção das categorias individuais previstas como a “concepção de avós e de netos” e os “papéis ocupados pelos avós e pelos netos”. Isso ocorreu a partir das falas das avós e dos netos, sendo necessário fazer a adaptação, pois alguns respondentes debruçaram sobre os papéis, outros quando não fizeram assim, conversaram sobre o que seria o neto/avó(ô), na tentativa de defini-los. Os participantes em suas falas, quando descreviam uma destas (concepção ou papéis), automaticamente excluía a outra de seu posicionamento.

Além disso, na análise do depoimento das avós, ocorreu a inclusão de três novas categorias: “interação das avós com os netos - prevalência de atividades conjuntas”, “mudança na relação à medida que os netos crescem” e “vivências das avós”. No caso dos netos, surgiram duas categorias emergentes das falas: “interação dos netos com os avós - prevalência de atividades conjuntas” e “mudança na relação à medida que crescem”. Essas categorias serão explicitadas na próxima seção.

Após os resultados alcançados na revisão integrativa, foram abordados os dados obtidos com a pesquisa de campo em relação com os primeiros. A combinação metodológica entre pesquisa bibliográfica e de campo (Quadro 1), proporcionou uma observação abrangente a respeito da temática e permitiu compreender os vários aspectos envolvidos no estudo do relacionamento entre avós e netos.

Quadro 1 - Síntese metodológica da Dissertação.

	<b>Abordagem</b>	<b>Amostra</b>	<b>Coleta</b>	<b>Instrumentos</b>	<b>Análise</b>	<b>Objetivo</b>
<b>Momento 1</b>	Qualitativa	Artigos publicados entre 2010 e 2020.	Pesquisa bibliográfica (revisão integrativa) (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011) (FOSSATTI; MOZZATO; MORETTO, 2019).	Protocolo de extração de dados pelo <i>software</i> StArt.	Análise de conteúdo (BARDIN, 2011) e Análise Textual pelo <i>software</i> IRaMuTe Q.	Geral e 5
<b>Momento 2</b>	Qualitativa	Avós idosos vinculados ao CRAS e netos jovens.	Pesquisa de campo.	Entrevista/questionário (OLIVEIRA, 2008), diário de campo (ZACCARELLI; GODOY, 2010).	Análise de conteúdo (BARDIN, 1977) e Análise Textual pelo <i>software</i> IRaMuTe Q.	1, 2, 3, 4, 5 e 6

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da pesquisa (2020).

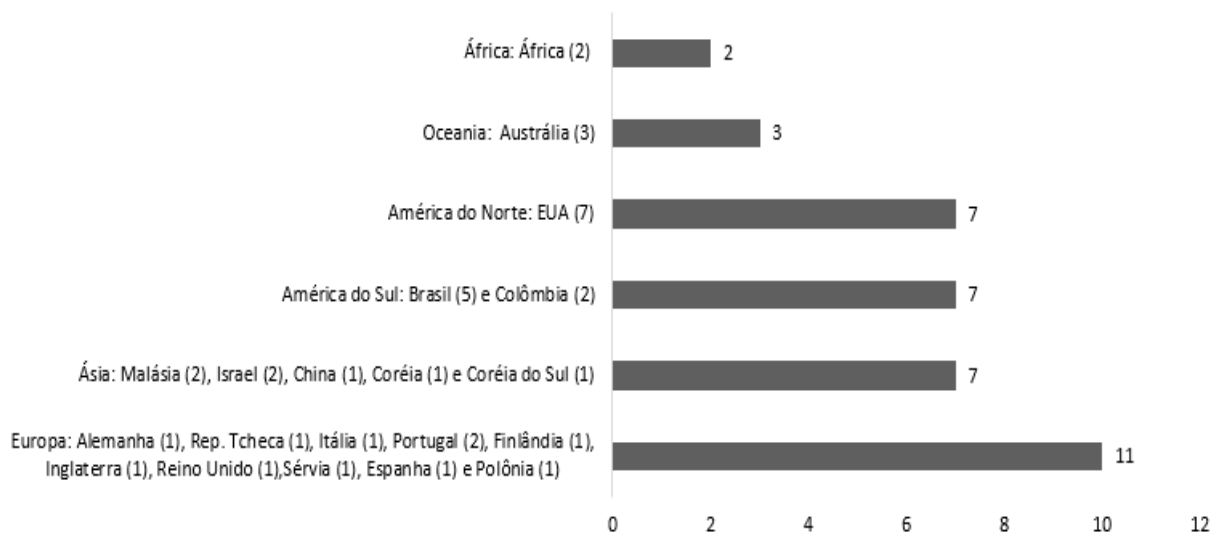
## CAPÍTULO 3 - RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 3.1. Relação entre os avós e seus netos: uma revisão integrativa

Os artigos analisados apresentaram uma trajetória temporal partindo do ano de 2010 até 2020. Observou-se uma predominância de estudos publicados em 2015 e 2016 (ambos com sete estudos cada). Em seguida, destacou-se o ano de 2014, com cinco estudos. Os demais anos permaneceram com a concentração de três e duas publicações, com exceção de 2011 e 2013 que não apresentaram registros.

Em relação ao país de origem, sete estudos foram realizados nos EUA e cinco no Brasil. Observou-se um grande volume de trabalhos internacionais (Figura 4), com destaque para a Europa. Pesquisas já ressaltam o papel dos avós na sociedade europeia, demonstrando que um a cada cinco europeus são avós e dedicam anos de cuidados aos netos (THELEN; LEUTLOFF-GRANDITS, 2010). Considerando que o estudo de Coutrim e Silva (2019) foi realizado em dois países (Brasil e Portugal), ele foi contabilizado duas vezes no gráfico 4 a seguir.

Figura 4 - Número de publicação por países/continentes.

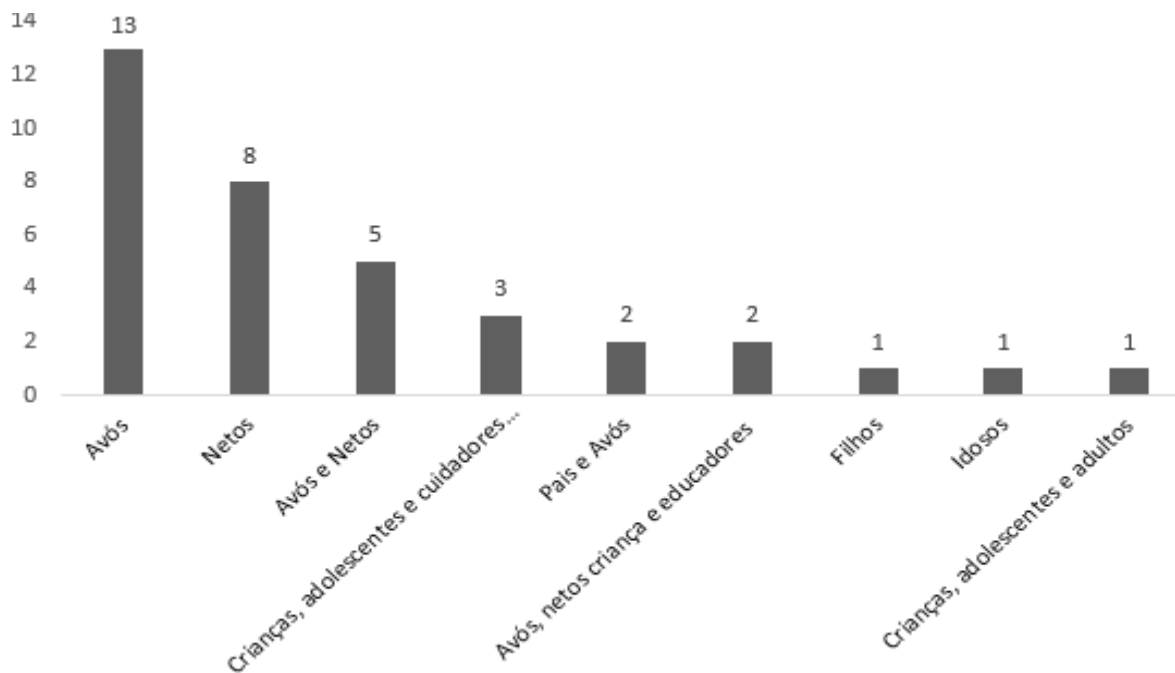


Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da pesquisa (2020).

Quanto à metodologia utilizada nos estudos, houve um equilíbrio no número de pesquisas qualitativas (17) e quantitativas (16), com apenas três (3) caracterizadas como qualitativa-quantitativa. Na Figura 5, gerada pelo *software* IRaMuTeQ, é possível observar



Figura 6 – Tipo de participantes/amostras dos artigos pesquisados.



Fonte: Elaborada pela autora com base em dados da pesquisa (2020).

Quanto ao público dos netos (08), 04 (quatro) foram adolescentes, 02 (dois) foram crianças, um adulto jovem e um adulto. Observa-se que nas pesquisas selecionadas é concedido mais voz aos avós do que aos netos. Os primeiros eram, na maioria, cuidadores de netos crianças e adolescentes, ou educadores deles.

Em quatro estudos foi possível identificar a utilização de algum aspecto da Teoria Bioecológica (ATTAR-SCHWARTZ; KHOURY-KASSABRI, 2016; OLIVEIRA; VIANNA; CARDENAS, 2010; TAN, 2018; RUTAKUMWA *et al.*, 2015). Dentre os citados, três utilizaram a teoria dos sistemas familiares considerada uma extensão do que é proposto pela Bioecologia. Os autores apoiaram na ideia de influência mútua entre os membros familiares, ou seja, por meio de interações corriqueiras, o comportamento de cada indivíduo influencia o outro. Destaca-se que o estudo de Oliveira, Vianna e Cardenas (2010) não citou diretamente a teoria, mas estudou a relação avós-netos como bidirecional e interativa entre os seus membros. Essa informação reafirma a relevância do aporte escolhido para a realização da presente pesquisa de campo.

A seguir, encontra-se a descrição dos 36 estudos selecionados, apresentados de acordo com os autores, periódicos e base de dados de onde foram extraídos (Quadro 2). Nota-se que houve uma variedade de periódicos em torno da temática estudada, com maior número de publicação da revista “*Procedia - Social and Behavioral Sciences*”.

Quadro 2 - Características dos estudos selecionados.

<b>Autor</b>	<b>Periódico</b>	<b>Base de dados</b>
1- Pankhurst <i>et al.</i> (2019)	<i>Public Health Nutrition</i>	BVS
2- Mansson (2019)	<i>International journal of aging and human development</i>	BVS
3-Park (2018)	<i>Ageing International</i>	BVS
4-Nepomuceno <i>et al.</i> (2018)	Pensar a Prática	BVS
5-Zanatta; Arpini (2017)	Estudos e pesquisas em psicologia	BVS
6-Attar-Schwartz; Khoury-Kassabri (2016).	<i>American journal of orthopsychiatry</i>	BVS
7-Whitley; Kelley; Lamis (2016)	<i>International journal of aging and human development</i>	BVS
8-El-Amin <i>et al.</i> (2015)	<i>International journal of environmental research and public health</i>	BVS
9-Mahne; Huxhold (2015)	<i>The Journals of Gerontology Series B</i>	BVS
10-Hayslip; Blumenthal; Garner (2015)	<i>The Journals of Gerontology Series B</i>	BVS
11-Farrow (2014)	<i>Eating behaviors</i>	BVS
12-Bangerter; Waldron (2014)	<i>Journal Of Aging Studies</i>	BVS
13- Ice <i>et al.</i> (2012)	<i>Social science and medicine/ MEDLINE</i>	BVS
14-Dias; Hora; Aguiar (2010)	Psicologia: teoria e prática/ LILACS	BVS
15-Oliveira; Vianna; Cardenas (2010)	Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia	Scielo
16- Engelhard (2020)	<i>Frontiers in Psychology</i>	WOS
17-Sciplino; Kinshott (2019)	<i>Educational Gerontology</i>	WOS
18-Coutrim; Silva (2019)	<i>Aula Abierta</i>	WOS
19-Tan (2018)	<i>Contemporary Social Scienc</i>	WOS

20-Gray; Brogdon (2017)	<i>Evolutionary Psychology</i>	WOS
21-Tang <i>et al.</i> (2016)	<i>Journal Of The American Geriatrics Society</i>	WOS
22- Kim (2016)	<i>Asian Social Work And Policy Review</i>	WOS
23- Dragisic-Labas (2016)	<i>Sociologija</i>	WOS
24- Marin Rengifo e Palacio Valencia (2016)	<i>Trabajo Social</i>	WOS
25- Rodriguez-Buitrago (2015)	Revista Eleuthera	WOS
26- Rutakumwa <i>et al.</i> (2015)	<i>International Journal Of Environmental Research And Public Health</i>	WOS
27- Stasova; Krisikova (2014)	<i>SHS Web das Conferências</i>	WOS
28- Miller <i>et al.</i> (2012)	<i>Journal of Systems and Software</i>	WOS
29- Yusuf (2014)	<i>Procedia - Social and Behavioral Sciences</i>	SD
30- Zhang <i>et al.</i> (2015)	<i>Appetite</i>	SD
31- Martínez; Máiquez; Reche (2017)	<i>Procedia - Social and Behavioral Sciences</i>	SD
32- Smorti; Tschiesner; Farneti (2012)	<i>Procedia - Social and Behavioral Sciences</i>	SD
33-Amaro; Oliveira; Veloso (2016)	<i>Procedia Computer Science</i>	SD
34- Lasota (2015)	<i>Procedia - Social and Behavioral Sciences</i>	SD
35-Dare <i>et al.</i> (2020)	<i>Children and Youth Services Review</i>	SD
36- Kasedde <i>et al.</i> (2014)	<i>Social Science &amp; Medicine</i>	SD

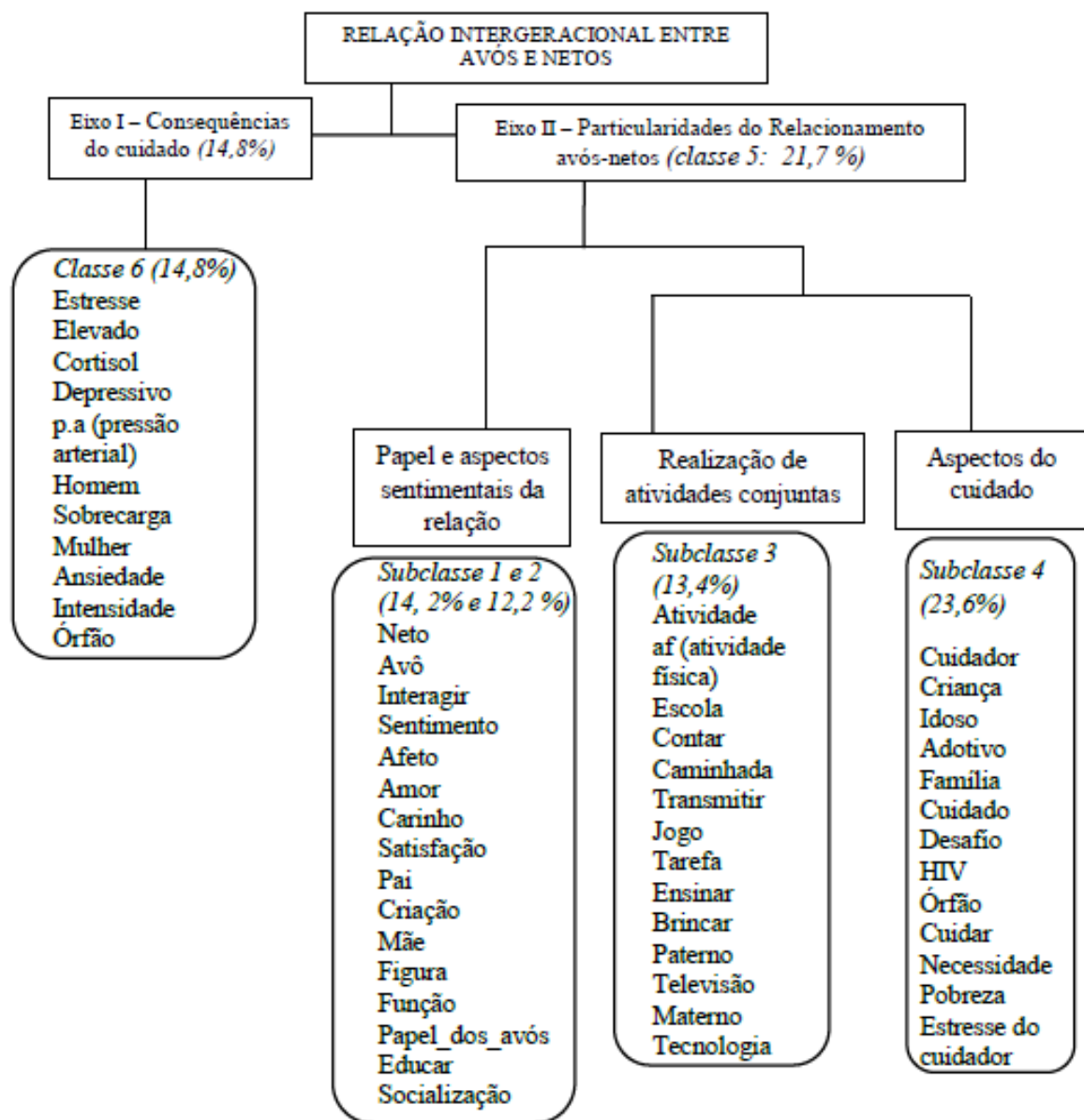
BVS: Biblioteca Virtual de Saúde; SCIELO: Scientific Electronic Library Online; WOS: Web Of Science; SD: Science Direct.

Fonte: Elaborada pela autora com base em dados da pesquisa (2020).

Por meio da Classificação Hierárquica Descendente (CHD), foram ranqueadas as classes a partir dos resultados, das considerações finais e dos dados sobre as questões emergentes do relacionamento avós-netos. O *corpus* textual apresentou 860 segmentos de

textos. Foram analisados 144 textos, o que correspondeu a um aproveitamento de 84,07 % do total. Originaram-se seis classes, que foram agrupadas em dois eixos temáticos (Figura 7). O eixo I foi denominado “Consequências do cuidado” e o eixo II “Particularidades do relacionamento avós-netos”. A classe 6 não se dividiu, enquanto a classe 5 subdividiu-se em outros três temas, compostos pelas subclasses 1, 2, 3 e 4, que se assemelharam em suas temáticas e foram agrupadas.

Figura 7 - Dendrograma das classes temáticas que emergiram da análise dos resultados e das considerações finais.



Fonte: Elaborada pela autora com base nos relatórios do *software* IRaMuTeQ, (2020).

No eixo II (Figura 7) foram identificados, pelas análises dos autores, aspectos relacionados à proximidade, às atividades conjuntas e à função e o papel de avós. Essas subcategorias também foram apresentadas no dendrograma. Porém, o programa apresentou a limitação de ressaltar somente questões relativas ao cuidado, ao passo que, na análise das autoras, outros aspectos surgiram. Essas limitações são comuns em programas computacionais, evidenciando a importância da mediação e do cuidado da análise por parte dos autores.

### **3.1.1. Particularidades do relacionamento avós-netos**

A categoria particularidades do relacionamento avós-netos correspondeu ao eixo II resultante da CHD, apresentou subdivisões que englobaram as subclasses 1, 2, 3 e 4. A partir da semelhança de conteúdo as classes foram agrupadas em três subclasses: i) papel e aspectos sentimentais da relação, ii) aspectos do cuidado e iii) realização de atividades conjuntas.

#### **3.1.1.1. Papel e aspectos sentimentais da relação**

O trabalho de Mansson (2019) dá ênfase à qualidade do relacionamento intergeracional entre avós e netos adultos jovens por meio das características relacionais positivas ou negativas. Na opinião dos netos, os avós aparecem como sujeitos que utilizam com frequência as variáveis: conselhos, gerenciamento de conflitos, redes, e positividade, com destaque para a última. Essa informação corrobora com a maior expectativa dos netos, de que os avós compreendam o relacionamento com eles como algo prazeroso. O conselho foi citado pelos netos como comportamento utilizado frequentemente pelos avós, entretanto, sugerem que este deveria aparecer somente quando fosse por eles solicitados para evitar conflitos.

No contexto de proximidade emocional de netos adolescentes com seus avós (ATTAR-SCHWARTZ; KHOURY-KASSABRI, 2016; TAN, 2018) identificou-se a aproximação como algo emocionalmente favorável aos netos, apresentando melhoria no seu comportamento pró-social a partir da boa convivência com seus avós. Os resultados comprovam a relevância do papel dos avós na vida dos netos adolescentes como rede de apoio. Por outro lado, existem fatores que influenciam a proximidade relacional de forma negativa, como a entrada na fase da adolescência, que pode gerar um distanciamento dos adolescentes ao decidirem passar mais tempo com os grupos de pares e deixarem os avós de lado (BANGERTER; WALDRON, 2014).

A proximidade emocional pode ser estudada também com netos na infância (OLIVEIRA; VIANNA; CARDENAS, 2010; GRAY; BROGDON, 2017; RODRIGUEZ-BUITRAGO, 2015; STASOVA; KRISIKOVA, 2014). Nestes casos, os aspectos que sobressaem são: i) o fortalecimento de vínculos a partir da frequência de contato; ii) a maior influência das avós maternas na criação dos netos e como mediadora de melhores relações e iii) os aspectos bidirecionais. Neste último, os avós são vistos como importantes socializadores, doadores de carinho, de compreensão, bem como receptores de amor e entretenimento oferecido pelos netos.

Sciplino e Kinshott (2019) reforçam a diferença da interação intergeracional entre avós e netos de acordo com a faixa etária em que os últimos se encontram. Além da modificação na forma de contato que emerge do face a face na infância para o meio virtual na idade adulta, os autores observaram que, na infância, os netos têm sentimentos de mais empolgação com os avós, ao passo que, na vida adulta, prevalecem o respeito e o apreço.

Na infância, o papel assumido pelos avós demonstrou ser o de cuidadores de netos. Os trabalhos de Pankhurst *et al.* (2019) e Farrow (2014) retratam o cuidado dos avós de modo informal, prestando apoio aos pais das crianças. Estar envolvidos em uma rotina de cuidado com os netos é algo, por vezes, complexo e, por isso, alguns avós optam por manter-se emocionalmente próximos aos netos, mas sem viver fisicamente próximos. Quando são idosos (65 a 90 anos neste contexto), cuidar dos netos pode se tornar difícil. Além de dificuldades financeiras, o cansaço é algo evidente, e em alguns casos, os netos também podem sentir-se deslocados perante a sociedade em função dos motivos que os levaram a estar nessa condição (DRAGISIC-LABAS, 2016).

Nos trabalhos de Zanatta e Arpini (2017) e de Marin Rengifo e Palacio Valencia (2016), são expressos o papel de avós que entraram nesta função de forma precoce (de 30 a 62 anos) ou inesperada. No primeiro, a função das avós mais jovens foi orientar e transmitir conhecimentos para o cuidado com os bebês. Para os netos, os reflexos dessa relação podem ser expressos futuramente, quanto maior for o contato entre eles, mais elevadas as chances de virem a desenvolver relações boas e sólidas. Já no estudo de Marin Rengifo e Palacio Valencia (2016), com a chegada dos netos de forma antecipada, as avós se veem na função de se tornarem mães novamente e relacionam a tarefa a um fardo.

Esses dados foram confirmados pelo que a CHD apresentou referente à subclasse “papel e aspectos sentimentais”. Em relação ao papel e a função atribuídos aos avós prevaleceu a função dos avós como cuidadores, devido ao destaque das palavras: “figura” “pai”, “mãe” associadas aos termos “criação” “educar”, “socialização” e “papel dos avós”.

Emergiram ainda sentimentos positivos nessa relação, como a interação entre avós e netos resultando em: “afeto”, “carinho”, “amor” e “satisfação”.

### **3.1.1.2. Aspectos do cuidado**

Na subclasse 4, a CHD destacou os “aspectos do cuidado”. A saúde física, idade avançada e pobreza dos avós foram tidas como os maiores obstáculos para executar a função de cuidado. Além disso, as crianças órfãs contaminadas com HIV representavam um grande desafio para os avós em idade avançada. No dendrograma, é possível ver destacadas as palavras: “cuidador”, “idoso”, “adotivo”, “desafio”, “criança”, “HIV”, “órfão”, “cuidar”, “necessidade”, “pobreza”, “estresse do cuidador”.

Os cuidados com os órfãos variaram desde o apoio financeiro para requisitos escolares de crianças mais velhas até a dedicação diária aos netos mais novos. A limitação dos avós cuidadores pode impactar negativamente no desenvolvimento dos netos, que têm o desenvolvimento físico, social e emocional determinado pela natureza da relação de cuidado, dentre outros fatores (RUTAKUMWA *et al.*, 2015; KASEDDE *et al.*, 2014).

### **3.1.1.3. Realização de atividades conjuntas**

A subclasse 3, “Realização de atividades conjuntas”, abrangeu termos como: “atividade física”, “escola”, “contar” “caminhada”, “transmitir”, “jogo”, “tarefa”, “ensinar”, “brincar”, “paterno” “televisão”, “materno” “tecnologia”. Atividades esportivas foram mais representadas na figura dos avôs, enquanto as atividades educacionais, como ensinar e contar histórias, foram relacionadas às avós (SMORTI; TSCHIESNER; FARNETI, 2012).

Os resultados do trabalho de Nepomuceno *et al.* (2018) demonstraram os avós como maiores influenciadores dos netos na prática de exercícios. O incentivo se deve à crença de que as atividades físicas são benéficas para saúde física e psicológica, além de estimular a socialização dos netos. O estudo de Engelhard (2020) aponta os hábitos intergeracionais, atividades de dança, como promotores de vínculos. No último estudo, a dança realizada em conjunto com avós e netos proporcionou um relacionamento de confiança recíproca.

As atividades escolares também são responsáveis pela união intergeracional entre avós e netos (COUTRIM; SILVA, 2019; MARTÍNEZ *et al.*, 2017). No trabalho de Martínez *et al.* (2017), os netos, a partir de atividades escolares com os avós, começaram a percebê-los como

anciãos, uma vez que se sentiram curiosos para saber como foi a vida escolar deles e passaram a vê-los como “livros cheio de histórias para contar”.

Quando a distância geográfica limita as interações físicas, a mediação dos pais e a tecnologia são fatores importantes para o relacionamento entre avós e netos (MILLER *et al.*, 2012). O Brincar e o aprender através das tecnologias também acontece presencialmente (AMARO *et al.*, 2016). Mesmo os avós mais resistentes ao uso dos recursos tecnológicos, por meio do incentivo e ajuda dos netos podem se interessar por mídias digitais, que exercem um importante papel na comunicação intergeracional.

### 3.1.2. Consequência do cuidado para a saúde dos avós

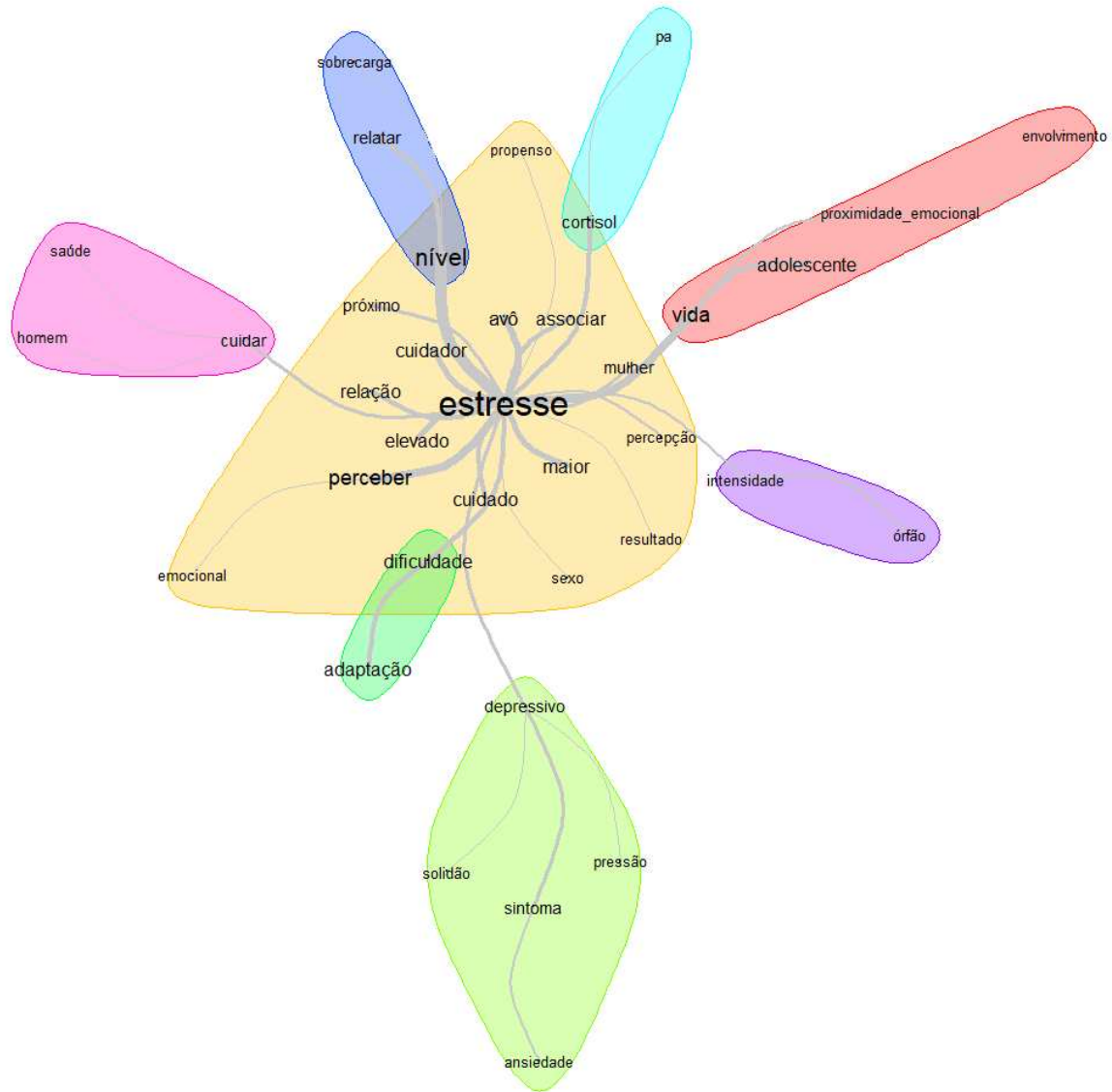
Essa categoria, correspondente ao eixo I gerado pela CHD, destacou a consequência do cuidado com os netos para a saúde dos avós. A palavra “estresse” apareceu associada ao cuidado por razões que serão exemplificadas a seguir.

No trabalho de Ice *et al.* (2012) os níveis mais elevados de sobrecarga do cuidador foram associados ao maior estresse percebido. Na Figura 8, corroborando com o dendrograma, é ilustrada a zona central composta pelo vocábulo “estresse” e a conexão entre as palavras mais frequentemente associadas a ele.

Nota-se, por meio da espessura das linhas interligadas, que o estresse está associado fortemente a relatos de “níveis” de “sobrecarga”. A palavra “perceber”, “cuidador” e “cuidado” se relacionam mais próximos à palavra mulher, comprovando a maior evidência dela na função.

Observa-se nas zonas periféricas, a conexão por meio das ramificações dos termos: “homem”, “saúde”, “cuidar”, “adaptação”, “dificuldade”, “mulher”, “cuidado”, “nível”, “elevado”, “cortisol”, “P.A”, “ansiedade”, “depressivo” “órfão”, “intensidade” e “sobrecarga”. A relação entre essas variáveis demonstrou que para os homens, o cuidar associou-se a níveis mais baixos de estresse, enquanto os maiores níveis foram observados para mulheres. Entretanto, para os homens houve elevação da pressão arterial (P.A.), a partir do aumento da intensidade de cuidado. Para os avós de sexo masculino houve evidências ainda de ampliação da liberação do cortisol, associado à ansiedade. Para as mulheres, o cuidado não esteve atrelado ao cortisol, mas o aumento do número de órfãos em casa relacionou-se à liberação desse hormônio que vem em resposta ao estresse.

Figura 8 - Análise de Similitude que emergiu conforme a classe 6 gerada pelo *software* IRaMuTeQ, 2020.



Fonte: Elaborada pela autora com base em dados da pesquisa (2020).

Por outro lado, Danielsbacka *et al.* (2019) destacaram que, quando a colaboração dos avós é moderada, eles podem usufruir dessa relação como algo prazeroso e até como um ponto de combate à depressão.

No estudo de Park (2018) foi explorado o bem-estar psicológico de avós cuidadores (61 a 65 anos) de netos crianças através do nível de estresse. Com a participação no cuidado, os avós tenderam a apresentar baixos níveis de estresse e de humor depressivo, provavelmente por se sentirem úteis e recompensados por ajudarem seus filhos.

A correspondência entre depressão e saúde mental de avós que têm custódia foi abordada no artigo de Whitley *et al.* (2016). Os autores identificaram que avós cuidadoras mais jovens (</ 55 anos) têm mais predisposição a sintomas depressivos do que avós com mais de 55 anos. Inere-se que isso ocorre devido às avós jovens estarem focadas em suas carreiras e ainda criando os próprios filhos. O apoio social é fundamental para que avós consigam executar a tarefa de cuidados integrais. Cuidadores que não contaram com suporte social tiveram sua saúde geral correlacionada negativamente com efeitos relacionados à depressão, como demonstrado por Hayslip *et al.* (2015).

O cuidado dos netos pelos avós depende de expressões culturais. O trabalho de Park (2018) sobre a Coréia do Sul demonstrou o cuidar dos netos como forma de prevenção de suicídio de idosos. Já Ice *et al.* (2012) argumentaram que nos Estados Unidos a chance de avós se estressarem mais com a tarefa de cuidado é maior do que no Quênia, onde vivem uma vida de pobreza e de desigualdade.

Avós sino-americanos, assim como os da Coréia, apresentaram melhor bem-estar psicológico ao cuidar dos netos em comparação com os não cuidadores (TANG *et al.*, 2016). Do mesmo modo, chineses imigrantes têm como cultura mandar seus filhos de volta para serem cuidados pelos avós, que sentem satisfação em oferecer solidariedade intergeracional e transferência de riquezas entre gerações. Entretanto, quando essa ajuda não é voluntária e há pressão por parte dos filhos, surge o lado negativo, sobrecarga e sofrimento psíquico.

Na pesquisa de Kim (2016), foi comparado o estresse de mães que trabalham fora de casa e de avós que oferecem cuidados. As avós apresentaram maiores níveis de estresse em comparação às mães, que já aceitaram a função como intrínseca a elas. O auxílio ofertado pelas avós influencia o desenvolvimento dos netos, quando na infância estão afastados de suas mães que trabalham. Entretanto, o estresse relacionado à função reflete na saúde psicológica e física das avós.

De forma menos incidente na literatura, o estudo de Mahne e Huxhold (2015) retratou a relação do bem-estar subjetivo de avós de netos adolescentes e adultos. Aspectos positivos dessa relação foram despertados a partir da convivência com os netos, supostamente por não exigir cuidados e função de pais.

Destaca-se que o relacionamento intergeracional entre avós e netos apresenta desafios e benefícios. Para os avós, pode manifestar-se como fator de proteção e, por outro lado, como estresse provocado pela sobrecarga do cuidar. Enquanto para os netos, sobressaiu o apoio emocional e os ensinamentos provenientes dessa interação.

### 3.2. Pesquisa de campo: a percepção de avós e netos jovens

Serão abordados a seguir os resultados e discussões obtidos por meio da pesquisa de campo realizada com avós vinculados ao CRAS de São Miguel do Anta e seus netos jovens. Participaram do estudo quatro díades avós-netos, conforme o aporte teórico da pesquisa permite delimitar. Nem sempre foi possível entrevistar a avó e o respectivo neto, o que não impediu identificar a interação entre eles, uma vez que instigava cada participante a pensar nessa relação. Procurou-se discutir os dados com base na teoria que fornece aporte a pesquisa. Por isso, considerou-se as relações afetivas recíprocas estabelecidas de forma sólida e por um longo período, como facilitadoras da interação interpessoal, além de proporcionarem o desenvolvimento e a aprendizagem das pessoas envolvidas (POLONIA; DESSEN; SILVA, 2008).

#### 3.2.1. Descrição dos participantes do estudo

No público de avós foram sete participantes da pesquisa, todos do sexo feminino, apenas uma apresentou menos de sessenta anos. Duas são frequentadoras do grupo da zona rural, quatro participam do grupo da zona urbana e uma delas não frequenta nenhum dos grupos do CRAS. Em razão da dificuldade em encontrar participantes disponíveis, incluiu-se no público estudado uma avó idosa e sua respectiva neta na fase da juventude.

Com relação aos netos foram cinco participantes, três do sexo feminino e dois do sexo masculino, totalizando 12 integrantes na pesquisa. Desse total, formou-se quatro díades, nas quais foi possível entrevistar a avó e um de seus respectivos netos na fase jovem-jovem. Nos demais casos (três), não se formou díades, entrevistou-se apenas avó ou apenas neto.

Quadro 3 - Perfil demográfico e socioeconômico das avós participantes do estudo.

	<b>Características</b>	<b>Número</b>
<b>Sexo</b>	Feminino	7
	Masculino	0
<b>Faixa etária</b>	Acima dos 60 anos	6
	Abaixo dos 60 anos	1
<b>Estado civil</b>	Casada	4
	Viúva	3
<b>Reside com</b>	Sozinha	1
	Esposo	2
	Filho	1

	Esposo e Filho	2
	Filho, Nora e Neto	1
Frequentedora do grupo	Zona Urbana	4
	Zona Rural	2
	Não frequenta	1
Residência	Própria	6
	De favor	1
Renda mensal (salário mínimo) <sup>1</sup>	1 salário mínimo	3
	2 salários mínimos	2
	Não responderam	2

Fonte: Elaborada pela autora de acordo com dados da pesquisa (2020).

<sup>1</sup> O valor referente ao salário mínimo no período de realização das entrevistas, abril a junho de 2020, era de 1.045,00 (mil e quarenta e cinco reais).

Nesse estudo, o predomínio do sexo feminino corrobora com a literatura quando os autores afirmam que as mulheres vivem mais (ALMEIDA; MAFRA; SILVA; KANSO, 2015). Observou-se que prevaleceu a participação de avós do sexo feminino consideradas idosas. A seleção dos participantes aconteceu através da frequência no grupo de convivência promovido pelo CRAS, que foca no bem-estar físico na terceira idade. É possível sugerir as mulheres idosas como as que possuem maior interesse em cuidar da saúde e de realizar atividades físicas, em relação aos homens. Tal aspecto corrobora com estudos que colocam a avó mulher como mais ativa e participante na vida dos netos, demonstrando-as comprometidas com a saúde e com o bem-estar emocional dos mesmos (GOLDFARB; LOPES, 2013).

Apesar de não ter sido realizada uma amostra intencional, a predominância de mulheres avós nessa pesquisa é fato que merece destaque. A questão de gênero é algo relevante de se discutir na relação de avós com netos, pois o que as avós ensinam pode diferenciar-se do que os avôs gostam de ensinar aos jovens (SMORTI; TSCHIESNER; FARNETI, 2012).

Smorti, Tschiesner e Farneti (2012) identificaram que as mulheres avós desempenham mais atividades junto aos seus netos. Além de abordarem o papel educacional tradicionalmente voltado para a mulher como cuidadora, os autores tentam justificar a maior dedicação feminina, provavelmente, por possuírem mais tempo disponível para oferecer aos netos. Isso acontece com frequência, pois a condição de gênero é vista como tradicional na sociedade, tendo em vista que, por meio do seu trabalho, os homens contribuem com a força e o sustento da família e as mulheres se dedicam às tarefas de cuidado e de trabalho doméstico (BRITTO DA MOTTA, 1998).

A menor idade das participantes foi de 57 e a maior 86 anos, perfazendo uma média de 72 anos. Portanto, apenas uma avó apresentou idade inferior a 60 anos, não considerada idosa pelo Estatuto do idoso (BRASIL, 2003). As informações corroboram com a ideia de que os avós são representados na fase da velhice (GOLDFARB; LOPES, 2013). Além disso, a velhice é coerente com o contexto da pesquisa, por considerar avós com netos jovens, o que prediz avós em idade mais avançada.

A literatura apresenta que os avós mais idosos, são distantes e demandam maior ajuda dos netos (GOLDFARB; LOPES, 2013). Entretanto, neste estudo, apesar de abordar pessoas idosas, as avós demonstraram ser ativas, participantes e divertidas, corroborando com o estudo de Luiz (2019). Essa autora encontrou resultados ilustrativos de idosos ativos que, apesar de enfrentarem desafios provenientes da idade, demonstraram o desejo de viverem de forma intensa.

A participação das avós englobou inclusive apoio estrutural, como no caso da avó residente com o filho, a nora e seu neto. Supõe-se que ela preste auxílio financeiro ao filho e sua família conforme se observa: “meu menino tá comigo, não tem casa pra ele morar” (Dona Ana, 83 anos).

A transferência entre gerações pode ser considerada como bidirecional, sobretudo, quando se considera a fonte de renda de pessoas envelhecidas como mais constante, estável e “permanente”, perante o desemprego que aflige aos jovens (GUIMARÃES, 2006). Fala-se em papel bidirecional, quando os idosos passam não somente a necessitarem de auxílio, mas quando tornam-se colaboradores no meio familiar.

A composição familiar apresentou variações. Quando viúvas, além de morar com o filho, a nora e o neto jovem, uma das avós afirmou morar sozinha. Já outra relatou morar apenas com o filho. A viuvez pode ser ocasião de solidão, no contexto desse estudo, as avós viúvas não se engajaram em outro relacionamento. Entretanto, conforme coloca Stedile, Martini e Schmidt (2017), o devido apoio social, as questões relativas à espiritualidade e a própria participação das idosas em um grupo de convivência, são recursos capazes de auxiliar na superação do sentimento de solidão.

No quesito renda, nenhuma das participantes alegou ter atividades para complementação da renda, exceto uma entrevistada que afirmou realizar atividades de cultivo de café, de feijão e de verduras. Os proventos das atividades destinavam-se à despesa, assim prevaleceu a renda fixa de um salário mínimo. Das três avós viúvas, duas afirmaram receber 2 salários, sendo um como pensão dos maridos falecidos. A pesquisadora achou conveniente não interrogar duas das participantes (uma viúva e outra casada) sobre as informações de renda, pois elas expressaram insegurança quanto a conceder informações, bem como

apresentaram medo de responder às perguntas da pesquisa por telefone. Uma dessas participantes alegou ter tido problemas com o banco por meio de ligação que lhe fizeram. A outra de 57 anos argumentou enfrentar dificuldades para se aposentar e demonstrou medo em responder às perguntas: “que nem eu, tem dois anos que eu tô pelejando, a aposentadoria não sai, tá garrado, que diacho sô, a gente sofre tanto na roça, a hora que a gente quer aposentar o trem tá garrado, então por isso que eu fico com medo” (Dona Cida, 57 anos).

Com a renda das participantes se resumindo à aposentadoria e pensão, evidenciou-se a importância desses benefícios para sobrevivência das idosas e do suporte familiar (SOUSA; SILVER, 2008).

Sobre a insegurança das duas participantes anteriores, foi vencida quando explicado sobre o termo de compromisso. Compreende-se que ambas ficaram mais seguras e mostraram o interesse em querer ajudar a pesquisadora, como observado no relato:

Isso aí eu sei que é só seu estudo né, eu sei se precisar de alguma coisa que depender de mim eu não cheguei lá, mas a gente pode ajudar as vezes, quem quer ir, né, então eu não cheguei nesse ponto não, mas quem sabe Deus abençoa que eu posso por, com uma palavra, uma pessoa lá na frente né? (Dona Cida, 57 anos).

Foi comovente o fato de a participante anteriormente citada não conhecer a pesquisadora, nem mesmo a ver pessoalmente e, apesar do medo inicial, se predispor a oferecer ajuda aos estudos, como forma de compensar algo que ela não teve.

Sobre o nível de instrução das avós, seis apresentaram ensino fundamental incompleto e uma relatou não ter estudado (Quadro 4). O passado dessas mulheres foi marcado pela falta de oportunidade nos estudos, seja porque o ensino era precário ou porque elas viviam a dedicar-se aos trabalhos da roça, aos cuidados dos irmãos e da casa: [...] “meu pai me ensinou eu a trabalhar na roça, trabalhei muito foi na roça e não aprendi nada de profissão não” [...] (Dona Lourdes, 73 anos); “Não tinha professora, eu fui pra roça” (Dona Paulina, 86 anos). O nível de instrução no Brasil era baixo na época em que essas avós estavam em processo de alfabetização. Uma das participantes mencionou que era comum não ter sequência nos estudos, uma vez que se chegava até a 4ª série no ensino fundamental e não existia mais anos escolares a cursar. Além disso, as mulheres não eram prioridade como estudantes, sendo direcionado mais para os homens (SOUSA; SILVER, 2008).

Quadro 4 - Perfil das avós entrevistadas.

Entrevistada	Idade	Religião	Escolaridade	Profissão	Nº de netos de 15 a 24 anos	Nº de filhos
<b>Dona Ana</b>	83	Católica	Ensino fundamental incompleto	Babá (olhava criança para o patrão)	4	-
<b>Dona Trindade</b>	76	Católica	Ensino fundamental incompleto	Doméstica e lavradora	2	6
<b>Dona Paulina</b>	86	Evangélica	Sem estudos	Lavradora	6	14 (10 vivos)
<b>Dona Lourdes</b>	73	Evangélica	Ensino fundamental incompleto	Lavradora	Não especificado	4
<b>Dona Lena</b>	65	Católica	Ensino fundamental incompleto	-	3	4 (3 vivos)
<b>Dona Cida</b>	57	Católica	Ensino fundamental incompleto	Lavradora e do lar	1	-
<b>Dona Rosa</b>	70	Católica	Ensino fundamental incompleto	Lavradora	Não especificado	8 vivos

Fonte: Elaborado pela autora de acordo com dados da pesquisa (2020).

A religião predominante entre as participantes foi a Católica Apostólica Romana, seguida da Evangélica. Outras religiões não foram citadas. Em alguns momentos durante a entrevista, as avós sempre recorriam aos aspectos espirituais e religiosos como maneira de querer o bem aos seus netos e de incentivá-los a professar algum tipo de fé. Tendências intergeracionais relativas ao fluxo de valores entre três gerações, estudadas por Prioste *et al.* (2016), determinam que com os netos adolescentes é comum que as avós sejam mais propensas a realizar atividades religiosas, sociais e de lazer.

Em relação ao número de netos jovens, duas avós não conseguiram especificar, as demais variaram de 1 a 6, com média de 2,2 netos. A pesquisadora deixava explícito que estava fazendo perguntas direcionadas a compreender a relação dos avós com os netos jovens, pela possível existência de crianças também nessa condição na família. Em alguns momentos, as avós faziam alguma menção às crianças.

Quando questionados sobre a relação entre pessoas idosas e jovens, afirmaram manter boa convivência, tanto com os membros familiares (filhos, netos, bisnetos), quanto com os vizinhos, sendo pautada no respeito e na consideração.

No que se refere ao número de filhos, denota-se um resultado considerado elevado (média de 7 filhos) condizente com a época em que essas mulheres vivenciaram a fase reprodutiva. Pela idade que apresentam, experimentaram a maternidade entre as décadas de 60 e 70, quando cinco era a taxa de filhos por mulher no mundo (FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2018). Outro aspecto que chama a atenção é que além do luto pela morte dos maridos, algumas delas vivem a consternação de filhos falecidos.

No público de netos, cinco responderam à pesquisa, sendo três participantes do sexo feminino e dois do sexo masculino. Participaram apenas netos jovem-jovem (18-24 anos) e foi verificado que a maior idade foi de 23 anos e a menor 19, perfazendo a média de 21,2 anos. Não foi possível entrevistar nenhum neto considerado jovem-adolescente (15-17 anos) em razão da resistência, da negação e da timidez que demonstraram. Porém, algumas das avós participantes possuíam netos nessa fase e trouxeram aspectos interacionais com eles. De modo a sustentar essa afirmação, há autores que defendem uma “identidade adolescente”, marcada por traços próprios, sejam eles biológicos ou físicos:

Dentro do princípio desenvolvimentista, a adolescência surge como um objeto exacerbado por uma série de atributos psicologizantes e mesmo biologizantes. Práticas baseadas nos conhecimentos da medicina e da biologia, em especial, vêm afirmando, por exemplo, que determinadas mudanças hormonais, glandulares, corporais e físicas pertencentes a essa fase seriam responsáveis por algumas características psicológico-existenciais próprias do adolescente. Tais características passam a ser percebidas como uma essência, em que "qualidades" e "defeitos" como rebeldia, desinteresse, crise, instabilidade afetiva, descontentamento, melancolia, agressividade, impulsividade, entusiasmo, timidez e introspecção passam a ser sinônimos do ser adolescente, constituindo uma "identidade adolescente" (COIMBRA; BOCCO; NASCIMENTO, 2005, p.4-5).

De fato, mesmo já tendo passado a adolescência, foi possível observar durante a narrativa do neto mais jovem (19 anos) que aceitou participar da conversa, uma introspecção no modo de se posicionar durante a fala. De forma contrária, também houve retorno positivo por parte dos jovens-jovens, demonstrando gratidão em poder participar da roda de conversa, conforme destacado nos trechos: “Eu que agradeço, que a gente vai tendo influência na vida da gente é assim, né, conversando com as pessoas” (Beatriz, 23 anos); “eu que agradeço por me fazer pensar” (Júlia, 20 anos).

Quadro 5 - Perfil demográfico dos netos participantes.

	<b>Características</b>	<b>Número</b>
<b>Sexo</b>	Feminino	3
	Masculino	2
<b>Faixa etária</b>	15-17 anos	0
	18-24 anos	5
<b>Estado civil</b>	Solteiro	3
	Amigado	2
<b>Reside com</b>	Companheiro e filha	1
	Companheira	1
	Mãe, pai e avó	1
	Mãe, pai e irmã	2
<b>Avós</b>	Zona Urbana	3
	Zona Rural	1
<b>Frequentadores do grupo</b>	Não frequenta	1

Fonte: Elaborado pela autora de acordo com dados da pesquisa (2020).

Entre os netos entrevistados, dois estavam em união estável, um deles com presença de filhos e outro não; três estavam solteiros e nenhum deles era casado. Quanto à composição familiar entre os solteiros, um dos participantes residia com os pais e a avó e dois residiam com pais e irmãos, os demais com companheiro (a). Esses dados retratam mudanças na concepção dos jovens acerca do rito do casamento, já que iniciaram a constituição de uma família sem antes passar pela cerimônia religiosa, aspecto valorizado pelas crenças de seus avós.

De acordo com Souza e McCarthy (2010), os rituais de passagem responsáveis pela organização dos valores morais nas relações interpessoais vêm passando por modificações. Os rituais são característicos de transição para a vida adulta, mas estão se tornando fluídos e flexíveis, principalmente na faixa etária dos netos estudados, que recebem a classificação de “adultos emergentes”. As autoras citadas referem-se ao estudo de Arnett (2001) para fazer menção ao termo em destaque e para exemplificar a fase estudada como característica de maior liberdade, voltada para o debruçar sobre novas experiências.

Além disso, é possível inferir que o mesmo contexto social não afeta de forma igual todas as pessoas de um grupo de idade e vivência (classificada geração). Os indivíduos podem assumir posturas sociais, caminhos diferentes e até opostos (BRITTO DA MOTTA, 2010). Portanto, é possível que netos sigam trajetórias conforme transmitido pelos avós ou que adotem posturas distintas das compartilhadas pelos pais e pelas demais figuras socializadoras.

A maior parte dos entrevistados foram netos de avós que frequentavam o grupo da zona urbana. Destaca-se apenas um referente ao grupo da zona rural e uma neta que não possuía avós com vínculo ao grupo.

Quadro 6 - Perfil dos netos entrevistados.

<b>Entrevistados</b>	<b>Idade</b>	<b>Religião</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Profissão</b>	<b>Distância da casa dos avós</b>	<b>Avós presentes</b>
<b>Lucas</b>	19	Católico	-	Trabalha na zona rural	Moram juntos	Avó paterna
<b>João</b>	21	Católico	Ensino fundamental incompleto	Trabalha na zona rural	Mesma cidade, pode ir a pé	Avó paterna
<b>Beatriz</b>	23	Católica	Ensino médio incompleto	Cuidadora de idosos	Mora no quintal da avó	Avó materna
<b>Liz</b>	23	Evangélica	Ensino superior incompleto	Estudante	Mesma cidade, (mesma rua)	Avós maternos
<b>Júlia</b>	20	Católica	Ensino superior incompleto	Estudante	Mesma cidade	Avó paterna e avós maternos

Fonte: Elaborado pela autora de acordo com dados da pesquisa (2020).

Assim como no público de avós, prevaleceu entre os netos entrevistados a religião Católica, com apenas uma neta sendo praticante da fé Evangélica. A religião pareceu ser relevante para os participantes do estudo, muitas vezes, como incentivo dos próprios avós. Não foi possível traçar uma correspondência em termos da escolha da religião, o que pressupõe que outros fatores além da linhagem grã-parental interferem nessa escolha.

Sublinha-se a prevalência de netos que não deram continuidade na vida escolar. Apenas duas participantes estão cursando o ensino superior, com os outros três tendo interrompido os estudos para dedicar ao trabalho. Por ser uma cidade do interior de Minas Gerais com poucas oportunidades de emprego e com alto incentivo em atividades agrícolas, a

evasão escolar e o não interesse pelo ensino superior pode ser um fenômeno comum entre os jovens que se veem sem muitas oportunidades e buscam o trabalho no campo.

Sobre os avós que se fazem presentes, receberam foco aqueles que estão vivos. Além disso, uma neta relatou a distância ser um fator relevante, pois quando sua avó paterna era viva, morava em outra cidade e isso dificultava um pouco o contato. Como consequência, tornava a relação com sua avó materna, que sempre morou próxima, mais assídua. Apesar disso, houve a exceção de um dos participantes, que alegou ter contato e proximidade apenas com a avó paterna e seu companheiro (está no lugar de avô), mesmo com os avós maternos estando vivos e morando também na mesma cidade. Tal aspecto reforça as particularidades envolvidas em cada contexto como determinantes para a interação em uma díade.

### **3.2.2. Análise dos resultados**

Para distinção das categorias optou-se por separá-las em dois momentos. O primeiro com as categorias emergentes das falas dos avós. O segundo com as categorias sintetizadas pelo conteúdo exposto nas entrevistas dos netos.

Todos os nomes citados foram fictícios e não expõem os participantes. Convém mencionar quais entrevistados formaram uma díade avó-neto: dona Ana (avó paterna) e Lucas; dona Paulina (avó materna) e Liz; dona Lourdes (avó materna) e Beatriz e dona Rosa (avó paterna) e Júlia. Os demais participantes não compuseram díades: dona Trindade, dona Cida, dona Lena e o jovem João.

Antes de iniciar discussão dos resultados justifica mencionar a forma com que a teoria escolhida como aporte para o estudo auxiliou na interpretação dos dados encontrados. A seleção da Teoria Bioecológica como apropriada para ser o aporte da pesquisa adveio da relevância de seus conceitos e da sua inter-relação com a temática de avós e netos. Verificou-se uma variedade de pesquisas com o foco na relação de netos e avós utilizando algum ponto da teoria como embasamento (ATTAR-SCHWARTZ; KHOURY-KASSABRI, 2016; OLIVEIRA; VIANNA; CARDENAS, 2010; TAN, 2018; RUTAKUMWA *et al.*, 2015; TAKAHARA *et al.*, 2018).

O conceito de díade definido por Bronfenbrenner (2011), como aquele em que duas pessoas interagem entre si, proporciona uma boa abordagem para o estudo com avós e netos em uma mesma pesquisa. O autor trata das características biológicas e psicológicas pessoais de cada indivíduo em um determinado contexto de vivência. Nessa perspectiva, chama atenção o contexto, pois ele diz muito sobre a forma que cada pessoa se comporta e se

desenvolve. Assim, observar cada narrativa com atenção ao contexto de vivência dos entrevistados foi uma tarefa proveniente da teoria adotada.

Outro ponto de destaque refere às interações recíprocas entre a pessoa e o ambiente. Bronfenbrenner (2011) identificou nos processos de interação, que as características das pessoas e os aspectos do ambiente são fundamentais em um processo interativo. Como na análise dos resultados, o autor destacou que o processo de desenvolvimento de uma pessoa acontece em interação com outras, em geral, mais velhas, como no caso da interação de netos com seus avós. Sobressaiu a bidirecionalidade nas trocas geracionais, com avós e netos ensinando e aprendendo ao mesmo tempo. Portanto, ora acontece a interação pessoa-pessoa, ora acontece pessoa-ambiente/contexto.

Além desses aspectos, o conceito definido por Bronfenbrenner (2011) que mais se destacou nos resultados dessa pesquisa foi a díade de atividade conjunta, quando avós e netos jovens afirmaram compartilhar uma diversidade de atividades entre si, sendo estas fundamentais para a aproximação entre as duas gerações.

### **3.2.3. Categorias emergentes nas falas das avós**

Pela fala das avós participantes foram elencadas as seguintes categorias: i) transmissão intergeracional: trocas intergeracionais e tipos de conhecimentos transmitidos, ii) interação das avós com os netos: prevalência de atividades conjuntas, iii) mudança na relação à medida que os netos crescem, iv) concepções do papel ocupado pelos netos na vida das avós, v) significado que as avós atribuem aos netos e vi) vivência das avós. Abaixo foram apresentadas as discussões e interpretação dos conteúdos e falas, bem como a relação desses aspectos com as contribuições teóricas utilizadas.

#### **3.2.3.1. Transmissão intergeracional: trocas intergeracionais e tipos de conhecimentos transmitidos**

Quando se fala em trocas intergeracionais, remete-se a uma relação em via de mão dupla, em que entre uma geração e outra são ofertados benefícios da convivência entre proles (BRAZILIENSE, 2013). Neste tópico, foram tratadas as vantagens ofertadas pelas avós a seus netos, compreendendo como elas acreditam que estão transmitindo ensinamentos aos mais jovens e também o que visualizam como ensino ofertados pelos netos. No final, foi feita

uma discussão a respeito das informações compiladas com objetivo de entender as trocas entre essas duas gerações.

Inicialmente, destaca-se o ensinar das avós aos netos. Esse foi um tema emergente de forma distinta nas narrativas e prevaleceu entre muitos entrevistados sob a forma de conselhos ofertados aos netos, como se percebe nos relatos que segue:

(A gente) veve muito bem bobo, eu dou muito conselho pra eles (pausa), conselho que eu dou é pra não beber pinga, pra não brigar... Não briga não bobo... mansou tudo, brigava até batia (risos) (Dona Ana, 86 anos).

A eu falo muito com eles né, ensino muitas coisas, muitas coisas que as vezes falo não pode ser assim né, tem coisas que as vezes, eles quer fazer e não pode, eu falo com eles não pode ser assim porque não dá certo né, tem coisas que a gente que tem que pensar pra eles [...] (Dona Lena, 65 anos).

Entre os vários aspectos abordados na transmissão intergeracional, destacou-se as recomendações das avós. Entretanto, os conselhos variaram com relação à natureza dos legados que essas buscaram ensinar. Dona Paulina (86 anos) relatou que gosta de ensinar os netos a conviverem com o povo, pois quanto mais educação eles tiverem melhor é para eles. Concomitantemente, Dona Lourdes (73 anos) demonstrou o mesmo anseio em ensinar:

[...] que é muito importante sabe, a pessoa ter EDUCAÇÃO, igual eu falo com esses menino, a gente tem que respeitar os mais véio, passar perto da pessoa pode tomar até a bênção a pessoa, respeitar, se uma pessoa mais velha na rua mesmo falar alguma coisa, abaixar a cabeça e não responde, nós aprendeu isso, meu pai ensinou nós tudo graças a Deus, eu sei se virar muito bem.

Já Dona Cida (57 anos) destacou o estímulo que oferece para que os netos estudem, como forma de obterem um futuro melhor do que o dela: “A eu com certeza oriento eles, estuda menino, estuda, estuda, hoje é o estudo mesmo né, se não fica aí ó panhando café no sol quente né, sofrendo”. Por sua vez, Dona Rosa (70 anos) também compartilhou o desejo de ensinar os estudos aos netos, mas não conseguiu pela pouca instrução em razão da falta de oportunidade:

[...] então o que nós pôde ensinar foi muito bom, muito bom mesmo, não deu pra ensinar a leitura porque no tempo que nós era casado, era solteiro assim, era as coisas mais difícil né, aí casou complicou mais né (risos) complica mais, mas com Deus a gente vence tudo né.

Dona Ana (86 anos) explicitou o estímulo para que o neto jovem estudasse: “Lucas, ele estudou três anos só e saiu fora, eu brigo com ele que ele não quer estudar (risos)” [...] “Educação né, ensinar eles, tem que ser um estudo bom pra eles, eles tem que dar um jeito de estudar pra eles mesmo”. Outro aspecto priorizado foi o ensinamento do valor do trabalho, diz Dona Lourdes (73 anos): “A explico que precisa trabalhar” [...].

Há estudos que remetem ao elo entre avós e netos como elegível através da educação, não somente no seu sentido formal escolar, mas, sobretudo, pela transmissão de legados (valores e religião) por meio de contação de histórias. Os avós ofereceram também incentivo ao estudo e demonstraram esperar dos netos uma retribuição, por exemplo, dedicando-se e concentrando nos estudos (YUSUF, 2014).

Ainda no assunto de transmissão dos avós a seus netos, sobretudo, no como agir e se comportar, constatou-se nesta pesquisa informações semelhantes às apresentadas no estudo de Dias e Silva (2003), de que os avós passam conhecimentos a respeito do casamento: [...] “eu tenho que passar pros meus netos a vivência como era né, que hoje a pessoa às vezes pensa ‘a eu caso se não der certo eu largo’, não é isso não, quem pega sua cruz tem que dá conta, falo com eles, é obrigação falar” (risos) (Dona Rosa, 70 anos). Observa-se que ela percebe essa orientação como algo intrínseco a sua função de avó. Na visão dessa avó, é notório o significado do casamento arraigado a uma indissolubilidade do matrimônio, que se tornou viúva e se recusou a procurar outro parceiro. Por meio dos seus ensinamentos tenta transmitir a seus netos o valor do matrimônio que carrega consigo. Além disso, Dona Rosa (70 anos) diz enfatizar para os netos a importância de seguir em um caminho por ela considerado bom, com muita atenção para os tipos de amizades cultivadas.

Eu falo com eles que a pessoa nunca vai no mal caminho né, o caminho, tem o bom e tem o ruim, a pessoa tem que escolher né, qual deles, que o ruim sabe pra onde que vai né, o bom é só coisa boa então tem que seguir o caminho bom, quem vai pro caminho ruim cê sabe, só cai no buraco e a pessoa pensa que é amigo, não é toda pessoa que é amigo, não é todas pessoa que é amigo, tem amigo que gosta de ver o cara, a pessoa, no buraco, aí se puder ele joga até a terra por cima né, então tem que saber muito, pra eu que tenho muito neto e já tenho quatro bisneto, eu tenho que ensinar um bom caminho, pra dar exemplo pra eles, agora se quiser me acompanhar tudo bem né, se não quiser eu não posso fazer nada né, cada um tem sua cabeça né. O caminho bom que eles têm que seguir ele é só o caminho da igreja que aí ele começou a caminhar na igreja aí ele consegue tudo, se não for pra igreja, não adianta mesmo, não adianta, que cada vez que cê cair, ele vai só descendo, não tem jeito (Dona Rosa, 70 anos).

A internalização dos valores religiosos, como apareceu no relato de Dona Rosa (70 anos), demonstrou o anseio das avós de que os netos tomassem para si um caminho de fé. É o que também ilustrou a fala de Dona Cida (57 anos).

A gente mostra o caminho que tem que ir né, bom caminho, pegar com primeiro Deus né, acompanhar a religião direitinho né, tudo ajuda. Procurar igreja, religião, não caçar confusão com os outros, se ver uma confusão, sai fora deixa falar sozinho né, eu sempre falo assim se alguém tá caçando confusão com ce deixa a pessoa falando sozinha, sai fora, que evita de muita coisa né, sai de confusão, não fica perto, se a pessoa quiser brigar com cê, sai fora deixa falar sozinho pra evitar, agora se for combater, claro que sai coisa pior né, as vezes ce pode não tá errada, as vezes se ocê sair fora cê sai levando vantagem, deixa te chamar de boba né, mas não tem problema não (risos).

Quando instigados a refletirem sobre os ensinamentos ofertados pelos netos, algumas avós, apesar de colocarem o aprendizado com eles como algo positivo, tiveram dificuldade em lembrar o que tem sido ensinado pelos netos. Foi curioso o fato de uma participante mencionar a percepção sobre ter ensinado aos netos e que na situação atual, são eles que estão a ensinando: “a aprendi muitas coisas né que explicam pra gente [...] mas a cabeça não dá, não lembro [...] Eu ensinei pra eles, agora eles ensina pra mim [...] ensinei obediência à mãe, ao pai, estudar” (Trindade, 76 anos).

A dificuldade em recordar, em alguns casos, pode ser proveniente da idade avançada. Entretanto, ao longo da conversa, a avó entrevistada aparentou ter bom discernimento, isso remeteu a introspecção relativa ao desconforto de participar de uma entrevista, o que teria a prejudicado no momento de relembrar.

O aprendizado que mais se destacou como mediado pelos netos, foi com relação ao uso da tecnologia. Apesar de reconhecerem como uma instrução, algumas avós não demonstraram tanta valorização a esse ensinamento. Dona Lourdes (73 anos), uma das avós com características de valores mais rígidos, afirmou não se interessar por aprender a usar o celular:

Isso aí ela gosta (tecnologia), mas essas coisas assim eu não interesse muito não... Interesse não, porque no tempo que fui criada não tinha essas coisa, celular essas coisas. Não, nem tem, eles (netos) fica falando as coisas e eu fico com raiva, celular tem hora que é bão, ele é bão, mas ensina muita coisa que não precisa, menino fica vendo muita coisa, certas coisas que não coisa e até atrapalha casamento dos outros, se o homem for ideia fraca e a mulher for ideia fraca trapalha até casamento, eles fica lá longe conhece gente que não, homem conhece muié que nem conhece e fica chamando atenção, muié também vê chama atenção também, atrapalha o casamento, eu não interesse, se eu for comprar algum dia, vai ser daqueles pequenininho.

Conforme Carvalho e Ishitani (2013), o fato de idosos terem vivenciado boa parte da vida sem o acesso à tecnologia, pode justificar a opinião de algo não tão relevante. Além disso, as referidas autoras ressaltam a falta de acesso como geradora do medo de utilizarem as tecnologias.

O relato anterior assemelhou-se ao de Dona Cida (57 anos) ao mencionar o celular como um instrumento que precisa saber manusear para não trazer prejuízos.

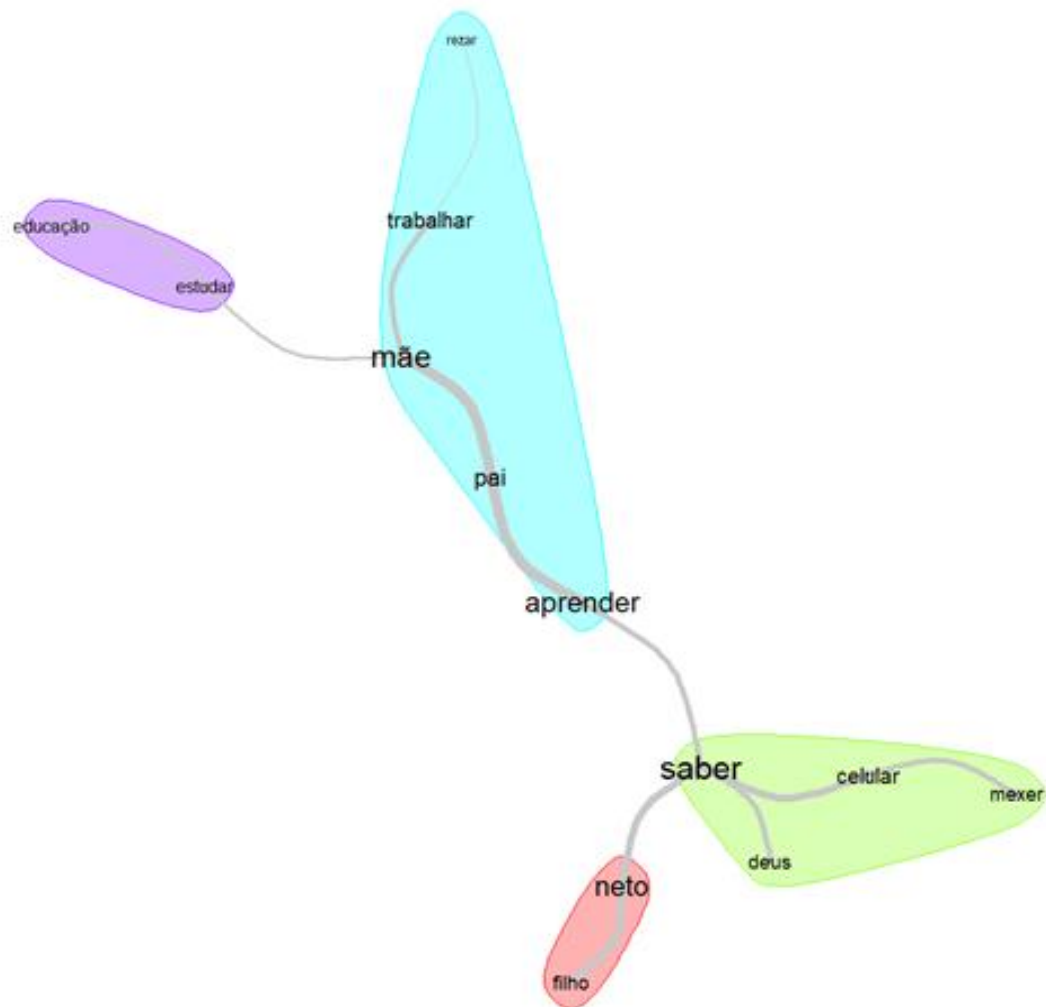
A aprendi... só se for que que eles ensinam a agente é mexer com celular, que a gente não sabia, mexer no celular as vezes eles ensina eu, a eu acho que não tem mais nada que eu sei te explicar... A eu não sabia nada né, mas eu esqueço, eles ensina eu esqueço, eles ensina outra vez, é assim, eu tenho pouca paciência com esses celulares de hoje, portanto meu celular é pequenininho, só faz ligação e recebe, eu tinha um ele quebrou, falei a larga isso pra um lado, isso é pra tomar o tempo da gente (risos) ele tinha tudo, eles me ensinou mexer direitinho, mas depois ele quebrou, fiz questão de comprar outro não, a vou querer celular só pra ligar e receber, não vou mexer com esse trem não, eu acho que perturba a gente um pouco bobo, a gente vê as coisas que não tem necessidade de ver, a gente acaba as vezes comentando coisa que a gente não quer, celular a gente precisa ter cabeça muito boa pra mexer com ele, que isso aí não é coisa boa pra todo mundo não. Tem que saber usar, é bom, pra alguma coisa é bom né, mas pra outras né não, então a gente que não tá treinado com isso nada, é melhor a gente nem ter.

Como as duas avós anteriores, Dona Rosa (70 anos) ressaltou a importância do uso consciente do celular.

Eu falo sim, eu converso com eles né, que a gente tem que falar que é muitas coisas no celular que num... que atrapalha muito né... Que no celular tem coisa boa, a pessoa pode mexer em coisa boa né, a pessoa não precisa ficar olhando coisa que não presta.

Os dados das trocas foram confirmados pela representação gráfica gerada pelo *software* IRaMuTeQ versão 0.7 alpha 2, no qual foi submetido o *corpus* referente à transcrição das entrevistas.

Figura 9 - Análise de Similitude da categoria “Transmissão Intergeracional: trocas Intergeracionais e tipos de conhecimentos transmitidos”.



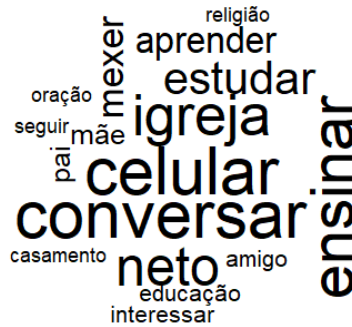
Fonte: Elaborada pela autora com base nos relatórios do *software* IRaMuTeQ (2020).

A análise de similitude ilustrada reforçou que as avós ensinam aos netos os valores que aprenderam com a mãe e/ou pai, estando relacionado ao estudar, ao ter educação com as pessoas, ao trabalhar e ao rezar. Esses foram os pontos destacados pelas avós em suas falas como essenciais de se transmitir. Quanto ao aprendizado com os netos, mencionaram que são instruídos ao usar a tecnologia, especificamente, mexer no celular.

Além da tecnologia, houve uma avó que ressaltou outro tipo de aprendizagem com os netos. Destaca-se a narrativa de Dona Paulina (86 anos), que aprendeu a receber e a oferecer o carinho com os netos: “Ter mais carinho isso é mesmo, o que eu aprendo com os netos é isso aí, eu faço carinho pra eles, eu sou meia... meia “choca” “muncadim”, mas eles faz eu ficar alegre”. Esse foi um ponto significativo, no processo de bidirecionalidade, os avós aprendem

a expressar os afetos por meio do relacionamento com os netos, os que talvez não tenham vivenciado nas trocas com seus pais ou filhos, pois as gerações mais velhas não valorizavam esse tipo de demonstração de sentimentos.

Figura 10 - Nuvem de palavras da categoria “Trocas Intergeracionais e tipos de conhecimentos transmitidos”.



Fonte: Elaborada pela autora com base nos relatórios do *software* IRaMuTeQ (2020).

A Figura 10 apresenta a nuvem de palavras referente ao tema “Trocas Intergeracionais e tipos de conhecimentos transmitidos”. Por meio da representação gráfica, observa-se que a palavra “conversar” destacou-se mais do que todas as outras. Tal verificação permite inferir que a conversa e conselhos dela provenientes é o meio utilizado pelas avós para compartilhar conhecimentos com seus netos.

Ó [coisa errada], eu chamo eles, converso com eles particular né, converso com eles particular, depois eu vou fazer minha oração sem eles saber, entendeu, aí pra mim, da tudo certo, graças a Deus, que já aconteceu muita coisa com eles e eu chamei, chamei, não contei prosa não, conversei com eles direitinho e depois fui fazer minhas oração, nove dia de oração aí eu vi o resultado, foi uma coisa muito boa, muito boa mesmo (Dona Rosa, 70 anos).

As palavras “celular”, “ensinar”, “mexer”, “aprender”, “religião”, “estudar”, “educação”, “interessar”, “oração”, “casamento”, “amigo”, “pai” e “mãe” também contribuíram para a discussão. Elas apareceram em evidência na Figura 10 e estão correlacionadas às palavras “aprender” e “ensinar”, retratando os valores ensinados pelos avós e o que aprendem com os netos.

No que tange à visão sobre aprender ou ensinar mais aos netos, as opiniões foram diversificadas. Houve avós que destacaram aprender mais com seus netos em comparação com o nível de ensinamentos que ofertam: “A hoje eu tô aprendendo é mais com eles” (Dona

Trindade, 76 anos); Dona Cida (57 anos) ficou indecisa entre aprender mais e achar que há um igualitário compartilhamento de ensino: “A nessa geração de hoje eu tô só aprendendo né, eu não sabia nada disso. [no dia a dia] A não sei te explicar não, acho que é quase a mesma coisa né? ”.

Nesse mesmo raciocínio, outra avó ficou confusa, quando a neta disse ensiná-la a mexer no celular, não reconheceu o mesmo como ensinamento, valorizando mais os conselhos que proporciona aos netos. Em seguida, argumentou aprender também com os jovens: “mexer no celular, a isso aí não ensina nada não, eu tenho que dá conselho pra ela uê, não, isso aí é né [ensinamento], eu ainda não sei de tudo ainda, me ensina uai”. Seguindo nesse assunto, uma avó disse que ensina mais do que aprende pelo fato de já ter mais anos de vida. Nota-se que a entrevistada relaciona o conhecimento à experiência em contraponto a jovialidade dos netos como algo que restringe os ensinamentos: “A eu ensino mais do que aprendo né, porque eu sei mais do que eles né, muito mais... porque eu já sou... eu já tenho a minha idade, eles é novo ainda” (Paulina, 86 anos).

Figura 11 - Nuvem de palavras do tema “Percepção das avós sobre ensinamentos”.



Fonte: Elaborada pela autora com base nos relatórios do *software* IRaMuTeQ (2020).

Avançando na discussão, Dona Lourdes (73 anos) relacionou o ato de ensinar a “chamar atenção” e disse não aprender com os netos, por eles não terem motivos de corrigi-la: “Não, eles não ensinam não, assim eu não dou motivo pra eles né me chamar atenção, que da minha parte assim, o que eu posso fazer eu faço, eu explico eles as coisas, mas pra me chamar atenção, eles não tem motivo, pra me chamar atenção”.

Na Figura 11, verificou-se a maior evidência da palavra “ensinar”, acompanhada dos termos “ensinamento”, “explicar”, “ensino mais”. Tais expressões confirmam o posicionamento das avós de que instruem mais aos netos.

Interligado ao conhecimento que se transmite, emergiu a questão de quem foram os responsáveis por ensinar as avós o que compartilham com seus netos. Ao mencionar os membros do grupo familiar ou a figura de referência responsável pela socialização das avós através dos ensinamentos, é possível visualizar o posicionamento de três delas sobre a instrução como exemplo a ser seguido. Ressaltam que é dever apenas ensinar, cabendo aos netos acatarem ou não, conforme livre arbítrio que têm.

[aprendi] Com minha mãe, com meu pai foi muito pouco quando ele morreu eu tava com onze anos, mas com minha mãe eu convivi com ela desde que meu pai morreu até casar, nós plantava roça, ficava mexendo na roça... tem uns seis anos que ela morreu, morreu ela tava até aqui em casa, trouxe ela pra cá, cuidei dela até a última hora, tem hora eu eu falo aqui em casa, minha mãe graças a Deus o que ela pôde ensinar pra nós ela ensinou, é trabalhar né, é rezar, que ela era muito devota, rezar que nós, graças a Deus todo dia eu rezo meu terço, todo dia, é só coisa boa, só coisa boa que nós sempre aprendeu com ela, coitada, dava muito conselho bom, não gostava de coisa errada, ai dava muito conselho sabe pra gente, levava a gente pra igreja, tinha vez que eu nem ia com ela, mas ela ia, tinha dia que eu acompanhava ela, graças a Deus, o que eu sei hoje de bom foi ela que me ensinou, e eu passo pra frente, quem quiser como diz, pegar o conselho né, se não quiser, passar eu tô passando, eu dou conselho, falo é isso aí, tem que ser assim, então não quer pronto né, não tem jeito (Dona Lena, 65 anos).

A com certeza foi meu pai e minha mãe né, que a gente vai aprendendo pra trás e passando pra frente, quem quiser pegar né? Eles [pais] [ensinavam]. É quase a mesma coisa né, procurar de evitar confusão, procurar religião, e trabalhar né, ensinar trabalhar (Dona Cida, 57 anos).

[...] eu tenho que ensinar um bom caminho, pra dar exemplo pra eles, agora se quiser me acompanhar tudo bem né, se não quiser eu não posso fazer nada né, cada um tem sua cabeça né (Dona Rosa, 70 anos).

As avós reconhecem como dever transferir às próximas gerações aquilo que aprenderam com a anterior. Entretanto, não dão garantia de seguimento desses princípios pelos netos, já que cabe a cada um deles a decisão diante dos fatos colocados por elas. Dona Lena (65 anos), quando faz essa afirmação, a realiza na presença da neta de 15 anos e se faz entender como forma de “chamar atenção” (correção) da mesma.

Figura 12 - Nuvem de palavras do tema “Figura de referência”.



Fonte: Elaborada pela autora com base nos relatórios do *software* IRaMuTeQ (2020).

Identificou-se, através da análise do conteúdo, uma similaridade entre as palavras que mais se repetiram nas respostas das participantes evidenciada pela nuvem de palavras e por aquelas apontadas na discussão traçada. A figura de referência foi conjugada pelas avós como as pessoas com quem mais aprenderam. Em destaque no centro da Figura 12 está a palavra “aprender”, nota-se a “mãe” e o “pai” como o maior exemplo para as participantes.

Cinco participantes responderam terem sido socializadas, em sua maior parte, por seus pais. Quando na ausência deles, receberam ensinamentos por meio de companheiras da “igreja”, dos “filhos”, dos “netos” e dos “amigos” de confiança. Verifica-se ainda que houve a menção do “marido” como figura de referência, considerado pela entrevistada como um pai:

Meu pai mais minha mãe e meu marido, ele que me ensinou né, porque ele era bem mais velho do que eu, porque no dia que eu nasci né, ele tinha catorze anos, o primeiro namorado meu que eu tava com doze anos, foi ele, quer dizer ele foi um pai pra mim né, foi um pai, então a gente viveu quarenta e cinco anos de casado, aí ele faleceu né, mas muitas coisas que eu aprendi foi com ele (Dona Rosa, 70 anos).

A participante demonstrou grande admiração pelo marido com o qual compartilhou experiências de fé e a construção de um coral da igreja, já que ele era violeiro. Também destacou a inclusão dos filhos e netos nessa vivência, considerada por ela como “muito boa”.

### 3.2.3.2. Interação das avós com os netos: prevalência de atividades conjuntas

No que se refere à interação entre as gerações, observou-se o predomínio de atividades conjuntas com seus netos adolescentes e jovens. As avós entrevistadas deixaram transparecer diferentes tipos e aspectos da convivência com os mesmos. Dona Ana (83 anos) era a única

avó que morava com um dos netos e seus respectivos pais, relatou uma interação harmoniosa com o neto de 19 anos. Em relação às brigas, eram pautadas no “chamar a atenção” e com a entonação de brincadeira. É instigante o fato do referido neto ter o afetuoso costume de levar café para ela na cama:

Não eu brinco com eles tudo, é tudo iguali... Tem hora que ele coa café e leva lá na cama pra mim, falo assim, ô Lucas pra que esse café? ‘É pra mim dá a senhora pra senhora não brigar comigo’, falo assim: ‘não vou brigar com ocê não (risos)’... Eu fico achando é graça nele bobo, (risos) acho que é ontem ele fez café com leite aí e tá assim, ‘ô mãe eu vou levar pra minha vó’, peguei o café dele e bebi (risos).

O demonstrar “achar graça” dessa avó está arraigado de sentimento, pelo seu relato percebe-se um forte agradecimento pelo gesto do neto corresidente. Outro aspecto chamativo é o que ela discorre sobre o neto de 15 anos (não residente), que age humoristicamente a provocando sobre relacionamentos amorosos, como se percebe a seguir.

Briga não, eles arrumam só aquela caçoada boba comigo, eu caçoo com eles também, mas tem hora que Breno é bravo... Breno é meio bravo, Lucas eu manso ele, falo com ele pra ele amansar um cado... Lucas agora tá pra lavoura bobo... Não é brincadeira, nois briga mesmo com eles pra parar com muita anarquia dentro de casa (risos) eu corrijo ele... Depois dá certo, ele fica assim, ‘ô vó seu namorado ‘evém’’, eu falo ‘seu namorado que eu parto no cê o coro agorinha mesmo’... Ele fica falando que meu namorado evém, eu falo com ele que meu namorado é Deus... E cuidei dele quando ele nasceu... (Dona Ana, 83 anos).

Observa-se um relato instigante no sentido que verifica certa separação entre o neto residente com a avó e o neto não residente. Com o primeiro a avó aparenta ter uma maior autoridade evidenciada quando ela menciona que “amansa ele”, o que é sugestivo que ele tem respeito e obediência por ela. Tal situação pode estar ligada ao fato de morarem juntos e de esta avó exercer o papel de educadora na vida dele. Já o segundo, é referenciado como mais bravo e que aparenta “chamar atenção” (opina) sobre os relacionamentos que a avó tece. A resposta da avó a essa intromissão revela alguém que quer ter autoridade sobre o neto, relatando que usará da violência para com ele, mas nesse momento transparece mais um tom de brincadeira do que de violência e autoridade por parte da idosa.

Em alguns casos, apareceu a frequência de contato com os netos. Com destaque a limitação gerada pelo contexto da pandemia, principalmente, para os netos residentes em outras cidades.

Eu vejo mais pouco o que tá em Viçosa, mas vez em quanto eu vejo também, agora que tá demorando, mode esse negócio (pandemia) né?! Mesmo assim graças a Deus tudo bem, eles vêm direto, tem carinho com nós, nós com eles e eles com nós... A atividade que eu faço, como diz o outro, nós faz uma comidinha boa e come tudo junto... Junta pra falar e pra comer e rir (Dona Paulina, 86 anos).

Bangerter e Waldron (2014) entrevistaram avós que vivem geograficamente distantes de seus netos adolescentes. Compreende-se a distância como um fator que pode influenciar a proximidade emocional de forma positiva ou negativa. Destaca-se que, quando se busca alternativas tecnológicas para suprir a ausência, o relacionamento pode ser enriquecido. Esse argumento pode ser exemplificado no caso de Dona Rosa (70 anos) e o neto que mora longe, a qual ressalta a facilidade proporcionada pela tecnologia, principalmente, em tempos de pandemia.

[...] é porque principalmente agora, do jeito que tá acontecendo, então a gente, quando eu tô em lugar que tem internet a gente conversa, vê, vê ele “pessoalmente” né, vê assim, mas eu ligo pra eles né pra saber como que tá, como que tá passando lá, aí tem que ligar pelo menos uma vez por semana né?

Dona Cida (57 anos) igualmente discorreu sobre o medo, gerado pela pandemia, de se deslocar de sua casa, na zona rural, até a cidade, onde fica a residência do seu neto.

A só final de semana a gente vê, a agora nesse momento não estou gostando de ir ne rua não, a gente fica com medo (risos), mas de vez em quando ele vem aqui (neto de 15 anos), vou assim se precisar né, mas não é muito de ir não, muito assim, todo dia, todo dia não.

Essa situação não é verificada no relato de Dona Rosa (70 anos) que espera receber mais visitas dos netos:

Eles vêm, eu vou menos na casa deles porque eu sou muito caseira né, aí eles mais que vem né, agora cabou de sair uma daqui todo dia vem um, dois, vem três né, os que mora perto né, agora os que mora longe vem assim no sábado, ou então domingo passa o dia comigo, passa no sábado [...]

Como mencionado anteriormente, os encontros de familiares podem ser o momento de confraternizar e reunir os netos, bem como filhos e demais membros da família. Os encontros ocorriam em decorrência das festividades, dos aniversários e das comemorações em geral:

A tudo é bom uai, tudo é mesma coisa, pra mim tudo é boa a relação com netos com filhos, tudo é a mesma coisa...A eu considero boa, convivência boa, graças a Deus com todos eles, não tem diferença nenhuma, pra mim todos eles são a mesma coisa, do jeito que eu trato um, trato todos... meu filhos também é mesma coisa, o que eu posso fazer pra um, faço pros outros... Já realizei muitas coisa né... junto aqui, aniversário, uma coisa ou outra, dia das mães tudo junto, dia dos pais (Dona trindade, 76 anos).

Além dessas reuniões comemorativas, outras sobressaíram como sendo realizadas pelas díades de atividades conjuntas, relatou Dona Rosa (70 anos),

[...] a gente vai, joga baralho, agora não tem a missa porque não pode né, mas quando tinha, aí a gente ia pra missa, a gente tem o coral da gente, e tem alguma festinha as vezes faço uma janta aqui em casa vem todo mundo né, e eles não é de briga, graças a Deus, nunca brigou não, graças a Deus, eu acho a convivência deles muito bom né, sabe, tanto faz de quinze anos pra cima, tanto faz de quinze anos pra baixo.

Figura 13 - Nuvem de palavras da categoria “Interação das avós com os netos: prevalência de atividades conjuntas”.



Fonte: Elaborada pela autora com base nos relatórios do *software* IRaMuTeQ (2020).

Na Figura 13, as palavras em destaque representam as principais atividades realizadas entre as avós e os netos jovens. O café servido à avó na cama, frequentar à missa ou assisti-la pela televisão, os encontros aos domingos, a participação no coral, foram discutidas anteriormente e também se evidenciaram na análise. A palavra “brincar” que aparece expressiva na nuvem, está relacionada aos momentos em que algumas avós não conseguiram fazer muita distinção entre os netos que estavam na adolescência e os da infância. Portanto, brincar referiu-se às atividades como jogos e recreações que realizam com os últimos, mas ao mesmo tempo foi atribuído ao brincar no sentido de divertimentos do dia a dia.

Os netos na infância costumam gostar de realizar brincadeiras com seus avós, quando transitam para a adolescência e juventude, as atividades tendem a assumir um caráter mais descontruído e interativo. Há também diferenciações no que tange ao sexo e a linhagem dos

avós, conforme o tipo de atividades realizadas com netos. De acordo com Smorti, Tschiesner e Farneti (2012), as avós compartilham mais atividades com seus netos do que os avôs. Enquanto elas desempenham atividades mais intelectuais, os avôs dedicam-se a atividades físicas. Por outro lado, em contraposição à literatura que aponta os avós maternos como mais presentes (STASOVA; KRISIKOVA, 2014), pesquisas apontam que foram os avós paternos os que mais compartilharam atividades com seus netos (SMORTI; TSCHIESNER; FARNETI, 2012).

### 3.2.3.3. Mudança na relação à medida que os netos crescem

Os autores Bangerter e Waldron (2014) colocam a possibilidade de os netos reduzirem, ao longo do seu desenvolvimento da fase da infância para adolescente e jovens, o tempo de convivência com os avós. Isso ocorre em razão da dedicação a outras atividades, por exemplo, o seu envolvimento com o grupo de pares, compromissos com a escola, com as redes sociais, ingresso na universidade, entre outras. Estes são alguns dos fatores que podem levar ao afastamento dos avós.

No grupo de entrevistadas, sobressaiu a percepção de que a convivência muda quando os netos casam e constroem sua própria família, ou quando entram na fase da adolescência e se veem mais interessados em distração na internet ou na dedicação aos estudos.

A muda né, muda porque eles já casou, cada um tá nas suas casas deles, com seus compromissos deles lá né, e elas já é diferente, eles já tá convivendo na casa deles né, lá com as famílias deles que tem os filhos também que é meu neto e eles já convivem mais pouco aqui, vem as vezes, uma vez ou outra, e ela (bisneta criança) fica mais constante... (Dona Lourdes, 73 anos).

Quanto à frequência de convivência, uma das participantes respondeu não haver diferenciação. Porém, quando se observa na íntegra o conteúdo de sua fala verificou que quando criança seus netos viviam em sua casa, na zona rural. Entretanto, afirma que agora ficam mais na cidade, não gostam de roça pela falta de internet e por precisarem da tecnologia para estudar.

É, a gente conversa dia de domingo, brinca e tudo, mas... neto eles gostam mesmo é de ficar é estudando pra lá né, fica mais é na rua, eles não gostam de roça não, porque gosta que na rua tem tudo né, na rua tem internet e aqui não tem, então eles gostam é daquilo e eles tá certo que é aquilo ali que vai ensinar eles, hoje quase que o estudo é só com isso né (Dona Cida, 57 anos).

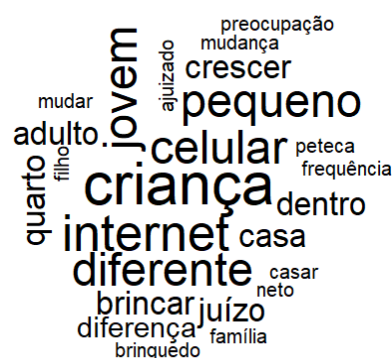
Este pensamento é reforçado por Dona Rosa (70 anos).

A tem [diferença], tem porque os maiores não gosta de muita conversa... assim junto com os pequenos né, já tem o celular, cê sabe que eles gostam mais de ficar é no celular né, não é? E os pequenos não, já é diferente, eles gostam que a gente conta uma história, brinca com eles, joga peteca, faz com eles jogo de bola, é tudo diferente né?!

As narrativas descritas anteriormente abordam o impacto da tecnologia e da internet no comportamento dos netos em sua interação com as avós e na Teoria Bioecológica esse processo é definido como “aspectos do ambiente físico transformando os processos interacionais naquele contexto” (POLONIA; DESSEN; SILVA, 2008, p. 77). Nesse sentido, apesar de as avós concordarem que o mundo tecnológico é benéfico ao estudo, consideram que o relacionamento pode ser prejudicado pela falta de diálogo dos netos. No caso dos netos que as avós afirmam não gostarem do espaço rural, nota-se o ambiente com seus aspectos físicos e sociais como diretamente relacionado ao desenvolvimento dos seus membros em interação com os demais (PRATI *et al.*, 2008).

Dona Ana (83 anos) apresentou o mesmo posicionamento. Relatou que os netos adolescentes vão com a mesma frequência em sua casa, mas destacou que o neto jovem corresidente chega em casa, toma banho e vai para dentro do quarto. Compreende-se que essa narrativa demonstra carência de atenção do neto. Percebe-se que a entrevistada termina a frase contradizendo o que afirmou antes, ressaltando que quando eram pequenos os netos ficavam mais tempo com ela e complementa [...] “agora eles tudo sai, uai”.

Figura 14 - Nuvem de palavras da categoria “Mudança na relação à medida que os netos crescem”.



Fonte: Elaborada pela autora com base nos relatórios do *software* IRaMuTeQ (2020).

Na opinião das avós prevaleceu mudanças, principalmente, no que tange aos tipos de brincadeiras. Quando os netos são “crianças” gostam de “brincar” de “peteca”, de “jogo de

bola” e outros. Já “jovens” se interessam mais pelo “celular” e pela “internet”, ficando “diferente” a relação. As entrevistadas identificaram “mudanças” na frequência de contato, com os netos optando por ficar em casa, dentro do quarto. As avós também perceberam “mudança” quando os “adultos” se “casam”, dedicando maior tempo aos cuidados da “família”.

Além da discussão em torno das palavras destacadas na Figura 14, as avós vincularam a mudança na relação ao fato dos netos pegarem “juízo” e não necessitarem de cuidado e “preocupação” (Dona Paulina, 86 anos, e Dona Trindade, 76 anos). Além disso, uma avó relatou não perceber diferença na relação quando os netos se tornam jovens, como observa na fala da Dona Cida (57 anos):

Uai parece assim que mudou que panhou mais juízo né, cê sabe de novo não tem juízo né, mas graças a Deus tá ajuizado não tá dando trabalho pra nós, [quando era criança] tinha que falar menino pra não brigar um com outro, falava pra não brigar um com outro, que não pode deixar (Dona Paulina, 86 anos).

A muda bastante né? Quando é criança né, parece que eles entende mais... a gente fala mais coisa com eles, depois que cresce, eles já tá adulto não precisa de muita preocupação não né; a gente explicava mais pra ele, que hoje eles já é adulto né, a gente tinha mais, cuidava mais (...) (Dona Trindade, 76 anos).

É normal mesmo, com as mães cuidando deles direitinho, tá indo tranquilo, graças a Deus tudo obediente, porque eles gostam de ficar na rua, porque na rua tem internet né e aqui na roça não tem, então não tem jeito nem deles estudar as vezes alguma coisa que depende de internet (Dona Cida, 57 anos).

Triadó *et al.* (2006) ressaltam que, principalmente na adolescência, os netos prezam por uma vida mais autônoma e pautada em novos contextos de relacionamentos. A dedicação às novas atividades exige maior tempo e energia em comparação às outras situações. Por consequência, ocorre a limitação da convivência dos netos que estão nessa fase da vida com seus avós. Esse processo é conhecido como “estaca geracional”, ou seja, “enquanto nos adolescentes esse interesse é focado em alcançar autonomia e separação da família, para os avós, no entanto, seu interesse geracional reside na manutenção da continuidade familiar” (TRIADÓ *et al.*, 2006, p.101).

#### **3.2.3.4. Concepções do papel ocupado pelos netos na vida das avós**

No desenvolvimento do trabalho de campo, optou-se por unir a categoria “concepção de neto” com o “papel dos netos na vida dos avós”. A partir das anotações no caderno de

campo da pesquisadora, verificou-se no relato das participantes que não ocorreu a separação das referidas categorias. Portanto, neste tópico, a partir das narrativas registradas, discute-se a concepção de neto e o seu papel na vida das avós simultaneamente, pois nem sempre foi possível averiguar os dois conteúdos de forma independente.

No que diz respeito ao papel dos netos na vida das avós, convém destacar que são derivados da qualidade da relação entre os membros de uma família, já que se refere aos papéis simbólicos atribuídos pelos indivíduos (CUNHA; MATOS, 2010). Tal situação remete ao papel como a posição que determinada pessoa ocupa na vida da outra e os estudos de Bronfenbrenner (1996) possibilitam revelar tal aspecto.

Após a explicação anterior, menciona-se o “papel dos netos na vida das avós” como aquele que agrupa fatores emergentes das narrativas a respeito da posição dos netos na vida delas. Foi difícil identificar o distanciamento entre os papéis pelas entrevistadas, já que frequentemente comparavam os netos aos filhos, com a intenção de colocá-los na mesma representação. Porém, percebeu-se através de três relatos a separação entre eles.

Ser neto? Ser neto eu tenho eles como os filhos uai... é bom ter os netos uai.. sou feliz de meus netos saber tratar os outro bem, os mais velhos, os mais novos (Dona Trindade, 76 anos).

Uai um neto pra mim é “mema” coisa de um filho né, eu tenho eles como filhos mesmo, ocê é mesma coisa da sua mãe pra mim [direcionando-se a neta de 23 anos] (Dona Paulina, 86 anos).

[...] não, eu acho que o amor é um só, eu tenho amor por eles é tudo de um jeito só, é igual filho né, filho a gente não separa, então os netos também é mesma coisa (Rosa, 70 anos).

Os relatos das avós determinam que a comparação dos netos com os filhos, deve-se ao fato de apresentarem, sem distinção entre eles, o mesmo amor. Entretanto, assumir a função de mãe, não foi destacado por nenhuma das participantes do estudo.

De acordo com o nível de interação e proximidade com os netos e conforme delimita a teoria de Robertson (1977), Park (2018) analisou, em seu estudo, três tipos de papel de avós. Merece destaque o chamado “tipo simbólico”, tendo em vista que sua definição se assemelha ao conteúdo do relato de uma das avós. É caracterizado pelo papel de avós que reconhecem o significado de seu papel, mas não intervém diretamente no quesito comportamental. É o que nos remete Dona Cida (57 anos) quando estabelece que não corrige, apenas instrui os pais:

[Coisa errada] Eu não dou opinião, eu eu falo com o pai e a mãe, se for preciso de eu fazer eu falo com o pai e a mãe, faz isso, conversa isso e isso, mas graças a Deus nunca foi preciso de fazer nada não.

A avó acima reconhece seu papel como avó e não age como mãe para intervir e corrigir o neto. Quando vê necessidade, ela não sai do seu lugar de avó, pelo contrário, age como conselheira dirigindo-se aos pais e orientando a corrigir o jovem. Esse relato comprova o seu lugar no papel de avó e não assume a função dos pais na tarefa de educar. Dado esse similar ao encontrado no estudo de Scremin e Bottoli (2016), em que o significado biológico prevaleceu no momento de determinar qual o papel assumido pelos avós, embora estejam ligados à socialização dos netos, não confundem seus papéis.

Figura 15 - Nuvem de palavras da categoria “Concepções do papel ocupado pelos netos na vida dos avós”.



Fonte: Elaborada pela autora com base nos relatórios do *software* IRaMuTeQ (2020).

As narrativas evidenciaram que apesar de reforçarem que os netos são iguais aos “filhos” e que não se “separam”, as avós conseguem distinguir os papéis na vida cotidiana. Observa-se na Figura 15, que as avós representaram os netos como “tudo” que têm na “vida”, como algo “gostoso”, como que “acarinham” mais do que os filhos e como “futuro de vida”.

Sobre a concepção de neto, as participantes não colocaram uma definição, atrelaram-se ao tornar-se avós, pela representação sobre o que é ter netos e bisnetos, conforme segue nos relatos.

uai, ser neto é bom demais... A representa muita coisa boa uai, né, representa muita cosia porque eu era doida pra ter neto, agora tenho bisneto já, e eu era doida pra ter neto, nossa senhora todo mundo tem e eu não tenho (Dona Lourdes, 73 anos).

A eu acho que é tudo de bom na vida da gente, tudo de bom na vida da gente, já pensou uma pessoa que não tem nenhum neto? A pessoa que não

tem um filho, não tem um neto, é muito ruim, já pensou se nós não tivesse nenhum neto, a casa tava vazia, chega aí enche a casa ó, só dois enche a casa, se bobear (Dona Lena, 65 anos).

A os netos é mesmo muito gostoso, as vezes a gente acarinha até mais que filho, muito bom, bom demais, é uma coisa muito boa que Deus deu a gente, a gente acha até pouco, eu tenho quatro, acho até pouco, é bom, os netos é muito bom, fico aflita que eles vem cá ver a gente, é gostoso demais (Dona Cida, 57 anos).

Ser neto, é coisa muito boa, muito boa mesmo, eu acho muito importante pra mim, ter os netos, né o meu sonho era de conhecer bisneto, e eu já tenho quatro, então, meu amor acho que ta sendo muito, muito mesmo que eu gosto muito deles.. Não, eu acho que o amor é um só, eu tenho amor por eles é tudo de um jeito só, é igual filho né, filho a gente não separa, então os netos também é mesma coisa (Dona Rosa, 70 anos).

O tornar-se avós se relaciona aos papéis assumidos, uma vez que é uma etapa de modificações na dinâmica familiar, de novas tarefas, novas funções e passam a ser desempenhadas com objetivo ao bem-estar familiar (MENDES; COELHO; RODRIGUES, 2020). Tal verificação reforça a ligação entre uma categoria e outra.

Constatou-se uma colocação interessante a respeito do papel ou da concepção de neto. Dona Ana (83 anos) disse “ser neto acho que é o futuro de vida né (risos) o futuro da vida da gente”. Apesar de não ter explicado melhor a expressão em destaque, tem-se a impressão de que ela percebe o neto como alguém responsável por dar continuidade à sua geração, como alguém relacionado ao amanhã, que ainda virá a chegar. Esta é uma declaração condizente com Aratangy e Posternak (2005) *apud* Oliveira e Karnikowski (2012, p.146) quando mencionam “o neto é a representação de promessa de vida em relação a certos ideais [...]”. Ramos (2014, p.47) também apresenta sua ideia “ser avô proporciona novas identidades, novos papéis, novas interações, dá um sentido à vida e um desejo de continuidade”.

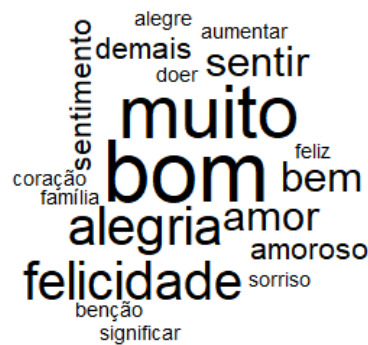
A discussão acerca do tema ainda gera questionamentos e deve ser melhor explorada em futuras pesquisas, pois há quem diga que o papel de neto é ainda pouco definido na literatura, chegando a levantar a hipótese de ser um “papel sem papel” ou com “ausência de definição” (CUNHA; MATOS, 2010, p. 1039).

### **3.2.3.5. Significado que as avós atribuem aos netos**

O significado dos netos na vida das avós foi positivo, por unanimidade: “Então pra mim né, significa só coisas boas” (Dona Lena, 65 anos), como o “sentimento de “felicidade”, “alegria”

e “amor”. O que remeteu fortemente à presença dos netos na vida das avós, como motivadores da saúde emocional, da afetiva e do bem-estar físico. Do mesmo modo, os avós podem ser fator de proteção emocional para os netos. Por isso, Cezar-Ferreira (2017, p.218) afirma que “A relação netos e avós é fundamental à vida de ambos, sendo que uma relação afetiva adequadamente desenvolvida pode ser útil ao melhor desenvolvimento psicoemocional dos primeiros e ao melhor equilíbrio psicoemocional dos últimos”.

Figura 16 - Nuvem de palavras da categoria “Significado que as avós atribuem aos netos”.



Fonte: Elaborada pela autora com base nos relatórios do *software* IRaMuTeQ, (2020).

O lado emocional ficou fortemente evidenciado na fala de Dona Rosa (70 anos): “Eu sinto mais alegre quando eu vejo que eles estão chegando na minha casa sabe, aí eles chega assim bença, vó, dá uma coisa muito boa, muito boa MESMO, aí chega dando aquele sorriso pro meu lado sabe, aí o amor parece que até aumenta mais né? ”. A alegria despertada na avó evidencia como a presença dos netos a faz ter mais empolgação no seu dia. Além disso, em outro momento ela cita um ritual realizado pela neta jovem-jovem e seu respectivo pai (filho de Dona Rosa), de ir vê-la como algo que transmite um significado afetuoso em sua vida.

Essa menina aí é amor de pessoa, ce precisa de ver, ela dá uma atenção pra mim, cê precisa de ver como que ela é um amor de pessoa, ela é (pausa emotiva) ela é demaiiiss... ela é demais pra mim, igual o pai dela também, o pai dela também é, menina, amanhece o dia, pode contar, amanheceu o dia, bateu ali sete horas, sete e quinze eles dois ta chegando aqui em casa, e é TODO dia, aí eu acostumei levantar cedo pra fazer café pra eles né, aí aonde que ele for trabalhar, primeiro ele vem aqui, ver que jeito que eu tô, pra depois ele ir pro serviço, e é todo dia, eu acho eles muito assim, muito apegado a mim, sabe... mas aí a gente tem que acostumar eles assim né, quanto mais longe ficar dos filhos pior fica, sempre tem que tá presente eles (Dona Rosa, 70 anos).

Pela descrição de Dona Rosa, nota-se a importância da interação como um elemento crucial para o fortalecimento do vínculo entre avós, filhos e netos, o que gera implicações na sensação de bem-estar psicológico de todos eles. Dona Lourdes (73 anos) igualmente expressou o significado dos netos por meio dos sentimentos.

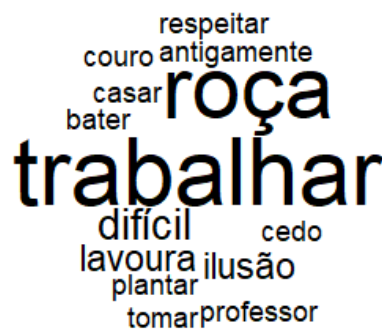
O sentimento que tenho por eles é amor, tudo bem com eles, que eu gosto deles né, quando eles fica aqui e depois que vai embora eu fico... tem vez que eles dorme, dorme tudo aqui, ai dia que vai embora no outro dia eu fico com o coração doendo, eu sou amorosa, sou muito amorosa, eu sinto muito bem com eles.

O sentimento de gratidão pelos netos veio evidenciado com empolgação nas palavras e acompanhado de sorrisos durante a realização das entrevistas.

### 3.2.3.6. Vivências das avós

Na Figura 17, nota-se maior expressão das palavras “trabalhar”, “roça”, “difícil”, “lavoura”. Tais referências relacionam-se ao passado das avós como resultado das gerações advindas, marcado por dificuldades com relação à falta de acesso ao estudo, pelo árduo trabalho no campo, pelo rigor na educação prestada pelos pais, quase sempre acompanhada de “couro”, e pelas dificuldades financeiras no meio familiar.

Figura 17 - Nuvem de palavras da categoria “Vivência das avós”



Fonte: Elaborada pela autora com base nos relatórios do *software* IRaMuTeQ (2020).

No campo educacional não havia incentivos e os castigos eram desanimadores.

Antigamente, a nós trabalhava na roça eu trabalhava na roça desde a idade de sete anos panhava café nós não tinha cama pra dormir também não era na

esteira pro chão a fora no cobertor, tinha dia que eu levantava tinha até cobra debaixo do travesseiro (Dona Ana, 83 anos).

[...] Pra comer era difícil demais uai, tinha que trabalhar o dia inteiro e no cabo da enxada né, então eu criei meus filhos tudo no cabo da enxada né, e alimentando mal, ganhava pouco, então foi muito difícil, mas, com Deus eu cheguei, lutando e com força e coragem né, sempre graças a Deus eu fui muito guerreira... Estudo mesmo eu fiz só até terceiro ano, era muito difícil apanhava muito né, que os professores era muito ruim, eles batia mesmo, sem dó... [...] É uai, isso aí atrapalhou muito a gente né, eu sai cedo da escola, eu tirei só o terceiro ano, era um castigo que eles colocava a gente de castigo ajoelhado num caroço de milho, no caroço de feijão que a gente tinha que ficar ali no sol quente, era muito difícil, triste mesmo só a gente que passou que sabe (Dona Rosa, 70 anos).

Eu apanhei muito quando era nova, então não gosto de bater que eu sei que couro dói demais, eu tomava couro atoa menina, eu toda vida respeitei meu pai casei com idade dezoito anos, respeitava meu pai demais, pergunta sua avó, mais ou menos da minha idade, se antigamente no tempo que ela era moça se ela tinha liberdade igual eu e ela que pode ser igual, igual as meninas tem hoje, tinha não a gente respeitava, para ir na praça, nove horas vai vim embora para casa, namorar de jeito nenhum e casei com idade de dezoito anos, mas minha vida foi uma rotina (...) (Dona Lourdes, 73 anos).

Merece destaque como uma avó fala das dificuldades dos tempos passados, ao mesmo tempo, o valoriza como uma época em que as coisas eram melhores se comparadas à hoje. Segundo ela não havia “ilusão” e dava-se valor as pequenas coisas que hoje não recebem a devida importância de seus netos.

Iii no meu tempo, nós pnhava café, ganhava dinheiro só na panha de café, passeava dia de domingo só nos campos, estudava só até quarto ano, não era fácil não. Hoje é mais fácil, mas de primeiro era bem melhor, porque de primeiro não tinha muita ilusão né? Porquê de primeiro qualquer coisinha era bom demais, e hoje não, hoje tem que ter muita coisa né, pensa pro cê ver, hoje se não tiver uma internet, se não tiver uma televisão né, não tá bom né, de primeiro nada disso tinha e era muito bom, pessoal era feliz. Mas é isso mesmo que eu te falei, falei que a vida não era fácil de primeiro, mas era feliz que nós não tinha muita ilusão igual tem hoje, hoje tem ilusão demais, eu falo ilusão, mas é bom né... Essa quantidade de celular sabendo usar é bom demais né, que a gente já não estuda mesmo (Dona Cida, 57 anos).

A vivência sofrida dessas avós foi marcante e algo que todas as participantes afirmaram, diferente da que os netos vivem hoje. Quando contam e compartilham com os netos, muitos não dão a devida atenção e até mesmo dizem não acreditar.





Verificou-se as palavras relacionadas à troca “aprender” e “ensinar”. Na opinião dos jovens, o ensinar dos avós apareceu majoritariamente na forma de “conselho”, como exemplo, o incentivo a estudar, a trabalhar, a casar, a ter “respeito” com as pessoas, sobretudo com os mais velhos. O ensinar pode ser observado ainda no estímulo a seguir “um bom caminho”, ou seja, pautado em valores religiosos.

Dá, dá muito conselho, desde novo né, desde criança... desde quando nasceu... até hoje ela dá conselho...A os conselhos pra não fazer as coisa errada, conselho de casar (risos) toda vez ela fala isso comigo, arruma uma muié pro cê casar, (risos) um monte de coisa (Lucas, 19 anos).

Ela me falava muito sobre as coisas erradas né, que sempre quem faz coisa errada não consegue nada na vida, que Deus não apoia né, que sempre ele cobra, que “Deus deita mas, não dorme”, sempre me disse isso, pra não mexer em nada que é de ninguém, se a gente mexer, Deus tira em dobro que é errado, não pode, né, isso eu trago pra minha vida até hoje eu vou levando, né, que não pode mexer em nada que é de ninguém, trabalhar, porque sem trabalhar não vai conquistar nada na vida, ela puxou muito minha orelha também pra mim estudar eu não estudei (risos), como eu disse tô trabalhando na roça (risos) e é isso... (João, 20 anos).

Os resultados remetem, em alguns momentos, aos pontos característicos de pessoas de vivência numa cidade de pequeno porte com fortes características rurais. A cidade de São Miguel do Anta justifica alguns dos posicionamentos dos entrevistados, como exemplo, o fato de a avó desejar e cobrar o matrimônio do neto de 19 anos. Provavelmente, esse não seria um conselho dado por uma avó de um centro urbano. Logo, é possível fazer relação ao contexto interferindo nas formas em que as relações acontecem.

Os ensinamentos são resultados de trocas evidenciadas pelo ensinar e aprender. Os conhecimentos e os incentivos ofertados pelos avós são uma forma de conduzir os netos a uma trajetória marcada por valores considerados fundamentais para seguir uma vida justa.

O ritual do “casamento” pareceu ser algo bastante valorizado pelos avós. Por outro lado, na geração de netos, a formalização do matrimônio não se mostrou imprescindível, uma vez que dois netos afirmaram “morarem juntos” com seus parceiros, sem a realização da cerimônia religiosa. Pela narrativa de uma neta, visualizou-se a tentativa de ensinar a seus avós uma nova concepção de mundo que inclui a opção da separação de um matrimônio quando esse não dá certo.

A... a tecnologia é um meio que eu ensino, por mais que, só a minha avó materna tenha celular assim com WhatsApp, mas eu tento ensinar a tecnologia nesse sentido, mas eu tento ensinar assim, é como eu falei a concepção do mundo agora, sabe, é... de como eles já têm uma concepção pronta, eu tento quebrar, por isso que na conversa assim, que as vezes não é assim, sabe, por exemplo de que tem muita concepção de que um casamento uma vez casado nunca mais separado, as vezes eles têm essa concepção e eu falo não, não é assim né, as pessoas elas têm direito de ser felizes, elas têm direito é... de sair de um casamento, então o meu papel, eu tento quebrar, essa barreira de uma concepção pronta que eles já têm... (Júlia, 20 anos).

A neta afirmou tentar mudar a “concepção” de vida de sua avó a respeito do casamento, a qual acredita que o mesmo é para a vida toda. Em contraposição, a jovem prediz o laço matrimonial como passível de ser desfeito, caso encontre divergências na união. Nessa díade, o posicionamento diferente não foi um ponto de conflito, ambas pareceram lidar com a divergência de opiniões. Essa evidência não corrobora a observação feita por Engelhard (2020), quando afirma que as diferenças de valores e visões de mundo podem dificultar a interação avós-netos. Pelo contrário, a díade destacada demonstra a frequência de realização de atividades conjuntas como algo que indica o fortalecimento de vínculos.

Outros valores apareceram nas narrativas dos netos como resultados de uma troca com seus avós. Por exemplo, o respeito que devem dedicar aos pais, a educação que precisam fornecer aos seus filhos (bisnetos), o legado deixado relacionado à música, no que se refere à herança dos “instrumentos musicais” após a morte, o apoio oferecido pelos avós, o incentivo à “religião” e a “fé”. Estes últimos marcam a vida dos netos como um valor a ser seguido.

eles têm me ensinado muita coisa também em questão de apoio, eu vejo que todos eles... uma vez minha avó materna falou o que eu não peço... como que é o negócio gente, o que eu não peço chorando, que ela não faz sorrindo, alguma coisa assim e aí aquilo me comoveu bastante sabe?! (Júlia, 20 anos).

A entrevistada narrou com satisfação os ensinamentos religiosos e o fato de seu avô falecido ter relatado, antes da morte, o desejo em deixar os instrumentos musicais ao neto que primeiro aprendesse a tocá-los. A neta que possui aptidão para música aprendeu a tocar alguns instrumentos e teve acesso à herança desses objetos que eram do seu avô, conforme prometido.

o meu falecido avô, ele me ensinou muitas coisas, as poucas lembranças que eu tenho dele, são lembranças, todas elas, são lembranças de ensinamentos, ele era um apaixonado pela música e me fez apaixonar também, era um cara extremamente religioso, e essa questão era um legado que ele deixava pros netos né, pros filhos, pra passar de geração em geração essa religiosidade,

então ele me ensinou muitas coisas e quando ele faleceu né, ele pediu para que os instrumentos musicais dele, o neto que fosse, que aprendesse primeiro poderia ficar com os instrumentos né, então ele tinha uma viola e um teclado, e assim foi, eu fui a neta que aprendi a tocar [...].

Trabalhos apresentados na revisão integrativa, como Coutrim e Silva (2019), registraram pontos semelhantes aos descritos. Os autores identificaram que quando os avós possuem baixo nível educacional e são impossibilitados de oferecer ajuda nos estudos, verificam algo que tenham conhecimento e fazem questão de compartilhar com os seus netos.

João (21 anos) argumentou ter aprendido muito com a avó que o criou. Os aspectos emergentes na entrevista demonstram a transferência de cultura por gerações, já que o dito popular que o neto menciona foi adquirido a partir da vivência com a avó: “Deus deita, mas, não dorme”. Goldfarb e Lopes (2013) apoiam a relevância da transmissão cultural dos avós no processo de identificação dos netos, principalmente dos valores que são transmitidos. Logo, os netos são "afetados" pelas relações com seus avós.

Mencionou-se o que os netos afirmam aprender com seus avós, entretanto, é necessário discutir também, o que eles acreditam ensinar a eles. Neste ponto, sobressaiu o ensinamento voltado para uso da tecnologia, com apenas uma neta buscando ir além, ou seja, almejou transmitir conhecimento aos seus avós por meio de uma concepção de mundo mais atual. Essa informação corrobora com a opinião das avós, como visto anteriormente, quando mencionam quase de forma unânime a aprendizagem do uso do celular com seus netos.

Cada conhecimento carrega o seu valor e uma geração tanto pode ensinar como pode aprender. Como afirma Ramos (2014, p.43),

As atividades intergeracionais proporcionam um espaço em que as diferentes gerações, respeitando as diferenças e conhecimentos, criam um espaço comum de troca mútua de saberes e afetos, de solidariedades e de diálogo entre os mais velhos e os mais jovens a partir dos conhecimentos e experiências de cada um.

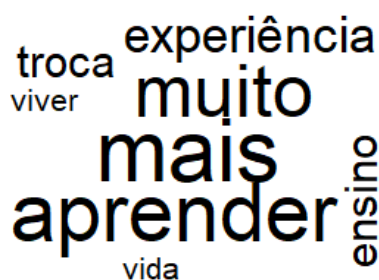
Frequentemente, sabedoria é algo relacionado à idade e à maior experiência de vida. Os netos quando questionados sobre os ensinamentos, tenderam a mencionar os avós como mais sábios e portadores de conhecimentos em razão da maior vivência.

Aprendo mais né, tem muita experiência, já viveu muita coisa que eu não vivi ainda, acho que eu aprendo, com certeza... (João, 21 anos).

Aprendo, com certeza, cada dia que eu vou lá tem uma coisa assim, eu não é que eu ensino, coisas assim de hoje em dia, como que eu vou falar, a isso tal coisa, mas no dia a dia a gente ensina porque minha avó, não teve, nem estudou direito, então coisa assim, igual hoje assim ela fala no celular, tadinha, ela não sabe ler, ela só aperta lá quem tiver ligando ela atende, mas isso foi uma coisa assim que a gente ensina, mas coisas assim da vida mesmo sabe, a com certeza eu aprendo muito mais, amor, carinho, respeito, eu acho que a base hoje é o amor, respeito pra tudo na vida, independente de qualquer pessoa, eu acho que tem que ter respeito saber ouvir a pessoa, tudo, então isso eles ensinam muito bem, muito mais, nosso Deus não tem noção, nunca eu vou falar que ensino eles mais do que aprendo, eles falam as coisas de antigamente, as coisas como que eram difíceis, então eles dão lição pra gente vencer os obstáculos hoje em dia né, então saber lidar com as coisas hoje em dia, então com certeza eu aprendo muito mais do que ensino (Liz, 23 anos).

Na rotina do dia-dia, Liz (23 anos) demonstrou ensinar o uso do celular como forma de suprir a falta de oportunidade de estudo da avó. Porém, em relação a aspectos da vida, ressaltou aprender muito mais com os avós do que ensiná-los.

Figura 20 - Nuvem de palavras do tema “Percepção dos netos sobre ensinamentos”



Fonte: Elaborada pela autora com base nos relatórios do *software* IRaMuTeQ (2020).

Prevalece a concepção de que os netos acreditam “aprender muito mais” com seus avós, por eles já terem vivido mais e terem mais “experiência” de “vida”. Entretanto, consideram ocorrer uma “troca”, uma vez que ensinam, principalmente, o uso de tecnologias.

A com certeza a gente aprende mais com ela, ela já é vivida, já tem bastante tempo que está lhe dando com esse mundo, então a gente aprende mais (Beatriz, 23 anos).

Na Figura 20, estão registradas as pessoas com as quais os netos mais se identificam e que para eles são importantes referências. Observa-se que quando não representadas pela

“mãe” e pelo “pai”, na maioria dos casos, destaca-se as “avós” junto com os progenitores. Ademais, outros membros familiares também foram ressaltados.

Eu acredito que eu aprendi MUITO, com meu falecido avô, porque né a partir das crenças... e eles ensinam, meus avós eles ensinam todos os dias assim (Júlia, 20 anos).

Os três, meu pai, minha mãe, minha avó, tem minha irmã também que ela não mora aqui, mas nós conversa todo dia no celular, nós conversa de vídeo, áudio, mensagem normal, nós conversa todo dia, todo dia ela liga, conselho o dia inteiro, eu dou pra ela também conselho (Lucas, 19 anos).

Figura 21 - Nuvem de palavras do tema “Figura de referência”



Fonte: Elaborada pela autora com base nos relatórios do *software* IRaMuTeQ (2020).

Nesse contexto, é conveniente abordar a díade de atividade primária determinada pela Teoria Bioecológica. Por mais que não aconteça interação face a face, (com o avô falecido e com a irmã que mora em outra cidade), as pessoas influenciam ou já influenciaram a vida das outras. De acordo com Polonia, Dessen e Silva (2008, p. 75), a situação descrita “representa aquela díade que continua a existir mesmo quando os parceiros não estão juntos, mas os sentimentos gerados pelos participantes ainda influenciam o comportamento um do outro”.

Em outro momento, Lucas (19 anos) relatou sentir por sua avó apreço, identificação e carinho. “A se eu pudesse eu seria igual ela, sentido assim que ela respeita os outro, conversa com os outro, grita todo mundo, todo mundo conhece ela”. É expressado pelo neto a admiração e percepção que se tem da avó como modelo de vida a ser seguido. Observa-se que o neto valoriza a personalidade da avó, com destaque o seu lado sociável e a sua comunicação com todos ao redor.

Júlia (20 anos), neta de Dona Rosa (70 anos), também apresentou em seus relatos afinidade por ela e por sua avó materna. Com Dona Rosa ela expressou maior identificação “o

contato mais próximo é o que eu tenho com minha avó paterna porque a gente parece muito (risos)” [...]. Em seguida, complementa,

eu falo no sentido assim da gente gostar das mesmas coisas, sabe, a gente tem um jeito parecido, é... eu acho difícil alguma coisa que assim, que as vezes eu gosto que ela não gosta, sabe, eu acho que eu puxei muito ela, nisso, então, mas é mais nesse sentido mesmo, de parecer com ela... (Júlia, 20 anos).

Liz (23 anos), neta de dona Paulina (86 anos), colocou em primeiro lugar os pais como figuras de referência em sua vida, seguido dos avós. Ela apresenta um ponto que poderia ser considerado conflitante por outras pessoas, mas na sua família é algo positivo, que é o fato de os pais serem casados e seguirem uma religião distinta. Tal situação não impediu que desde a infância ela aprendesse um pouco sobre a vida com eles.

Primeiramente meus pais, meu pai e minha mãe são minhas figuras de referência né, por mais que meu pai e minha mãe sejam de religião diferentes né, minha mãe é evangélica e meu pai é católico, mas os valores principais veio deles, eu ingresse na igreja evangélica e isso dou graças a eles, aí eu batizei muito nova, porque desde muito nova eu sempre fui muito ligada com as coisas de Deus, e por causa dos meus avós também, porque igual falei meu avô tem muita fé e ensinou direitinho, não tô falando nada de igreja agora nem nada não sabe, mas assim, ele me ensinou que Deus é o nosso pai celestial, dono de tudo, então a gente tem que seguir ele, então que na época eu já tava muito ligada as coisas da igreja, de criança, jovem, adolescente então assim eu estava firmada a cabeça com aquilo, eu tinha que seguir aquilo, meu coração queria aquilo, então eu batizei com doze anos de idade, com doze anos de idade eu já regia um coral, então vai fazer doze anos agora, esse ano, que eu rejo o coral então assim, dou graças à minha mãe também, e meu pai também de não interromper minha mãe, de ela ir pra igreja evangélica e ela também respeitou a ele né.

Além da identificação de valores e gostos, foi verificada uma situação de instabilidade emocional vivenciada por uma neta, na qual as avós foram fundamentais para que ela passasse por uma crise existencial e conseguisse se recuperar. A entrevistada enfatizou a relevância das duas avós como fonte de apoio e incentivo.

[...] eu passei por um período da minha vida é que eu tive depressão e as minhas duas avós, meus avós né, foram muito presentes na minha vida, eles estiveram muito presentes nesse... nesse período né, é assim, eu me sentia amada, me sentia protegida, sabe e isso me fazia muito bem, porque eu senti que as pessoas se preocupavam comigo, enfim eles se fizeram muito presentes na minha vida, eles continuam fazendo, mas nessa época que foi mais presente ainda, eles me diziam palavras de conforto, sabe, então, eu sou muito grata, sou muito grata por ter eles [...] então, eu me lembro que minha avó materna foi à minha casa, passou uns dias comigo, assim, só pra fazer

companhia né, a minha avó paterna por exemplo, ela me levou uma vez é... na missa e assim que acabou a missa ela pediu que o padre fizesse uma bênção, então assim, são acontecimentos que eu vejo que realmente se preocupam comigo né, e se se preocupou comigo é porque eu devo ser importante na vida deles (Júlia, 20 anos).

É notório o papel de agentes de proteção ocupados pelas avós na vida da neta. Em um momento de crise, juntamente com o avô, se mostraram fonte de apoio e ajudaram a neta a sair da situação de risco em que se encontrava. É possível relacionar esse relato com o estudo de caso realizado por Pinto *et al.* (2014), as quais abordaram na pesquisa uma adolescente de 15 anos que passou por um período de sofrimento. Observa-se que mesmo morando com a mãe e a avó, encontrou apoio e acolhimento da última, isto é, ainda em situações de convivência com as mães, as avós podem se destacar enquanto alicerce. Igualmente, Merrill e Fivush (2016) e Dias e Silva (2003) tratam os avós como pessoas importantes ao auxiliarem os netos a superarem os momentos de crise.

Além de fonte de ensinamentos, os membros da família aparecem como rede de apoio e fator de proteção para a vida dos jovens. Ressalta-se o caso de Lucas (19 anos) que se referiu a irmã como conselheira orientando-o, por exemplo, a não sair para a rua à noite. Além disso, reforça-se a relevância das relações intergeracionais no contexto familiar como um todo, ao demonstrar o fortalecimento de vínculos como recursos para evitar situações de risco, às quais os jovens estão expostos todos os dias. Nota-se que não ocorre doação de cuidados como é frequente na fase da infância dos netos, mas os avós apresentam-se como doadores de auxílio emocional (SCIPLINO; KINSHOTT, 2019) e também com recurso potencial para ajudar os netos a passarem por eventos adversos da vida (TAN, 2018).

Com base no estudo, observou-se a riqueza do diálogo entre avós e netos que surgiu como um elemento significativo de interação. Não é apenas a convivência num mesmo espaço, ou o fazer atividades em conjunto, mas uma convivência marcada pelo diálogo, pela comunicação e pelo “estar com” o outro, exercendo ainda uma escuta ativa enquanto compartilham tarefas do cotidiano. Esses aspectos serão apresentados no próximo tópico.

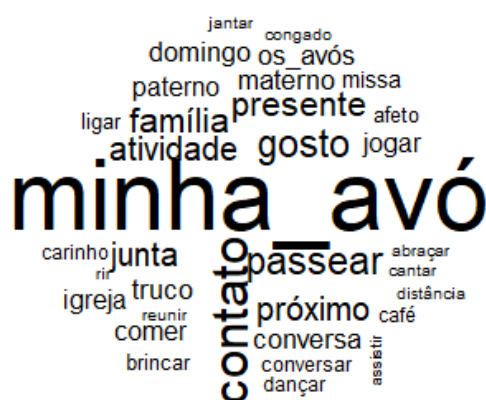
#### **3.2.4.2. Interação dos netos com os avós: prevalência de atividades conjuntas**

Neste estudo a vivência mais forte dos netos entrevistados foi com as avós, nota-se na Figura 22 a evidência da expressão “minha avó” e “contato”. Apesar de não ter proposto aos netos destacar os avós preferidos, sejam eles maternos ou paternos, ocorreu, como no estudo

de Dias e Silva (2003), que a frequência de contato ou a distância geográfica condicionava a maiores vivências dos avós com os netos.

Então o que mais diferenciava é porque eu... minha vó Sandra, as vezes nem morava tão perto né, então as vezes ela morava em viçosa, aí tal, aí... e eu sempre morei perto da minha vó dona Lourdes, então eu acho que é isso que diferenciava né, eu tinha um contato a mais com minha vó Lourdes do que com minha vó Sandra (Beatriz, 23 anos).

Figura 22 - Nuvem de palavras da categoria “Interação dos netos com os avós: prevalência de atividades conjuntas”.



Fonte: Elaborada pela autora com base nos relatórios do *software* IRaMuTeQ (2020).

Cada aspecto da vivência é valorizado de acordo com a idiosincrasia de cada jovem, isso pode ter influenciado no momento de cada um trazer a memória o que realiza com seus avós. Nesta pesquisa, a vivência apresentou uma inter-relação com a díade de atividade conjunta proposta por Bronfenbrenner (1996), visto que se destacaram diversas atividades realizadas entre netos e avós. Com ênfase nos momentos de afeto, foi possível ressaltar os seguintes exemplos:

A é a gente faz janta, a gente liga pra ela pergunta pra ela se ela quer que a gente leva, aí as vezes ela não quer não, que as vezes eles não costuma jantar, ai a gente leva janta, leva bolo, eles ficam alegre sabe, nossa vovô gosta demais de broa [...] (Liz, 23 anos).

É a gente gosta muito de jogar truco, ensinou a família toda a jogar truco, mas outra atividade assim, outra atividade, não sei se encaixaria aí mas a gente gosta bem de dançar um forrozinho eu e minha vó paterna, ela gosta muito e eu também, então a gente de vez em quando, tem o forró na roça e aí a gente vai, dança demais tá... Agora com a minha avó materna a gente não tem esses tipos de atividade assim, não que eu me lembre no momento,

porque a materna é evangélica né, então a gente não tem... assim, eu não tô lembrando de alguma atividade que a gente tenha feito (Júlia, 20 anos).

Constata-se que as atividades relatadas são atividades típicas de netos jovens, já que na infância não possuem desenvolvimento para interações como as citadas anteriormente, voltando-se para brincadeiras e jogos. Por outro lado, é possível verificar a diferença entre uma avó e outra, pelo aspecto religioso e pela vivência da religião de forma rígida, privando a existência de algumas experiências entre as duas gerações. A neta Júlia (20 anos) afirma que não possui lembranças de atividades compartilhadas com a avó materna, justificando por ela ser evangélica. O relato supõe a vivência rígida da religião por parte da avó, provavelmente sendo mais introvertida do que a avó paterna.

Ressalta-se que a neta possui boas interações com as avós das duas linhagens familiares. Sua avó materna é Evangélica e, por outro lado, a avó paterna segue a religião Católica Apostólica Romana. O estudo de Copen e Silverstein (2007) não encontrou evidências de que há mais influências de uma linhagem familiar em relação à outra, na vida religiosa dos netos. Entretanto, os autores apresentaram resultados que indicam a influência dos avós, principalmente as avós, na transmissão de crenças e valores religiosos aos netos.

As atividades entre netos e avós também se evidenciou como interligada aos eventos familiares em datas comemorativas ou nas reuniões aos domingos. Isso demonstra a relevância dessa relação quando conecta a outros membros familiares.

Nesses negócios de sair e atividades juntas, nós já fizemos muito quando tinha festa, igreja esses negócios eu saía muito com ela né, até quando eu era mais nova, nós saía ela me levava pra festa esses negócios, mas atividades juntas, tem... já tivemos muitas atividades juntas assim e tem até hoje, tem vez que nós arruma aqui né, faz alguma coisa em casa, aí tá todo mundo reunido, entendeu (Beatriz, 23 anos).

[...] eu sempre fui mais reunida com a família da minha mãe todo mundo junto, do que com a família do meu pai, tinha assim, momento que assim, dia das mães, dia dos pais, sabe, natal, mas assim sempre específico, não num domingo qualquer vamos fazer alguma coisa a família igual a de cá faz, se a gente tá com vontade de comer alguma coisa, a gente junta lá e faz, num sábado à noite, se deu na telha junta aqui todo mundo vai, liga pro outro e vai, na outra avó já era mais difícil sabe, não tinha essa relação tanto assim não (Liz, 23 anos).

Para além dos encontros familiares na casa dos avós, sobressaiu no último relato a maior frequência de contato na casa da avó materna. Alguns autores (KLEIN; BASILIO; GARCIA, 2016; COELHO; MENDES; RODRIGUES, 2017) apontam uma relação mais forte

com o lado materno, pela proximidade com a mãe, responsável por maior dedicação de cuidados. Entretanto, tal informação não é uma regra e pode depender de outras variáveis, como se percebe pelo relato de João (21 anos). O jovem demonstrou distinção na relação com os avós, com destaque da forte presença da avó paterna em sua vida, a qual considera como mãe. Em contraposição, a avó materna mora na mesma cidade e, segundo opinião do jovem, não importa com os netos e argumenta “escolhe os netos para tratar bem”. Contou ainda não se lembrar do nome do avô materno. Ademais, asseverou que não sairia de casa para ver a avó materna, como sairia para ver a paterna. Acrescenta que apenas se disponibilizaria em caso de doença, que no caso faria por qualquer pessoa.

A outra assim, não carrego mágoa dela não, que ela não me fez mal, mas tipo assim, não tem aquele afeto, assim, igual eu tenho por minha vó, não tem aquele mesmo afeto sabe, assim, eu só considero ela como minha vó e meu vô, a parte da minha mãe, por respeito mesmo sabe, porque se eu descer ali em baixo eles vai me tratar bem como qualquer uma pessoa que chegar lá eles vai tratar bem, mas, agora, eles é o tipo de pessoa que fala mal da gente né, que critica, eles é esse tipo de pessoa, mas eu não carrego mágoa deles não, que Deus sabe o que faz né, mas se eles chegar aqui em casa eu vou tratar eles bem né, mas se eles não carregam afeto de mim como neto, eu não vou carregar afeto deles como vó e vô ne, mas só que assim, eu num, num vou sair daqui de casa agora pra ir na casa deles, agora se for preciso eu sair daqui agora pra ir na casa da minha avó, dona áurea, eu vou lá até a pé, vou lá AGORA se for preciso, de baixo de chuva, agora deles não. Só se for caso de doença mesmo né, aí a gente faz por qualquer pessoa no mundo, que é vizinhança. Mas se for assim pra andar atoa, ir lá tomar um café, conversar assim, eu não faço isso (João, 21 anos).

Em contraposição à literatura que destaca o melhor relacionamento dos netos com a avó materna (KLEIN; BASILIO; GARCIA, 2016), o neto entrevistado teve maior convivência com a avó paterna, estabelecendo com ela um carinho intenso, sendo referenciada como mãe. Já com os avós maternos prevaleceu o sentimento de inferioridade do entrevistado em relação aos outros netos. Muitas famílias têm tendência a ter mais convivência com o lado grã parental materno não somente por uma dedicação e convivência de qualidade, mas principalmente pelas tarefas socialmente definidas à mulher. Observa-se a gravidez, o nascimento e o cuidado como responsabilidade maior ao sexo feminino, sendo transferido para as gerações de avós (COELHO; MENDES; RODRIGUES, 2017).

Mansson (2019) apresenta resultados sobre a linhagem familiar e afirma que sobre a manutenção relacional de netos adultos jovens e seus avós, não há diferenças significativas entre o sexo e a linhagem familiar dos avós. É sugestivo que independente das variáveis, os

netos são capazes de usufruir positivamente de seus avós, dependendo de como as bases relacionais são estabelecidas desde a infância.

### 3.2.4.3. Mudança na relação à medida que crescem

Figura 23 - Nuvem de palavras da categoria “Mudança na relação à medida que crescem”.



Fonte: Elaborada pela autora com base nos relatórios do *software* IRaMuTeQ (2020).

Ressalta-se a idade da juventude como aquela em que os netos conseguem perceber mais o valor dos avós e passam a valorizar mais a presença deles em sua vida. Na Figura 23, observa-se em destaque palavras dos netos que afirmam “aumentar” o “amor”, o “carinho”, o “respeito”, a “responsabilidade” e a “admiração” pelos avós.

[...] aumentou o carinho, o respeito, a admiração mesmo só aumentou que quando a gente é pequeno conversa, liga, mas não é aquela coisa de realmente ver que eles têm total importância na vida da gente sabe, então quando a gente é adolescente a vó vô, vai lá e ver, mas quando cê fica mais assim responsável das coisas, vê o mundo do jeito que tá aí cê vê, epa, eles são fundamental na nossa vida (Liz, 23 anos).

Sciplino e Kinshott (2019) estudaram a mudança no relacionamento avós-netos ao longo do tempo, desde a infância até a idade adulta, e entrevistaram netos jovens na faixa de 20 a 24 anos. Os resultados encontrados corroboraram com os demonstrados anteriormente. Foram identificadas alterações nos sentimentos que os netos apresentavam na infância para a idade jovem. Logo, a empolgação de criança foi substituída pelo apreço e respeito.

O relato de Liz (23 anos) ilustra a situação descrita, ao distinguir a fase da infância como aquela em que o neto não tem a consciência e a responsabilidade de realmente enxergar os avós como pessoas imprescindíveis. A entrevistada ressaltou que percebeu tal situação quando perdeu sua avó paterna:

passou muito rápido não deu pra aproveitar muito eu nunca imaginava que eu ia perder ela um dia e quando a gente perde a gente vê que faz falta, porque até hoje eu não consigo ir lá, já fez três anos, eu passo em frente mas eu não consigo entrar, descer aquele degrau, porque quando eu estava lá, o dia que ela foi pro hospital em Muriaé, ela tinha pedido pra não deixar ela ir que ela queria morrer em casa, mas não tinha como nós não deixar ela ir, ver ela morrer em casa sabendo que lá tinha os cuidados? Aí eu vi ela indo e aquilo pra mim eu falei “minha avó não volta mais”, foi muito doloroso de ver assim que eu poderia, nós poderia estar com ela até hoje, mas Deus sabe de todas as coisas, mas é o carinho também que, não tem mesmo o que falar, o carinho, o respeito mesmo que aumentou com eles, com ela mais, que meu vô morreu cedo (Liz, 23 anos).

Dois netos demonstraram que com a transição da infância para a juventude o “trabalho” os distanciou da convivência e das atividades diária com os avós. Este processo está inter-relacionado com a responsabilidade, tema bastante abordado pelos participantes jovens da pesquisa, quando questionados sobre a relação com seus avós.

A relação muda muita coisa, antigamente eu não trabalhava, hoje em dia tô trabalhando aí fica o dia inteiro no serviço, venho pra casa, daí a pouco durmo panhar café de novo, panha café de novo, é pouco tempo (Lucas, 19 anos).

Porque a gente vai aprendendo a né... a gente vai crescendo vai aprendendo, vai escutando muito conselho, esses negócio, aí então muda bastante, a convivência é muito boa graças a Deus, é que nem antigamente, só que agora eu tenho que ter um pouco mais de responsabilidade né, que nem antes eu já não tinha, agora eu tenho mais... então é muita diferença né, porque antes eu não tinha responsabilidade, então ela tava por mim, agora eu tenho minha responsabilidade né, eu já sei, tipo assim se for pra sair eu não saio tão com ela, mas em caso de diferença de comparar um pouco é muito grande né, porque a responsabilidade agora vem primeiro né, aí isso que muda um pouco, porque antes era mais ela, agora é eu né, eu que tenho que pensar” (Beatriz, 23 anos).

Ademais, observou-se uma perda de interação de João (21 anos) com sua avó, no envolvimento da atividade cultural de forte expressão local, a dança do Congado. O afastamento ocorreu em função da mudança de fase do ciclo de vida e por uma possível perda de identificação, à medida que o neto cresceu. Esse argumento pode ser ilustrado pelo relato do entrevistado, “[parei] porque os meninos tudo da minha idade parou, agora só tem gente idoso mesmo, aí eu também parei, tempo também né, a gente trabalha, fica difícil pra gente dançar”. A falta de continuidade dos jovens na referida atividade, pode levar a uma perda cultural para cidade de São Miguel do Anta. No estudo de Silva (2016), a autora identificou a

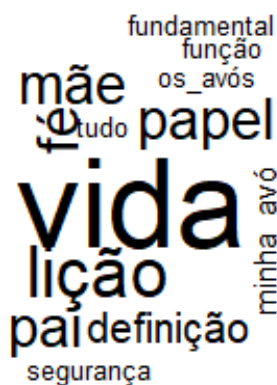
possibilidade de enfraquecimento do Congado na cidade em questão, com a declinante participação da geração mais nova.

#### 3.2.4.4. Concepções do papel ocupado pelos avós na vida dos netos

Assim como no caso das avós, papel e concepção foram categorias que se mantiveram unidas. Em apenas um dos netos entrevistados ficou evidente o lugar ocupado por sua avó paterna, referida como aquela que assumiu o papel de mãe e de pai e foi a responsável pela sua criação.

Se eu fizer alguma coisa errada, como ela minha vó, tá no lugar de mãe, como ela me criou ela vai puxar minha orelha [...] Minha vó? O que fez na minha vida? De pai e mãe né, papel que ela teve na minha vida é esse, pai e mãe... (João, 21 anos).

Figura 24 - Nuvem de palavras da categoria “Concepções do papel ocupado pelos avós na vida dos netos”.



Fonte: Elaborada pela autora com base nos relatórios do *software* IRaMuTeQ (2020).

Pelas palavras em destaque na Figura 24, nota-se que os avós foram tratados como “lição de vida”, “pai”, “mãe”, “fé”, “segurança”, “fundamental”. Nas discussões a seguir, buscou-se identificar o contexto em que as palavras apareceram nas entrevistas.

Uma neta demonstrou a forma que percebe o seu avô materno e a importância em sua vida. Ressalta-se que há muitos anos ele enfrenta uma luta contra a doença do câncer, ela o apresenta de maneira carinhosa, destacando-o como exemplo de fé.

[...] meu vô mesmo é uma lição de vida pra mim, de fé, porque cê chega, ele o tempo todo tá orando, então assim a fé dele, acho que por ele está bem hoje é a fé, porque quinze anos com essa doença, tem pessoas que ficam nem dois meses, três meses e ele tem quinze anos que agora tá começando a espalhar assim, eu agradeço a Deus pelo tanto de tempo que a gente conseguiu conviver com ele, porque a gente poderia nem tá com ele mais, né [...] (Liz, 23 anos).

Liz (23 anos) perdeu a avó paterna para a mesma doença, em sua entrevista pareceu emotiva várias vezes. Salientou o último dia que sua avó saiu de casa para ir ao hospital, ao mesmo tempo, demonstrou sentir remorso, pois a avó pediu que não a deixassem levar. Com tristeza, relatou que não pôde fazer nada, pois o melhor que ela e a família podiam oferecer era deixar que a levassem ao hospital. Observou-se a emoção da entrevistada quando relatou ainda viver o luto da perda da sua avó e o medo que tem de reviver esses momentos com seus avós maternos.

[...] função assim vou falar de novo é o amor (risos) eu vou falar pro cê assim, quando minha avó faleceu foi muito ruim, foi horrível e ficou minha tia então assim acabou, não tinha como nós ir lá mais, não consegui, então eu falo assim Deus me livre quando meu vô morrer, eu não sei nem o que vai ser, todo domingo a gente tá lá na casa da minha vó, brincando, rindo, fazendo zoeira.” (Liz, 23 anos).

Engelhard (2020) em seu estudo com netos adultos e seus avós, retratou o despertar da proximidade emocional, além de mostrar a forma que os netos percebem o envelhecimento de seus avós, o que os levaram a refletir sobre o processo de separação, a morte.

Além de serem citados como pessoas que oferecem mais carinho do que os pais, a concepção de avós foi voltada como aqueles indispensáveis na vida, responsáveis pelos ensinamentos, [...] “a definição de avó de avô é carinho, eu vejo que às vezes é... tem, às vezes os avós eles têm mais apego do que os pais, vamos dizer assim” (Júlia, 20 anos); [...] “Meio difícil falar né, tentar explicar (risos), mas é isso, uma função de uma avó é muito importante na vida da gente porque é com ela que a gente vai aprendendo ao longo da vida né” (Beatriz, 23 anos); “É amor memo, que eu sinto por ela e ela tem por mim, pode ser tudo também” (Lucas, 19 anos).

Júlia (20 anos) ainda relatou o papel fundamental que seus avós têm em sua vida.

Ser avô, ser avó, pra mim a definição melhor é segurança que eles me passam, não sei se eu entendi certo, é então, a na minha vida eu creio que o avô a avó tem um papel fundamental, além de demonstrar um afeto né, de passar uma segurança, de ter um ombro amigo nos avós, eles me passam uma

tranquilidade, me passam um carinho né, um amor diferente e que eles têm... é muito CARINHO assim, eu vejo que eu me sinto amada por eles, eu me sinto protegida, e me sinto amparada, seria mais ou menos isso (Júlia, 20 anos).

Amparo *et al.* (2008) apontam o apoio emocional como fundamental para que os jovens e os adolescentes ultrapassem momentos de adaptação da vida. O grupo familiar aparece como significativa rede de apoio, sobretudo, por auxiliar a ultrapassar eventuais situações de adversidades e por oferecer segurança e confiança aos jovens.

Conclui-se essa categoria sublinhando que o papel e a concepção atribuídos aos avós pelos netos estão atrelados aos significados que são por eles conferidos.

### 3.2.4.5. Significado que os netos atribuem aos avós

Na categoria dos significados atribuídos pelos netos aos avós, Figura 25, percebeu-se uma variedade de sentimentos e representações como “amor”, “vida”, “carinho”, “alegria”, união, “caridoso”, “ensinamento”, “superação”, “inexplicável”. Observa-se nos fragmentos a seguir o contexto em que essas palavras apareceram:

Alegria demais, ela faz eu realizar muita coisa, ela chegava rindo aqui, a autoestima da gente levanta rápido, é muito bom, a alegria dela me leva longe (emoção) (Lucas, 19 anos).

[...] A é igual eu falei, é amor, união, que os dois [avós] sempre tiveram, eles sempre tiveram união, tanto os avós maternos, quanto paternos [...] se eu pudesse eu guardava eles dentro de um potinho (risos) eu guardava (Liz, 23 anos).

A característica é que ela é muito boa para gente, e muito caridosa, muito amiga, e a que não concordo muitas das vezes é chamar atenção as vezes esses negócio, que as vezes ela fica muito nervosa, mas é para o bem da gente, então a gente tem que entender. É um sentimento bom né, um sentimento de amor de mãe, como se fosse a mãe da gente (Beatriz, 23 anos).

Figura 25 - Nuvem de palavras da categoria “Significado que os netos atribuem aos avós”



Fonte: Elaborada pela autora com base nos relatórios do *software* IRaMuTeQ (2020).

O que eles são para mim? A é tudo na minha vida, porque sem eles eu não seria nada nesse mundo, é amor. A minha vó resumindo é tudo na minha vida né, sem ela, acho que não sou ninguém nesse mundo não (João, 21 anos).

Observa-se o relacionamento avós-netos caracterizado por ser muito afetuoso. Nele estão incluindo os aspectos que demonstram a alegria dos avós como contagiosa aos netos e estabelece o papel dos avós como representativo de bondade e amor. Os avós são considerados extrovertidos e motivadores, sobretudo, da autoestima dos seus netos.

A realização desta pesquisa permitiu refletir sobre aspectos da relação avós-netos por um olhar afetivo e significativo, tendo como objeto de observação os idosos avós e seus netos jovens. A oportunidade de participar da entrevista pode ter despertado nos participantes sentimentos que talvez nem mesmo tivessem consciência. Com destaque o apreço que os envolve e a retribuição do cuidado, perceptível pelos gestos concretos, como exemplo, o levar café na cama, oferecer broa e jantar aos avós, a preocupação com o bem-estar desses idosos conferido por visitas assíduas, ilustrativos da oferta de carinho dos netos a seus avós.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho analisou o relacionamento entre avós e netos jovens. Para compreender essa interação, ouvir os dois públicos foi fundamental e permitiu comparar o que os avós construíram a partir de suas vivências passadas e o que hoje transferem a seus netos. Tais aspectos foram evidenciados pela reflexão feita pelos jovens.

Destaca-se que os objetivos do estudo foram alcançados por meio da pesquisa de campo associada à revisão integrativa. A abordagem teórica utilizada foi fundamental para traçar as conexões e as interpretações em torno dos resultados encontrados. Em consonância com a Teoria Bioecológica, observou-se os significados das interações entre a díade de avós e netos, com maior relevância para o encontro na prática do conceito de díade de atividade conjunta. Esta concepção esteve presente em todas as falas dos entrevistados, demonstrando o quanto essas atividades foram referências para os netos construírem seus valores de vida, sua fé e sua retribuição do cuidado.

Na pesquisa prática, concluiu-se que o grupo de avós foi homogêneo, compreendido por mulheres de baixo nível de renda e de instrução, narrando árduas vivências, sendo marcadas pela falta de oportunidade. O grupo de netos foi um pouco mais heterogêneo, predominou o sexo feminino, com participantes mais trabalhando do que estudando. Merece destaque o fato de apenas um neto residir com sua avó, acompanhado também de seus pais e outro que afirmou ter sido criado pela avó. Os demais teceram relação de convívio social e de vivência assídua.

Nos resultados da revisão integrativa, identificou-se a concentração de estudos de avós e netos na infância, com as consequências de cuidados assíduos dos avós ligados diretamente ao maior nível de estresse e à tarefa como um fardo, principalmente, às avós cuidadoras. Se destacou ainda a interação entre os adolescentes e os seus avós como vantajosas para o lado emocional dos netos.

Os resultados das entrevistas apontaram para um relacionamento significativo entre avós e netos no qual sobressaíram as avós como conselheiras na transmissão de ensinamentos, de valores, de crenças e de fé. Em contrapartida, na fala dos entrevistados houve a identificação de que o conhecimento transmitido pelos netos praticamente se resumiu ao uso de tecnologias. Mas observou-se que na interação frequente com os netos, os avós puderam “aprender” a expressar os seus afetos. Talvez esse ponto seja um dos principais aprendizados que puderam vivenciar na fase final de suas vidas.

Examinou-se a indicação dos tipos de interação que mais se evidenciaram no estudo, com destaque para a realização de atividades em conjunto (refeições, jogar baralho, conversar, brincar, dançar forró, participar do coral), a convivência frequente e o diálogo. Tais interações apresentaram um caráter afetivo e característico de avós e netos com uma proximidade relacional positiva. Constatou-se uma retribuição do cuidado por parte dos netos, expresso na seguinte forma: levar café na cama, oferecer broa ou jantar aos avós, demonstrar preocupação, e proporcionar carinho e atenção.

Sobre a concepção e papel de avós e netos, foi um tema que apareceu muito próximo um do outro. Em relação ao papel das avós, nenhuma das entrevistadas exercia o papel de mãe, embora comparassem o amor que têm aos netos com aquele dado aos filhos. Somente um dos entrevistados foi criado pela avó, tendo essa e assumido o papel de pai e mãe na vida do neto. Foi possível observar na narrativa o respeito, o carinho e a admiração apresentado pela avó, considerando-a como sua responsável.

Denotou-se na fala das participantes, que o significado dos netos estava arraigado à gratidão de tornarem-se avós. Do mesmo modo, para os jovens, o significado de ter avós representou motivação para sorrir e para elevar autoestima, caracterizando-os como bondosos, caridosos e exemplo de superação.

Cabe retomar o termo “família com idoso”, quando os avós ofertam suporte afetivo aos membros familiares, pois são dependentes financeiramente da família de forma que não podem oferecer apoio estrutural aos filhos e netos. Não se pode negligenciar a ajuda prestada, tendo em vista o valor sentimental que tem na vida dos netos.

Na revisão integrativa, percebeu-se a predominância da relação entre avós e netos na infância e adolescência. Os estudos buscaram compreender o papel dos avós como cuidadores dos netos, destacando as consequências dessa função para os avós. Em comum com os resultados da pesquisa de campo, prevaleceu o papel e os aspectos sentimentais da relação, com ênfase na proximidade relacional com netos adolescentes e a realização de atividades conjuntas. Observou-se que a relação intergeracional com netos jovens e adultos, demonstrou ser mais benéfica para os avós, uma vez que a interação com netos na infância pode gerar sobrecarga e estresse. As avós afirmaram ser essenciais para o bem-estar das gerações nas famílias devido ao apoio emocional que proporcionam.

Por fim, o presente trabalho reforçou a importância dos laços entre avós e netos, tornando-se uma ferramenta para promover a reflexão sobre a criação de políticas públicas voltadas para a valorização do papel de apoio dos avós no ambiente familiar, bem como os cuidados necessários para a promoção de qualidade de vida aos idosos. Além disso, há

evidências na literatura que retratam a proximidade de jovens com pessoas idosas, como motivadora para que esses mudem a concepção sobre velhice e queiram chegar a mesma.

Houve a limitação de não conseguir entrevistar algumas avós mencionadas pelos netos e de certos netos mencionados pelas avós durante as narrativas, em função da dificuldade de estabelecer contato com ambos. Tal entrave despertou curiosidade na pesquisadora e deixou algumas questões apresentadas nos relatos em aberto, que poderiam ter sido supridas por meio da realização de entrevistas com todos os citados, em razão da pandemia o acesso foi dificultado. Além disso, sabe-se da existência de avôs no grupo pesquisado, mas não foi possível estabelecer contato com nenhum deles, sendo uma sugestão de público para outras pesquisas, sobretudo, para que seja feita uma comparação de gênero.

Observou-se que as atividades compartilhadas e os papéis assumidos pelos avós e netos são influenciados por algumas variáveis, como a idade dos netos e contato com cada linhagem familiar, considerando que as atividades compartilhadas que emergiram foram características de netos jovens. Pelos registros no diário de campo, não se constatou avós maternos ou paternos como preferidos, mas o contato mais frequente foi proveniente da maior identificação e interação entre eles. Portanto, um estudo comparativo entre avós e netos em faixas etárias distintas seria uma sugestão para futuras pesquisas. Além disso, seria interessante incluir netos da fase adulta, pois pelas análises e leituras percebe-se essa fase como promissora e sugestiva de novas abordagens na relação intergeracional com os avós.

Considera-se após a realização dessa pesquisa que os netos jovens percebem os avós como pessoas significativas em suas vidas. Além da importância, dedicam a eles o respeito, acolhem os legados transmitidos e relatam a dor do luto e a ausência deles. Os ensinamentos são aparentemente bem acolhidos pelos netos ao perceberem os seus avós como pessoas experientes e carregadas de conhecimentos, os quais construíram pelo aprendizado com seus pais, amigos, cônjuges e pessoas de proximidade em suas vidas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. V.; MAFRA, S. C. T.; DA SILVA, E. P.; KANSO, S. A. Feminização da Velhice: em foco as características socioeconômicas, pessoais e familiares das idosas e o risco social / The feminization of old age: a focus on the socioeconomic, personal and family characteristics of the elderly and the social risk. **Textos & Contextos (Porto Alegre)**, v. 14, n. 1, p. 115 - 131, 30 jun. 2015. EDIPUCRS.

<http://dx.doi.org/10.15448/16779509.2015.1.19830>. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/19830>. Acesso em: 11 dez. 2020.

AMARO, A. C.; OLIVEIRA, L.; VELOSO, A. I. “Let's Build our Family Tree!”: grandparents and grandchildren using tablets together. **Procedia Computer Science**, [S.L.], v. 100, p. 619-625, 2016. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.procs.2016.09.203>.

Disponível em:

<https://www.sciencedirect.ez35.periodicos.capes.gov.br/science/article/pii/S1877050916323717>. Acesso em: 03 out. 2020.

AMPARO, D. M.; GALVÃO, A. C. T.; ALVES, P. B.; BRASIL, K. T., KOLLER, S. H. Adolescentes e jovens em situação de risco psicossocial: redes de apoio social e fatores pessoais de proteção. **Estud. psicol.** (Natal), Natal, v. 13, n. 2, p. 165-174, maio/ago. 2008.

Disponível em:

[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413294X2008000200009&lng=es&nrm=iso](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413294X2008000200009&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 19 set. 2020.

ARATANGY, L.; POSTERNAK, L. **Livro dos Avós. Na casa dos avós é sempre domingo?** São Paulo: Artemeios, 2005.

ARAÚJO, C. P.; DIAS, C. M. S. B. Avós guardiões de baixa renda. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 4, n. 2, p.229 -237, jul. 2010. Disponível em:

[https://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/revistalapip/volume4\\_n2/araujo\\_e\\_dias.pdf](https://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/revistalapip/volume4_n2/araujo_e_dias.pdf). Acesso em: 05 mai. 2019.

ARNDT, N.; NAUDÉ, L. Responsibility in the Face of Adversity: Adolescents' Sense of Self in Reciprocal Relationships. **Youth & Society**. p.1-20, 2017.

<https://doi.org/10.1177/0044118X17743992> Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0044118X17743992>. Acesso em: 29 mar. 2019.

ARNETT, J.J. Conceptions of the transition to adulthood: Perspectives from adolescence through midlife. **Journal of Adult Development**, v. 8, n.2, p.133-143, 2001.

ARRAIS, A. R.; BRASIL, K.C.T.R.; CÁRDENAS, C.J.; LARA, L. O lugar dos avós na configuração familiar com netos adolescentes. **Revista Kairós: Gerontologia**, [S.L.], v.15,

n.1, p.159-176, mar. 2012. Disponível em:  
<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/13111>. Acesso em: 28 mar. 2019.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. **Caracterização do território**, 2010. Disponível em:  
[http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil\\_m/s%C3%A3o%20miguel%20do%20anta\\_mg](http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/s%C3%A3o%20miguel%20do%20anta_mg). Acesso em: 09 abr. 2019.

ATTAR-SCHWARTZ, S.; KHOURY-KASSABRI, M. The moderating role of cultural affiliation in the link between emotional closeness to grandparents and adolescent adjustment difficulties and prosocial behavior. **American Journal of Orthopsychiatry**, [S.L.], v. 86, n. 5, p. 564-572, 2016. American Psychological Association (APA).  
<http://dx.doi.org/10.1037/ort0000195>. Disponível em:  
<https://doi.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2Fort0000195>. Acesso em: 21 ago. 2020.

AZAMBUJA, R. M. M. **O cuidar dos avós visto pelos netos em idade escolar**. 2016. 244 f. Tese (Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica do Salvador, UCSAL, Salvador, 2016. Disponível em:  
<http://ri.ucsal.br:8080/jspui/handle/123456730/95>. Acesso em: 25 jun. 2020.

BAKER, J.; MCHALE, J.; STROZIER, A.; CECIL, D. Mother-Grandmother Coparenting Relationships in Families with Incarcerated Mothers: a pilot investigation. **Family Process**, [S.L.], v. 49, n. 2, p. 165-184, jun. 2010. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1545-5300.2010.01316.x>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/20594205/>. Acesso em: 29 set. 2020.

BANGERTER, L. R.; WALDRON, V. Turning points in long distance grandparent–grandchild relationships. **Journal of Aging Studies**, [S.L.], v. 29, p. 88-97, abr. 2014. Elsevier BV.

BAPTISTA, M. N.; CARDOSO, H. F.; GOMES, J. O. Intergeracionalidade familiar. *In*: BAPTISTA, M. N.; TEODORO, M. L. M. **Psicologia de Família: Teoria, avaliação e intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2012. Cap. 1. p. 17-26.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

\_\_\_\_\_. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011. 3ª reimpressão da 1.ed. Trabalho original publicado em 1977.

BOOTH, Wayne C.; CO\OMB, Gregory G.; WILLIAMS, Joseph M. **A arte da pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 349 p. Tradução Henrique A. Rego Monteiro.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. C. A.; MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**, [S.L.], v. 5, n. 11, p. 121-136, 2 dez. 2011. <http://dx.doi.org/10.21171/ges.v5i11.1220>. Disponível em: <https://www.gestaoesociedade.org/gestaoesociedade/article/view/1220>. Acesso em: 10 set. 2020.

BRASIL. **Lei nº 10.741, de 1 de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Disposições Preliminares. Brasil. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/10.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.741.htm). Acesso em: 30 maio. 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013a**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Dos direitos e das políticas públicas de juventude. Brasil. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm). Acesso em: 30 maio. 2019.

\_\_\_\_\_. Secretaria Nacional de Juventude. **Políticas Públicas de Juventude**. Brasília, DF: Imprensa Nacional, 2013b. p.35. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/CartilhaPoliticPublicasWEB.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da saúde. **Sobre a doença (Covid-19)**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>. Acesso em: 12 out. 2020.

BRAZILIENSE, Correio. Relação frequente entre avós e netos rende benefícios generalizados. **Uai: Saúde Plena**. 2013. Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2013/10/17/noticias-saude,193647/relacao-frequente-entre-avos-e-netos-rende-beneficios-generalizados.shtml>. Acesso em: 21 jul. 2020.

BRITTO DA MOTTA, A. Reinventando fases: A família do idoso. **Caderno Crh**, Salvador, n. 29, p. 69-87, jul. /dez., 1998. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/2498/1/RCRH-2006-223%20S.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2021.

\_\_\_\_\_. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v.25, n.2, p.225-250, maio/ago., 2010.

\_\_\_\_\_. Gênero, Idades e Gerações. **Caderno Crh**, Bahia, v. 17, n. 42, p. 349-355, set. 2004. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/crh/article/view/18727>. Acesso em: 06 mai. 2020.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do Desenvolvimento Humano**: Experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artmed, 1996. Tradução de Maria Adriana Veríssimo.

\_\_\_\_\_. **Bioecologia do desenvolvimento humano**: Tornando os seres humanos mais humanos. Porto Alegre: Artmed, 2011. Tradução de André de Carvalho-Barreto.

CAMARANO, A. A. Estatuto do idoso: avanços com contradições. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)**, n. 1840, Brasília, 2013. Disponível em: <https://www.econstor.eu/bitstream/10419/91154/1/75111670X.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2020.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. Iramuteq: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 513-518, dez. 2013. Associação Brasileira de Psicologia. <http://dx.doi.org/10.9788/tp2013.2-16>. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413389X2013000200016&lng=en&nm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413389X2013000200016&lng=en&nm=iso). Acesso em: 10 set. 2020.

CARLOMAGNO, M. C.; ROCHA, L. C. Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, Paraná, v. 7, n. 1, p. 173-188, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/politica/article/view/45771/28756>. Acesso em: 24 jun. 2020.

CARVALHO, R. N. S. de; ISHITANI, L. Fatores motivacionais para desenvolvimento de mobile serious games com foco no público da terceira idade: uma revisão de literatura. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 15, n. 1, p. 16-32, 2013. DOI: 10.20396/etd.v15i1.1292. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1292>. Acesso em: 22 abr. 2020.

CEZAR-FERREIRA, Veronica A. da Motta. Os avós frente ao conflito parental: uma visão psicojurídica. In: MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; RABINOVICH, Elaine Pedreira; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. **A voz dos Avós**: família e sociedade. Curitiba: Crv, 2017. Cap. 12. p. 217-228.

CHEN, F.; LIU, G.; MAIR, C. A. Intergenerational Ties in Context: Grandparents Caring for Grandchildren in China. **Families in Society-the Journal of Contemporary Social Services**, v. 90, n. 2, p.1-22, 26 abr. 2012. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/224868587\\_Intergenerational\\_Ties\\_in\\_Context\\_Grandparents\\_Caring\\_for\\_Grandchildren\\_in\\_China](https://www.researchgate.net/publication/224868587_Intergenerational_Ties_in_Context_Grandparents_Caring_for_Grandchildren_in_China). Acesso em: 8 abr. 2019.

CLINGEMPEEL, W. G; COLYAR, J. J; BRAND, E ; HETHERINGTON, E. M. Children's relationships with maternal grandparents: A longitudinal study of family structure and pubertal status effects. **Child Development**, v.63, n.6, p. 1404-1422, 1992. Disponível em: <https://srcd.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-8624.1992.tb01704.x>. Acesso em: 23 abr. 2019.

COELHO, M. T. B. F.; DIAS, C. M. S. B. Avós Guardiões: Uma Revisão Sistemática da Literatura do Período de 2004 a 2014. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 32, n. 4, 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010237722016000400214&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722016000400214&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 03 jun. 2019.

COELHO, M. T. B. F. **Relação entre avós, netos e escola: uma abordagem bioecológica**. 2018. 206 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Universidade Católica de Pernambuco, 2018. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1030>. Acesso em: 25 jun. 2020.

COELHO, S. M. S.; MENDES, I. M. M. M. D.; RODRIGUES, R. C.. Grã-parentalidade: revisão integrativa da literatura. **Revista Kairós: Gerontologia**, [S.L.], v. 20, n. 1, p. 25-39, 30 mar. 2017. Portal de Revistas PUC SP. <http://dx.doi.org/10.23925/2176-901x.2017v20i1p25-39>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2176901X.2017v20i1p25-39/22113>. Acesso em: 24 set. 2020.

COIMBRA, C. C.; BOCCO, F.; NASCIMENTO, M. L. Subvertendo o conceito de adolescência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 57, n. 1, p. 2-11, 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v57n1/v57n1a02.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2020

COPEN, C.; SILVERSTEIN, M. Transmission of Religious Beliefs across Generations: do grandparents matter? **Journal of Comparative Family Studies**, [S.L.], v. 38, n. 4, p. 497-510, 1 dez. 2007. University of Toronto Press Inc. (UTPress). <http://dx.doi.org/10.3138/jcfs.38.4.497>. Disponível em: <https://utpjournals.press/doi/10.3138/jcfs.38.4.497>. Acesso em: 27 nov. 2020.

COUTRIM, R.; SILVA, P. Other subjects in the family-school relationship: the role of grandparents in the educational process of grandchildren. **Aula Abierta**, [S.L.], v. 48, n. 1, p. 97-104, 1 fev. 2019. Universidad de Oviedo. <http://dx.doi.org/10.17811/rifie.48.1.2019.97-104>. Disponível em: <http://reunido.uniovi.es/index.php/AA/article/view/13042>. Acesso em: 09 set. 2020.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução: Luciana de Oliveira da Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 248 p.

CUNHA, B; MATOS, P. M. Relações Intergeracionais: significados de adolescentes sobre avós e idosos. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO EM PSICOLOGIA*, 7., 2010, Minho. **Livro de atas**. Portugal: U. Porto, 2010. p. 1038-1052. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/21487/2/85625.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2020.

DANIELSBACKA, M.; TANSKANEN, A. O.; COALL, D. A.; JOKELA, M. Grandparental childcare, health and well-being in Europe: a within-individual investigation of longitudinal data. **Social Science & Medicine**, [S.L.], v. 230, p. 194-203, jun. 2019. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.socscimed.2019.03.031>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.ez35.periodicos.capes.gov.br/science/article/pii/S027795361930173X>. Acesso em: 18 set. 2020.

DARE, J.; MARQUIS, R.; WENDEN, E.; GOPI, S.; COALL, D.A. The impact of a residential camp on grandchildren raised by grandparents: grandparents' perspectives. **Children and Youth Services Review**, [S.L.], v. 108, p. 104535-104546, jan. 2020. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.chilyouth.2019.104535>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.ez35.periodicos.capes.gov.br/science/article/pii/S0190740919306620>. Acesso em: 07 set. 2020.

DEBERT, G.G.; SIMÕES, J.A. Envelhecimento e velhice na família contemporânea. *In: FREITAS, E.V.; Py, L; CANÇADO, F.A.X.; DOLL, J.; GORZONI, M.L. (Org.). Tratado de geriatria e gerontologia: 2ª ed.* Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/60563690/envelhecimentoovelhicenafamiliacontemporanea?q=Envelhecimento%20e%20velhice%20na%20família%20contemporânea%20Tratado%20de%20geriatria%20e%20gerontologia>. Acesso em: 21 ago.2019.

DESSEN, M. A.; JÚNIOR, A. L. C. **A Ciência do desenvolvimento humano – tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DESSEN, M. A. Estudando a família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos. **Psicol. Cienc. prof.**, Brasília, v. 30, número especial, p. 202-219, dez. 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141498932010000500010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932010000500010&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 24 ago. 2019.

\_\_\_\_\_. Tornando-se avós: Lembranças, sentimentos e similaridades entre os papéis de pais e avós. *In: MOREIRA, L. V. C.; RABINOVICH, E. P.; DIAS, C. M. S. B. A voz dos Avós: Família e Sociedade*. Curitiba: crv, 2017. Cap. 4. p. 73-93.

DIAS, C. M. S. B; HORA, F. F. A.; AGUIAR, A. G. S. Jovens criados por avós e por um ou ambos os pais. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 188-199, fev. 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151636872010000200013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151636872010000200013&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 18 ago. 2020.

DIAS, C. M. S. B.; SILVA, M. A. S. Os avós na perspectiva de jovens universitários. **Psicologia em estudo**. Maringá, v. 8, número especial, p. 55-62, 2003. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141373722003000300008&lng=ennm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722003000300008&lng=ennm=iso). Acesso em: 07 set. 2019.

DIAS, C. M. S. B. Relacionamento entre avós e netos: Significado, evolução e expectativas. In: MOREIRA, L. V. C (org). **Relações Familiares**. Curitiba: Crv, 2016. Cap. 19. p. 361-371.

DRAGISIC-LABAS, S. Older parents and adult children: traditional relationship or closeness through or at distance? **Sociologija**, [S.L.], v. 58, n. 1, p. 287-305, 2016. National Library of Serbia. <http://dx.doi.org/10.2298/soc16s1287d>. Disponível em: <http://www.doiserbia.nb.rs/Article.aspx?ID=0038-031816287D#.X9FysdhKjIU>. Acesso em: 17 set. 2020.

DUNIFON, R.; BAJRACHARYA, A. The Role of Grandparents in the Lives of Youth. **Journal of Family Issues**. USA, p. 1168-1194. 2012. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3462462/>. Acesso em: 25 set. 2019.

EDWARDS, O. W.; DAIRE, A. P. School-age children raised by their grandparents: Problems and solutions. **Journal of Instructional Psychology**, v. 33, n. 2, p. 113-119, 2006.

EL-AMIN, S.; KINNUNEN, J.; OLLILA, H.; HELMINEN, M.; ALVES, J.; LINDFORS, P; RIMPELÄ, A. Transmission of Smoking across Three Generations in Finland. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, [S.L.], v. 13, n. 1, p. 74-89, 24 dez. 2015. MDPI AG. <http://dx.doi.org/10.3390/ijerph13010074>. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-26712771>. Acesso em: 24 ago. 2020.

ENGELHARD, E. S. Free-Form Dance as an Alternative Interaction for Adult Grandchildren and Their Grandparents. **Frontiers in Psychology**, [S.L.], v. 11, n. 542, p. 1-12, 17 abr. 2020. Frontiers Media SA. <http://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2020.00542>. Disponível em: [http://appswebofknowledge.ez35.periodicos.capes.gov.br/full\\_record.do?product=WOS&search\\_mode=GeneralSearch&qid=3&SID=7EqeEQaPuwe4bwAMQhL&page=1&doc=1](http://appswebofknowledge.ez35.periodicos.capes.gov.br/full_record.do?product=WOS&search_mode=GeneralSearch&qid=3&SID=7EqeEQaPuwe4bwAMQhL&page=1&doc=1). Acesso em: 21 ago. 2020.

FARROW, C. A comparison between the feeding practices of parents and grandparents. **Eating Behaviors**, [S.L.], v. 15, n. 3, p. 339-342, ago. 2014. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.eatbeh.2014.04.006>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1471015314000488?via%3Dihub>. Acesso em: 09 set. 2020.

FERREIRA, M. F. **Netos Adolescentes e seus Avós: um estudo qualitativo**. 2011. 61 f. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia na área clínica e da Saúde) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, 2011. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/114588>. Acesso em: 28 out. 2019.

FORACCHI, M. M. **A Juventude na Sociedade Moderna**. São Paulo, Livraria Pioneira, 1972.

FOSSATTI, E. C.; MOZZATO, A. R.; MORETTO, C. F. O Uso da Revisão Integrativa na Administração: Um Método Possível? **Revista Eletrônica Científica do CRA-PR**, v. 6, n. 1, p. 55-72, 2019. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/56311/o-uso-da-revisao-integrativa-na-administracao-um-metodo-possivel->. Acesso em: 15 set. 2020.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo**. 3ª ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Fecundidade e dinâmica da população brasileira**. Brasília (DF), 2018. 44 p. Disponível em: [https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/swop\\_brasil\\_web.pdf](https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/swop_brasil_web.pdf). Acesso em: 11 dez. 2020.

GALVÃO, T. F.; PANSANI, T. S. A.; HARRAD, D. Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: a recomendação prisma. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, [S.L.], v. 24, n. 2, p. 335-342, jun. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.5123/s1679-49742015000200017>. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2237-96222015000200335](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222015000200335). Acesso em: 11 out. 2020.

GIL, G.; LOPES, R. Programas Intergeracionais no Brasil: Revisão Bibliográfica. **Revista Portal de Divulgação**, v. 4, n. 40, p. 120-127, maio 2014. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:zM8eFzDf7E0J:https://revistalonge viver.com.br/index.php/revistaportal/article/download/452/452+&cd=2&hl=ptBR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 29 abr. 2020.

GOLDFARB, D. C.; LOPES, R. G.C. Avosidade: a família e as gerações. In: FREITAS, E. V.; PY, L. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013. Cap. 145. p. 2182-2193. Disponível em: <https://ftramonmartins.files.wordpress.com/2016/09/tratado-de-geriatria-e-gerontologia3c2aa-ed.pdf>. Acesso em: 13 maio. 2020.

GOODMAN, C.; SILVERSTEIN, M. Grandmothers raising grandchildren: family structure and well-being in culturally diverse families. **The Gerontologist**, v. 42, n. 5, p. 676-689, out. 2002. Disponível em:

[http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151759282005000200006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151759282005000200006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 06 set. 2019.

GLASER, K., PRICE, D., MONTSERRAT, E. R., GESSA, G.; TINKE, A. (2013). **A prestação de cuidados pelos avós na Europa**: as políticas familiares e o papel dos avós na prestação de cuidados infantis. Síntese março de 2013. Disponível em: <https://content.gulbenkian.pt/wp-content/uploads/2017/08/29202151/a-prestacao-de-cuidados-pelos-avos-na-europa.pdf>. Acesso em: 30 set. 2020.

GRAY, P. B.; BROGDON, E. Do Step- and Biological Grandparents Show Differences in Investment and Emotional Closeness With Their Grandchildren? **Evolutionary Psychology**, [S.L.], v. 15, n. 1, p. 1-9, jan. 2017. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1474704917694367>. Disponível em: <https://journals-sagepub.com.ez35.periodicos.capes.gov.br/doi/10.1177/1474704917694367#articleCitationDownloadContainer>. Acesso em: 12 set. 2020.

GRIFFA, M. C.; MORENO, J. E. **Chaves para a psicologia do desenvolvimento**: Adolescência, vida adulta, velhice. Tradução: Vera Vaccari. São Paulo: Paulinas, 2001.

GRUM, B.; SALAJ, A. T. Intergenerational living: An intercultural comparison. **Urbanistični Inštitut Republike Slovenije**, v. 27, n. 1, p.162-175, 29 mar. 2016. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/24920987.pdf?refreqid=excelsior%3Ac031b1f3244f5b14bdf7377ef483ee8e>. Acesso em: 12 abr. 2019.

GUIMARÃES, J. R. S. Envelhecimento populacional e oportunidade de negócios: o potencial de mercado da população idosa. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 15. **Anais [...]**. Campinas: Abep, 2006. Disponível em: [http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006\\_540.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_540.pdf). Acesso em: 20 abr. 2020.

HANK, K.; SALZBURGER, V.; SILVERSTEIN, M. Intergenerational transmission of parent-child relationship quality: Evidence from a multi-actor survey. **Social Science Research**, [s.l.], v. 67, p.129-137, set. 2017. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ssresearch.2017.06.004>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0049089X16304008>. Acesso em: 22 maio 2019.

HAYSLIP, B.; BLUMENTHAL, H.; GARNER, A. Social Support and Grandparent Caregiver Health: one-year longitudinal findings for grandparents raising their grandchildren. **The Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences**, [S.L.], v. 70, n. 5, p. 804-812, 3 dez. 2015. Oxford University Press (OUP). <http://dx.doi.org/10.1093/geronb/gbu165>. Disponível em:

<https://academic.oup.com/psychsocgerontology/article/70/5/804/595268>. Acesso em: 20 ago. 2020.

ICE, G. H.; SADRUDDIN, A.F.A.; VAGEDES, A.; YOGO, J.; JUMA, E. Stress associated with caregiving: an examination of the stress process model among kenyan luu elders. **Social Science & Medicine**, [S.L.], v. 74, n. 12, p. 2020-2027, jun. 2012. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.socscimed.2012.02.018>. Disponível em: <https://www-sciencedirect.ez35.periodicos.capes.gov.br/science/article/pii/S027795361200192X#sec1>. Acesso em: 20 ago. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira:2016/IBGE**. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2016, 146p. (Estudos e pesquisas. Informação demográfica e socioeconômica, ISSN 1516-3296; n.36). Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Tendências demográficas mostradas pela PNAD 2011**. Rio de Janeiro: IPEA, 2012. (Comunicado 157). Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=15745](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=15745). Acesso em: 03 mai. 2019.

INTERNATIONAL LABOUR OFFICE (ILO): **World employment and social outlook: Trends 2015**. Geneva: 2015. 100 p. Disponível em: [https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/dgreports/dcomm/publ/documents/publication/wcms\\_337069.pdf](https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/dgreports/dcomm/publ/documents/publication/wcms_337069.pdf). Acesso em: 25 jun. 2019.

KAGITCIBASI, C. Autonomy and Relatedness in Cultural Context: Implications for Self and Family. **Journal of Cross-cultural Psychology**, Istanbul, v. 36, n. 4, p. 403-422, jun. 2005. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/32a9/55ee6382e46bcb3198033a0e1932e2cc7792.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2020.

KASEDDE, S; DOYLE, A. M.; SEELEY, J. A.; ROSS, D. A. They are not always a burden: older people and child fostering in uganda during the hiv epidemic. **Social Science & Medicine**, [S.L.], v. 113, p. 161-168, jul. 2014. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.socscimed.2014.05.002>. Disponível em: <https://www-sciencedirect.ez35.periodicos.capes.gov.br/science/article/pii/S0277953614002895>. Acesso em: 07 out. 2020.

KIM, E. J. Caregiver Stress and Related Factors in Korean Households Utilizing Childcare Support by Grandmothers. **Asian Social Work and Policy Review**, [S.L.], v. 10, n. 1, p. 113-129, fev. 2016. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/aswp.12082>. Disponível em:

<https://onlinelibrary-wiley.ez35.periodicos.capes.gov.br/doi/full/10.1111/aswp.12082>. Acesso em: 06 set. 2020.

KLEIN, A. L.; BASILIO, L. I. H.; GARCIA, M. C. R. Un análisis del vínculo abuelos nietos-adolescentes reflexión sobre la transmisión generacional. **Rev. katálysis**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 251-259, set. 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141449802016000200251&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141449802016000200251&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 05 ago. 2020.

LASOTA, A. What do Children Learn from their Parents and what from their Grandparents? Changes in the Perception of Gender and Family Roles as Seen from the Developmental Perspective. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, [S.L.], v. 174, p. 2467-2472, fev. 2015. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.sbspro.2015.01.918>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.ez35.periodicos.capes.gov.br/science/article/pii/S1877042815009702>. Acesso em: 10 out. 2020.

LEE, Y; BLITZ, L. V. We're GRAND: A qualitative design and development pilot project addressing the needs and strengths of grandparents raising grandchildren. **Child & Family Social work**, New York, v. 21, p.381-390, mar. 2014. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/cfs.12153>. Acesso em: 14 maio. 2019.

LEOPOLD, T; SKOPEK, J. The Demography of Grandparenthood: an international profile. **Social Forces**, [S.L.], v. 94, n. 2, p. 801-832, 29 abr. 2015. Oxford University Press (OUP). <http://dx.doi.org/10.1093/sf/sov066>. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/275644819\\_The\\_Demography\\_of\\_Grandparenthood\\_An\\_International\\_Profile](https://www.researchgate.net/publication/275644819_The_Demography_of_Grandparenthood_An_International_Profile). Acesso em: 25 set. 2020.

LIMA, C. A. S.; ROCHA JUNIOR, A. O processo de reparação na mudança da avosidade para a parentalidade baseado na custódia e educação dos netos. **Revista Educação**, Guarulhos, v. 9, n. 1, p. 61-83, 2014. Disponível em: <http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/1622>. Acesso em: 17 abr. 2020.

LUIZ, K. K. I. **O envelhecimento e a velhice sob o olhar da pessoa idosa: proposição de uma escala de atitudes e suas inter-relações**. 2019. 170 f. Tese (Doutorado em Economia Doméstica) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2019. Acesso em: 30 dez. 2020.

MAFRA, S. C. T.; BASILIO, A. C. (Org.) ; BASILIO, A. K. (Org.) ; JESUS, B. A. R. (Org.); SILVA, C. A. (Org.) ; ALVES, D. C. (Org.) ; SOUZA, I. A. (Org.) ; LOPES, J. F. (Org.) ; BATISTA, J. R. V. (Org.) ; FREITAS, L. A. C. P. (Org.) ; SOUSA, L. A. (Org.) ; SOUZA, M. A. (Org.) ; BATISTA, R. L. (Org.) . **Memórias Contadas**. 25 anos do Programa de Educação Tutorial em Economia Doméstica. 2a. ed. Visconde do Rio Branco: Editora Suprema, 2019. v. 100. 136p.

MAHNE, K.; HUXHOLD, O. Grandparenthood and Subjective Well-Being: moderating effects of educational level. **The Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences**, [S.L.], v. 70, n. 5, p. 782-792, 16 out. 2015. Oxford University Press (OUP). <http://dx.doi.org/10.1093/geronb/gbu147>. Disponível em: <https://academic.oup.com/psychsocgerontology/article/70/5/782/594899>. Acesso em: 17 ago. 2020.

MANSSON, D. H. Grandchildren's Perceptions of Grandparents' Use of Relational Maintenance Behaviors. **The International Journal of Aging and Human Development**, [S.L.], v. 91, n. 2, p. 127-148, 26 maio 2019. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0091415019852776>. Disponível em: <https://journalssagepubcom.ez35.periodicos.capes.gov.br/doi/full/10.1177/0091415019852776>. Acesso em: 03 dez. 2020.

MARIN RENGIFO, A. L.; PALACIO VALENCIA, M. C. Early Childhood Rearing and Care: A Family Scenario for the Inclusion of Grandparents **Trabajo social**, n.18, p. 159-176, 2016. Disponível em: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S225654932016000100159&lng=en&tlng=es](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S225654932016000100159&lng=en&tlng=es). Acesso em: 7 out. 2020.

MARTÍNEZ, J. L.; MÁIQUEZ, M. C. C.; RECHE, I. S. C. Workshop Experience: a means of fostering ties with the neighborhood in a school in the region of Murcia. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, [S.L.], v. 237, p. 731-736, fev. 2017. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.sbspro.2017.02.114>. Disponível em: <https://www-sciencedirect.ez35.periodicos.capes.gov.br/science/article/pii/S1877042817301143>. Acesso em: 17 ago. 2020.

MASSI, G.; SANTOS, A.R.; BERBERIAN, A.P.; ZIESMER, N.B. Impacto de atividades dialógicas intergeracionais na percepção de crianças, adolescentes e idosos. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 399-407, abril 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151618462016000200399&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151618462016000200399&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 28 dez. 2020.

MENDES, I.; COELHO, S.; RODRIGUES, R. Transition to grandfatherhood: The development of the role of the grandfather. **Millenium**, Portugal, v.2, n. 12, p.49-57, 2020. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/19011-Article%20Text-73888-2-10-20200507%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/19011-Article%20Text-73888-2-10-20200507%20(1).pdf). Acesso em: 20 jul. 20.

MERRILL, N.; FIVUSH, R. Intergenerational narratives and identity across development. **Elsevier**. Atlanta, Ga, USA, v.40, p. 72-92, jun. 2016. <https://doi.org/10.1016/j.dr.2016.03.001>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0273229716000125>. Acesso em: 17 abr. 2019.

MILLER, T.; PEDELL, S.; STERLING, L.; VETERE, F.; HOWARD, S. Understanding socially oriented roles and goals through motivational modelling. **Journal of Systems and Software**, [S.L.], v. 85, n. 9, p. 2160-2170, set. 2012. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jss.2012.04.049>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/periodicos/capes.gov.br/science/article/pii/S0164121212001094?via%3Dihub>. Acesso em: 17 out. 2020.

MINUZZI, I. H. **Elos da memória: o discurso dos avós sobre a cultura**. 2007, 86 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional), Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/263/Dissertacao%20Ivi%20H%20Minuzzi.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 19 set. 2019.

MOREIRA, L. V. C. A Abordagem Bioecológica de Bronfenbrenner. In: MOREIRA, L. V. C (Org). **Psicologia, Família e Direito: Interfaces e conexões**. 1ed. Curitiba: Juruá, 2013. Cap. 4. p. 91-106.

MOURA, J. F.; NACARATO, A. M. A entrevista narrativa: dispositivo de produção e análise de dados sobre trajetórias de professoras. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 24, n. 1, p. 15 - 30, jan./abr. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.18764/2178-2229.v24n1p15-30>. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/6801/4383>. Acesso em: 20 jul. 2020.

MUELLER, M. M.; WILHELM, B; ELDER, G. Variations in grandparenting, **Research on Aging**, v. 24, n.3, p. 360-388, 2002. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2002-12963-004>. Acesso em: 23 set. 2019.

NEPOMUCENO, A. S. N; FARIAS, G. O.; FOLLE, A.; MAZO, G. Z. Relação intergeracional e prática de atividade física entre avós e netos. **Revista Pensar A Prática**, [S.L.], v. 21, n. 1, p. 178-193, 29 mar. 2018. <http://dx.doi.org/10.5216/rpp.v21i1.46602>. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2018/09/914128/46602-217798-1-pb.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2020.

NERI, A. L. As políticas de atendimento aos direitos da pessoa idosa expressas no Estatuto do Idoso. São Paulo, SESC, **Revista Terceira Idade**, n. 34, out/2005. Disponível em: [https://www.sescsp.org.br/files/edicao\\_revista/851204ef-6479-405c-a9eb-380ba8c373f7.pdf](https://www.sescsp.org.br/files/edicao_revista/851204ef-6479-405c-a9eb-380ba8c373f7.pdf). Acesso em: 24 set. 2019.

NORIEGA, C.; LÓPEZ, J.; DOMÍNGUEZ, R.; VELASCO, C. Perceptions of grandparents who provide auxiliary care: value transmission and child-rearing practices. **Child and Family Social Work**, Madrid, Spain, v. 22, n. 3, p.1227-1236, ago. 2017. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/cfs.12339>. Acesso em: 16 abr. 2019.

OLIVEIRA, A. R. V. **Avosidade: Visão das Avós e de seus netos**. 2009. 71 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/handle/123456789/1279>. Acesso em: 28 ago. 2019.

OLIVEIRA, A. R. V.; VIANNA, L. G.; CÁRDENAS, C. J. Avosidade: visões de avós e de seus netos no período da infância. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, [S.L.], v. 13, n. 3, p. 461-474, dez. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1809-98232010000300012>. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S180998232010000300012&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S180998232010000300012&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 24 set. 2020.

OLIVEIRA, A. R. V.; KARNIKOWSKI, M. G. O. Apoio financeiro oferecido por avós a netos adolescentes. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 15, n. 2. São Paulo, p.145-158, março 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/13113/9641>. Acesso em: 21 jul. 2020.

OLIVEIRA, A. R. V.; PINHO, D. L. M. Relações entre avós e seus netos adolescentes: uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, [S.L.], v. 16, n. 3, p. 633-642, set. 2013. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1809-98232013000300019>. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Rela%C3%A7%C3%B5es-entre-av%C3%B3s-e-seus-netos-adolescentes%3A-uma-Oliveira-Pinho/ae4cefa5dcea9b303a8d1d2cb480b42e65f691ef>. Acesso em: 18 set. 2020.

OLIVEIRA, C. L. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Revista Travessias: Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte**, v. 2, n. 3, p.1-16, 2008. Disponível em: <http://erevista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3122>. Acesso em: 19 out. 2019.

OLIVEIRA, C.M.N. **Relações intergeracionais: um estudo na área de Lisboa**. 2011. 76f. Dissertação (Mestrado), Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2011. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/3100/9/TRABALHO%20COMPLETO.pdf>. Acesso em: 04 out. 2020.

PAIXÃO, F. J. D.; MORAIS, N. A. A Experiência de Adolescentes Criados por Avós. **Clínica e Cultura**, Fortaleza, v. 5, n. 1, p. 65-86, jun. 2016. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/clinicaecultura/article/view/5045>. Acesso em: 04 maio. 2020.

PANKHURST, M.; MEHTA, K.; MATWIEJCZYK, L.; MOORES, C. J; PRICHARD, I.; MORTIMER, S.; BELL, L. Treats are a tool of the trade: an exploration of food treats among grandparents who provide informal childcare. **Public Health Nutrition**, [S.L.], v. 22, n. 14, p. 2643-2652, 31 maio 2019. Cambridge University Press (CUP).

<http://dx.doi.org/10.1017/s1368980019000685>. Disponível em:  
<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-31148540>. Acesso em: 04 ago. 2020.

PARK, E.H. For Grandparents' Sake: the relationship between grandparenting involvement and psychological well-being. **Ageing International**, [S.L.], v. 43, n. 3, p. 297-320, 16 jan. 2018. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s12126-017-9320-8>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s12126-017-9320-8#citeas>. Acesso em: 09 ago. 2020.

PEDRA, M. U. K; MOREIRA, L. V. C. Os avós no contexto de divórcio. *In*: MOREIRA, L. V. C.; RABINOVICH, E. P.; DIAS, C. M. S. B. **A voz dos Avós: família e sociedade**. Curitiba: Crv, 2017. Cap. 13. p. 229-242.

PEDROSA, A. S. **Homens idosos avôs: Significado dos netos para o cotidiano**. 2006. 117 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em:  
<https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/12474/1/Dissertacao%20ALINE%20DA%20SILVA%20PEDROSA.pdf>. Acesso em: 23 maio. 2019.

PEIXOTO, R. J. O. P. **A relação entre avós e netos. Efeitos no desenvolvimento vocacional, na construção de significados de trabalho e no auto-conceito acadêmico**. 2015. 283 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, 2015. Disponível em:  
<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/102445/2/178683.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2019.

PINTO, K. L. B.; ARRAIS, A. R.; BRASIL, K. C. T. R. Avosidade x maternidade: a avó como suporte parental na adolescência. **Psico-USF**, Itatiba, v. 19, n. 1, p. 37-47, abr. 2014. Disponível em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141382712014000100005ng=en&nr m=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141382712014000100005ng=en&nr m=iso). Acesso em: 03 jun. 2019.

PINTO, T. A.; HATTON-YEO, A.; MAREEL, I.; WASER, M.; LIMACHER, A.; DUAIGUES, M.; LAFOND, M.; CLARKE, G.; DI PIETRO, D.; SCHMOLLING, J. **Guia para planejar e implementar projetos intergeracionais: Juntos ontem hoje e amanhã**, 2008. Tradução de Ana Prokopyshyn e Fernanda Santos. Disponível em:  
[https://60mais.ipleiria.pt/files/2011/12/PT\\_GUIA\\_MATES2.pdf](https://60mais.ipleiria.pt/files/2011/12/PT_GUIA_MATES2.pdf). Acesso em: 29 abr. 20.

POLONIA, A. C.; DESSEN, M. A.; SILVA, N. L. P. O modelo bioecológico de Bronfenbrenner: contribuições para o desenvolvimento humano. *In*: DESSEN, M. A.; COSTA JUNIOR, A. L. **A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre: Artmed, 2008. Cap. 4. p. 71-89.

PRATI, L. E.; COUTO, M. C. P. de P.; MOURA, A.; POLETTO, M.; KOLLER, S. H. Revisando a inserção ecológica: uma proposta de sistematização. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [S.L.], v. 21, n. 1, p. 160-169, 2008. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-79722008000100020>. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s010279722008000100020&script=sci\\_abstract&lng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s010279722008000100020&script=sci_abstract&lng=pt). Acesso em: 12 jan. 2020.

PREFEITURA DE SÃO MIGUEL DO ANTA. **Secretaria de Assistência Social**. 2019. Disponível em: <http://saomigueldoanta.mg.gov.br/pagina-secretaria-de-assistencia-social>. Acesso em: 25 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. **Plano de contingência contra o coronavírus**. 2020. Disponível em: <https://saomigueldoanta.mg.gov.br/noticia-plano-de-contingencia-contra-o-coronavirus-567>. Acesso em: 20 abr. 2020.

PRIOSTE, A.; NARCISO, I.; GONÇALVES, M. M.; PEREIRA, C. R. Values' family flow: associations between grandparents, parents and adolescent children. **Journal of Family Studies**, [S.L.], v. 23, n. 1, p. 98-117, 9 jun. 2016. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/13229400.2016.1187659>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13229400.2016.1187659>. Acesso em: 11 nov. 2020.

PUSATERI, K. B.; ROACHÉ, D. J.; KAM, J. A. Grandparents' and young adult grandchildren's identity gaps and perceived caregiving intentions. **Journal of Social and Personal Relationships**, [S.L.], v. 33, n. 2, p. 191-216, 23 fev. 2015. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0265407514568750>. Disponível em: <https://journals-sagepub-com.ez35.periodicos.capes.gov.br/doi/full/10.1177/0265407514568750>. Acesso em: 06 ago. 2020.

RAMOS, A. C. **Meus avós e eu: as relações intergeracionais entre avós e netos na perspectiva das crianças**. Porto Alegre, 2011. 463 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/32306/000785424.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 07 jun. 2019.

\_\_\_\_\_. Os Avós na Literatura Infantil: perspectivas gerontológicas e educacionais. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 191-225, jan./mar, 2015. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S217562362015000100191&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217562362015000100191&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 03 jun. 2019.

RAMOS, N. Avós e netos através da (s) imagem (s) e das culturas. *In*: RAMOS, N.; MARUJO, M.; BAPTISTA, A. **A voz dos Avós**. 2. ed. Gráfica de Coimbra, 2014. p. 33-56.

ROBERTO, K. A.; STROES, J. Grandchildren and grandparents: roles, influences and relationships. **International Journal of Aging and Human Development**, v.34, n. 3, p. 227-239, 1992.

ROBERTSON, J. F. Grandmotherhood: a study of role conceptions. **Journal of Marriage and the Family**, n.26, p. 165-174, 1977.

RODRÍGUEZ-BUITRAGO, A. G. El abuelo como agente socializador: un análisis desde la visión de los niños del colegio Gabriel García Márquez, Tunja, Boyacá. **Revista Eleuthera**, [S.L.], n. 13, p. 30-45, 12 dez. 2015. <http://dx.doi.org/10.17151/eleu.2015.13.3>. Disponível em: [http://vip.ucaldas.edu.co/eleuthera/downloads/Eleuthera13\\_3.pdf](http://vip.ucaldas.edu.co/eleuthera/downloads/Eleuthera13_3.pdf). Acesso em: 20 set. 2020.

RUTAKUMWA, R.; ZALWANGO, F.; RICHARDS, E.; SEELEY, J. Exploring the Care Relationship between Grandparents/Older Carers and Children Infected with HIV in South-Western Uganda: implications for care for both the children and their older carers. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, [S.L.], v. 12, n. 2, p. 2120-2134, 13 fev. 2015. MDPI AG. <http://dx.doi.org/10.3390/ijerph120202120>. Disponível em: [http://appswebofknowledge.ez35.periodicos.capes.gov.br/full\\_record.do?product=WOS&search\\_mode=GeneralSearch&qid=2&SID=7FrPQWgiXoxBaLJ5V4P&page=11&doc=102](http://appswebofknowledge.ez35.periodicos.capes.gov.br/full_record.do?product=WOS&search_mode=GeneralSearch&qid=2&SID=7FrPQWgiXoxBaLJ5V4P&page=11&doc=102). Acesso em: 09 out. 2020.

SCIPLINO, C.; KINSHOTT, M. Adult grandchildren's perspectives on the grandparent-grandchild relationship from childhood to adulthood. **Educational Gerontology**, [S.L.], v. 45, n. 2, p. 134-145, fev. 2019. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/03601277.2019.1584354>. Disponível em: [http://appswebofknowledge.ez35.periodicos.capes.gov.br/full\\_record.do?product=WOS&search\\_mode=GeneralSearch&qid=2&SID=7FrPQWgiXoxBaLJ5V4P&page=4&doc=40](http://appswebofknowledge.ez35.periodicos.capes.gov.br/full_record.do?product=WOS&search_mode=GeneralSearch&qid=2&SID=7FrPQWgiXoxBaLJ5V4P&page=4&doc=40). Acesso em: 6 set. 2020.

SCOTT, Parry. Gerações e famílias: Polisssemia, mudanças históricas e mobilidade **Soc. estado**. [online]. 2010 ,vol.25, n.2,p.251-284.. ISSN 0102-6992. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922010000200006>. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S010269922010000200006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S010269922010000200006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 07 set.2020

SCREMIN, A. L. X.; BOTTOLI, C. Avós e netos: o exercício de uma parentalidade. **Barbarói**, [S.L.], n. 48, p. 234-252, 4 jul. 2016. APESC - Associação Pro-Ensino em Santa Cruz do Sul. <http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v0i48.5486>. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/5486>. Acesso em: 16 dez. 2020.

SILVA SOUZA, K. ; DE CERQUEIRA CASTRO, J.L. ; FERNANDES DE ARAÚJO, L ; OLIVEIRA SANTOS, J.V. Representações sociais do envelhecimento: um estudo com avós idosas que cuidam dos netos e avós que não. **Cienc. Psicol.**, Montevideo, v. 12, n. 2, p. 293-297, nov. 2018. Disponível em: [http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S168842212018000200293&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S168842212018000200293&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 03 jun. 2019.

SILVA, V. C. F. **A transmissão intergeracional das lembranças familiares e da história coletiva: um recurso presente no Congado de São Miguel do Anta- MG.** 2016. 95f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2016. Disponível em: <http://www.locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/8362/texto%20completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 abr. 2019.

SMORTI, M.; TSCHIESNER, R.; FARNETI, A. Grandparents-Grandchildren Relationship. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, [S.L.], v. 46, p. 895-898, 2012. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.sbspro.2012.05.219>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.ez35.periodicos.capes.gov.br/science/article/pii/S1877042812013481>. Acesso em: 24 set. 2020.

SOUZA, A. I.; SILVER, L. D. Perfil sociodemográfico e estado de saúde autorreferido entre idosas. **Esc. Anna Nery Ver. Enferm.**, v. 12, nº. 4, p. 706-716, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ean/v12n4/v12n4a15.pdf>. Acesso em: 10 out. 2020.

SOUZA. C. S. **O papel dos avós no cuidado com a saúde bucal dos netos: um estudo de caso.** 2016. 131f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – Universidade Federal de Viçosa - Viçosa, MG, 2016. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/7718/1/texto%20completo.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2019.

SOUZA, L. K.; MCCARTHY, S. N. Ritos de passagem da adolescência à vida adulta: diferenças etárias e de gênero. **Gerais, Rev. Interinst. Psicol.**, Juiz de Fora, v. 3, n. 2, p. 124-135, dez. 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S198382202010000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198382202010000200003&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 14 dez. 2020.

STASOVA, L.; KRISIKOVA, E. Relationships between children and their grandparents and importance of older generations in lives of today's families. **SHS Web of Conferences**, [S.L.], v. 10, p. 00044-00051, 2014. EDP Sciences. <http://dx.doi.org/10.1051/shsconf/20141000044>. Disponível em: [https://www.shsconferences.org/articles/shsconf/abs/2014/07/shsconf\\_shw2012\\_00044/shsconf\\_shw2012\\_00044.html](https://www.shsconferences.org/articles/shsconf/abs/2014/07/shsconf_shw2012_00044/shsconf_shw2012_00044.html). Acesso em: 07 out. 2020.

STEDILE, T.; MARTINI, M. I. G.; SCHMIDT, B. Mulheres idosas e sua experiência após a viuvez. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 12, n. 2, p. 327-343, maio./ago. 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S180989082017000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180989082017000200007&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 11 dez. 2020.

TAKAHARA, A. H.; GALERA, S.A. F.; ZANETTI, A. C. G.; GONÇALVES, A. M. S.; PROTTI-ZANATTA, S. T.; ZERBETTO, S. R.A. experiência de avós no cuidado ao adolescente que consome substâncias psicoativas. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p.1-8, 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141481452019000100207&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141481452019000100207&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 20 maio. 2019.

TAN, J.P. Do grandparents matter? Intergenerational relationships between the closest grandparents and Malaysian adolescents. **Contemporary Social Science**, [S.L.], v. 13, n. 2, p. 246-260, 21 jan. 2018. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/21582041.2018.1424931>. Disponível em: <https://wwwtandfonline.ez35.periodicos.capes.gov.br/doi/full/10.1080/21582041.2018.1424931>. Acesso em: 07 set. 2020.

TANG, F; XU, L.; CHI, I.; DONG, X. Psychological Well-Being of Older Chinese-American Grandparents Caring for Grandchildren. **Journal of The American Geriatrics Society**, [S.L.], v. 64, n. 11, p. 2356-2361, 19 set. 2016. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/jgs.14455>. Disponível em: <https://agsjournalsonlinelibrarywiley.ez35.periodicos.capes.gov.br/doi/full/10.1111/jgs.14455>. Acesso em: 25 set. 2020.

THELEN, T.; LEUTLOFF-GRANDITS, C. Self-sacrifice or natural donation? A life course perspective on grandmothering in new zagreb (Croatia) and east Berlin (Germany). **Horiz. antropol.**, Porto Alegre , v. 16, n. 34, p. 427-452, ISSN 0104-7183. jul/dez. 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010471832010000200018&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010471832010000200018&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 27 nov. 2020.

TRIADÓ, C.; VILLAR, F.; SOLÉ, C.; OSUNA, M.J.; CELDRÁN, M. Percepciones cruzadas entre abuelos y nietos en una muestra de díadas: una aproximación cualitativa: una aproximación cualitativa. **Revista Española de Geriatria y Gerontología**, [s.l.], v. 41, n. 2, p. 100-110, mar. 2006. Elsevier BV. [http://dx.doi.org/10.1016/s0211-139x\(06\)72933-x](http://dx.doi.org/10.1016/s0211-139x(06)72933-x). Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0211139X0672933X>. Acesso em: 27 maio. 2020.

TRIADÓ, C. VILLAR, F.; SOLÉ, C.; CELDRÁN, M; PINAZO, S.; CONDE, L. Los abuelos/as cuidadores de sus nietos: Percepción de ayudas recibidas, conductas problemáticas de los nietos y satisfacción con el rol. **International Journal of Developmental and Education Psychology**, v.3, n.1, p. 497-506, 2009. Asociacion Nacional de Psicologia

Evolutiva y Educativa de la infancia, Adolescencia e Mayores. Badajoz, España. Disponível em:  
[https://www.researchgate.net/publication/276001252\\_Los\\_abuelosas\\_cuidadores\\_de\\_sus\\_nietos\\_percepcion\\_de\\_ayudas\\_recibidas\\_conductas\\_problematicas\\_de\\_los\\_nietos\\_y\\_satisfaccion\\_con\\_el\\_rol](https://www.researchgate.net/publication/276001252_Los_abuelosas_cuidadores_de_sus_nietos_percepcion_de_ayudas_recibidas_conductas_problematicas_de_los_nietos_y_satisfaccion_con_el_rol). Acesso em: 05 set. 2019.

TUDGE, J. A **Teoria de Urie Bronfenbrenner**: Uma teoria contextualista? Universidade da Carolina do Norte, Greensbow, EUA, 2007. Disponível em:  
<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.517.5525&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 16 set. 2019.

\_\_\_\_\_. **The everyday lives of Young children**: Culture, class, and child-rearing in diverse societies. New York: Cambridge University Press, 2008.

UNITED NATIONS, DEPARTMENT OF ECONOMIC AND SOCIAL AFFAIRS, POPULATION DIVISION (ONU): **World Population Prospects 2019**: Highlights, 2019. 46 p. Disponível em: [https://population.un.org/wpp/Publications/Files/WPP2019\\_Highlights.pdf](https://population.un.org/wpp/Publications/Files/WPP2019_Highlights.pdf). Acesso em: 21 set. 2020.

VIEIRA, M. M. F. Por uma boa pesquisa (qualitativa) em administração. *In*: VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. **Pesquisa Qualitativa em Administração**. Rio de Janeiro: FGV, 2005. 237 p. Cap. 1. p. 13-28.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 22, n. 44, 2014. DOI: 10.20396/tematicas.v22i44.10977. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 12 mar. 2021.

VITALE, M. A. F. Socialização e família: uma análise intergeracional. *In*: CARVALHO, M. C. B. (Org.). **Família contemporânea em debate**. São Paulo: Cortez, 2000.

WHITLEY, D. M.; KELLEY, S. J.; LAMIS, D. A. Depression, Social Support, and Mental Health. **The International Journal of Aging and Human Development**, [S.L.], v. 82, n. 2-3, p. 166-187, 21 jan. 2016. SAGE Publications.  
<http://dx.doi.org/10.1177/0091415015626550>. Disponível em:  
<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0091415015626550>. Acesso em: 20 ago. 2020.

YUSUF, M. Grandparents as Educators: a study of socio-cultural and religion perspectives. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, [S.L.], v. 140, p. 337-342, ago. 2014. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.sbspro.2014.04.431>. Disponível em:  
<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877042814033576>. Acesso em: 21 set. 2020.

ZACCARELLI, Laura Menegon; GODOY, Arilda Schmidt. Perspectivas do uso de diárias nas pesquisas em associações. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, pág. 550-563, setembro de 2010. <http://dx.doi.org/10.1590/S167939512010000300011>. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S167939512010000300011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167939512010000300011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 21 de abril de 2021.

ZANATTA, E.; ARPINI, D. M. Conhecendo a imagem, o papel e a relação avó-neto: a perspectiva de avós maternas. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 343-363, 2017. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/35164/24865>. Acesso em: 17 abr. 2020.

ZHANG, N.; BÉCARES, L.; CHANDOLA, T.; CALLERY, P. Intergenerational differences in beliefs about healthy eating among carers of left-behind children in rural China: a qualitative study. **Appetite**, [S.L.], v. 95, p. 484-491, dez. 2015. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.appet.2015.08.024>. Disponível em: <https://www-sciencedirect.ez35.periodicos.capes.gov.br/science/article/pii/S0195666315003980>. Acesso em: 27 set. 2020.

## APÊNDICES

### **Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para realizar entrevistas com os avós.**

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu \_\_\_\_\_, contato \_\_\_\_\_, compreendi os objetivos do estudo e aceito participar da pesquisa “**RELAÇÕES INTERGERACIONAIS: UM ESTUDO SOBRE O PAPEL DOS AVÓS NA FORMAÇÃO DOS NETOS JOVENS**” sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e poderei modificar minha decisão sobre minha participação, se assim o desejar. Já assinado o termo de consentimento, declaro que concordo em participar desta pesquisa, podendo mudar de opinião a qualquer momento durante a realização da mesma. Recebi uma via deste termo de consentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas. Tenho conhecimento de que os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, após o término da pesquisa. Depois desse tempo, os mesmos serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a minha identidade com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo à legislação brasileira, em especial, à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e, portanto, dou permissão aos pesquisadores para a publicação, somente em meios de divulgação científica, dos dados obtidos durante o desenvolvimento do trabalho, resguardado minha identidade por uso de nomes fictícios. Tenho a compreensão de que esta pesquisa objetiva analisar como se dão as trocas intergeracionais e identificar os tipos de conhecimentos transmitidos entre avós e netos, compreender a concepção de avô/avó na visão dos netos; compreender a concepção que os avós têm sobre o que é ser neto, identificar os papéis que avós e netos ocupam na vida uns dos outros na formação do indivíduo e descrever os significados que avós e netos atribuem à presença destes em suas vidas. Compreendi que irei participar de uma entrevista em formato de conversa com a pesquisadora, à qual será agendada com antecedência de acordo com o horário e local de minha preferência, a conversa somente será gravada mediante minha autorização e o que for pelo pesquisador anotado, deverá passar por minha confirmação e autorização. Com relação a forma de recrutamento dos participantes, estou ciente que fui convidado para conceder entrevista por fazer parte do grupo de convivência realizado pelo CRAS de São Miguel do Anta/MG e ter netos na faixa etária de 15 a 24 anos. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem na exposição dos entrevistados, que será amenizada através do resguardo da identidade dos mesmos através da utilização de nomes fictícios. Com relação aos benefícios individuais, a participação nas entrevistas são oportunidades de expressar sentimentos e vivências e de ser ouvido pela pesquisadora, bem como de refletir sobre a qualidade da relação avós-netos. Em nível coletivo a pesquisa contribuirá para valorização da pessoa idosa na sociedade, bem como no meio acadêmico científico. Após a realização dessa pesquisa terei direito a uma devolução dos resultados como reconhecimento da minha participação no

estudo. Para participar deste estudo sei que não terei nenhum custo nem receberei qualquer vantagem financeira. Apesar disso, diante de eventuais danos, identificados e comprovados, decorrentes da pesquisa, tenho assegurado o direito à indenização. O escrito acima é verdade, e afirmo não ter nenhum impedimento para participar da pesquisa, portanto, assino esse termo de consentimento em duas vias, uma a ficar arquivada com o pesquisador responsável, no seu endereço atual e a outra a ficar em meu poder.

Nome da Pesquisadora Responsável: Jessilene de Freitas Lopes

Telefone: (31)99887-6896

E-mail: jessilene.lopes@ufv.br

Orientadora da Pesquisa: Professora Dra. Lílian Perdigão Caixêta Reis

Departamento de Educação da UFV

E-mail: lilian.perdigao@ufv.br

Telefone: 31 3612-7516

Em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético desta pesquisa, você poderá consultar: CEP/UFV – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Universidade Federal de Viçosa. Edifício Arthur Bernardes, piso inferior. Av. PH Rolfs, s/n – Campus Universitário. CEP: 36570-900 Viçosa/MG. Telefone: (31)3899-2492 E-mail: cep@ufv.br site www.cep.ufv.br

Nome do participante: \_\_\_\_\_

Contato do participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do participante: \_\_\_\_\_

---

Professora Dra. Lílian Perdigão Caixêta Reis

Orientadora

---

Jessilene de Freitas Lopes

Pesquisadora

São Miguel do Anta, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020.

**Apêndice B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para realizar entrevistas com os netos.**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu \_\_\_\_\_, contato \_\_\_\_\_, compreendi os objetivos do estudo e aceito participar da pesquisa “**RELAÇÕES INTERGERACIONAIS: UM ESTUDO SOBRE O PAPEL DOS AVÓS NA FORMAÇÃO DOS NETOS JOVENS**” sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e poderei modificar minha decisão sobre minha participação, se assim o desejar. Já assinado o termo de consentimento, declaro que concordo em participar desta pesquisa, podendo mudar de opinião a qualquer momento durante a realização da mesma. Recebi uma via deste termo de consentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas. Tenho conhecimento de que os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, após o término da pesquisa. Depois desse tempo, os mesmos serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a minha identidade com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo à legislação brasileira, em especial, à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e, portanto, dou permissão aos pesquisadores para a publicação, somente em meios de divulgação científica, dos dados obtidos durante o desenvolvimento do trabalho, resguardado minha identidade por uso de nomes fictícios. Tenho a compreensão de que esta pesquisa objetiva analisar como se dão as trocas intergeracionais e identificar os tipos de conhecimentos transmitidos entre avós e netos, compreender a concepção de avô/avó na visão dos netos; compreender a concepção que os avós têm sobre o que é ser neto, identificar os papéis que avós e netos ocupam na vida uns dos outros na formação do indivíduo e descrever os significados que avós e netos atribuem à presença destes em suas vidas. Compreendi que irei participar de uma entrevista em formato de conversa com a pesquisadora, à qual será agendada com antecedência de acordo com o horário e local de minha preferência, a conversa somente será gravada mediante minha autorização e o que for pelo pesquisador anotado, deverá passar por minha confirmação e autorização. Com relação à forma de recrutamento estou ciente de que fui convidado para conceder esta entrevista por ter sido citado (a) em entrevista realizada com meu/minha avô (a). Os riscos envolvidos na pesquisa consistem na exposição dos entrevistados, que será amenizada através do resguardo da identidade dos mesmos através da utilização de nomes fictícios. Com relação aos benefícios individuais, a participação nas entrevistas são oportunidades de expressar sentimentos e vivências e de ser ouvido pela pesquisadora, bem como de refletir sobre a qualidade da relação avós-netos. Em nível coletivo, a pesquisa contribuirá para valorização dos jovens na sociedade, bem como no meio acadêmico científico. Após a realização dessa pesquisa terei direito a uma devolução dos resultados como reconhecimento da minha participação no estudo. Para participar deste estudo sei que não terei nenhum custo nem receberei qualquer vantagem financeira. Apesar disso, diante de eventuais danos, identificados e comprovados, decorrentes da pesquisa, tenho assegurado o direito à indenização O escrito acima é verdade, e afirmo não ter nenhum impedimento para participar

da pesquisa, portanto, assino esse termo de consentimento em duas vias, uma a ficar arquivada com o pesquisador responsável, no seu endereço atual e a outra a ficar em meu poder.

Nome da Pesquisadora Responsável: Jessilene de Freitas Lopes

Telefone: (31)99887-6896

E-mail: jessilene.lopes@ufv.br

Orientadora da Pesquisa: Professora Dra. Lílian Perdigão Caixêta Reis

Departamento de Educação da UFV

E-mail: lilian.perdigao@ufv.br

Telefone: 31 3612-7516

Em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético desta pesquisa, você poderá consultar: CEP/UFV – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Universidade Federal de Viçosa. Edifício Arthur Bernardes, piso inferior. Av. PH Rolfs, s/n – Campus Universitário. CEP: 36570-900 Viçosa/MG. Telefone: (31)3899-2492 E-mail: cep@ufv.br site www.cep.ufv.br

Nome do participante: \_\_\_\_\_

Contato do participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do participante: \_\_\_\_\_

---

Professora Dra. Lílian Perdigão Caixêta Reis

Orientadora

---

Jessilene de Freitas Lopes

Pesquisadora

São Miguel do Anta, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2020

**Apêndice C - Questionário Sociodemográfico e Roteiro de Entrevista Semiestruturado – Avós.**

**QUESTIONÁRIO**

**Data:** \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**Horário de início** \_\_\_\_\_

**Horário de término** \_\_\_\_\_

Dados pessoais dos avós

Nome (fictício) \_\_\_\_\_ idade \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_ Telefone: \_\_\_\_\_ Endereço: \_\_\_\_\_

Frequentador do grupo: Zona urbana:  Estado Civil: \_\_\_\_\_

Zona rural:

Profissão: \_\_\_\_\_

1- Renda:

- Até 1 salário mínimo  
 De 1 a 2 salários mínimos  
 De 2 a 5 salários mínimos  
 Acima de 5 salários mínimos

2- Fonte da renda:

- Aposentadoria  
 Trabalho informal – qual?  
 Trabalho formal – qual?

3- Nível de Escolaridade:

- Superior completo  
 Terceiro grau completo  
 Ensino fundamental completo  
 Ensino fundamental incompleto  
 Sem estudos

- 4- Local de residência. Tem casa própria?
- 5- Com quem mora atualmente?
- 6- Com quantas pessoas mora?
- 7- Número de filhos
- 8- Número de netos
- 9- Quantos netos com idade entre 15 e 24 anos você tem?
- 10- Qual a distância de sua casa até a casa desses netos (15 a 24 anos)?
  - Nenhuma. Moro na mesma casa.
  - Próximo. Posso ir a pé.
  - Distante. Mais de trinta minutos.
  - Distante. Outra cidade, quantos quilômetros de distância?

## **ENTREVISTA**

### **Formas em que se dão as trocas intergeracionais e tipos de conhecimentos transmitidos entre avós e netos**

- 1- Como é a sua convivência/relacionamento com seu neto (a) (s)?
- 2- Você já realizou ou realiza alguma atividade em conjunto com seu neto (a) (s)?
- 3- Você percebeu alguma mudança/diferença no relacionamento com seu neto (a) (s) da época da infância para os dias atuais? Quais?
- 4- Como foram formados seus valores e regras que segue no dia a dia? (Estou perguntando assim: tudo de bom que aprendeu em sua vida, acredita que aprendeu com quem?)
- 5- O que ou quem são suas figuras de referências?
- 6- Quais sentimentos, atitudes e valores você acredita ter aprendido com seu neto (a)?
- 7- Você acha que ensina ou aprende mais com seu neto (a)? Porque?

### **Concepção de netos**

- 8- O que é ser neto para você?

### **Os papéis que netos ocupam na vida dos avós para formação do indivíduo**

- 9- Qual a função do seu neto em sua vida?
- 10- Qual a importância que você atribui a seu neto (a)?

### **Significado de neto/neta**

- 11- Qual o sentimento/ significado você tem pela presença do seu neto (a)? O que o neto representa para você?

**Apêndice D - Questionário Sociodemográfico e Roteiro de Entrevista Semiestruturado – Netos.**

**Roteiro para entrevista N° \_\_\_\_\_**

**Data:** \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**Horário de início** \_\_\_\_\_

**Horário de término** \_\_\_\_\_

## **QUESTIONÁRIO**

Perfil e características dos netos e da família

Sexo:

Idade:

Escolaridade:

Formação profissional:

Com quem você mora atualmente?

Caso, não more com os avós, qual a distância de sua casa até a dele (a)?

Qual a relação de seus pais? São casados, moram juntos, viúvos, separados?

Você é filho único? Se não qual a idade de seus irmãos?

Dos avós, qual está mais presente em sua vida? De que forma?

## **ENTREVISTA**

**Formas em que se dão as trocas intergeracionais e tipos de conhecimentos transmitidos entre avós e netos**

- 1- Como é a sua convivência/relacionamento com seu (s) avós (a) (s)?
- 2- Você já realizou ou realiza alguma atividade em conjunto com seu ou seus avós (a) (s)?
- 3- Você percebeu alguma mudança/diferença no relacionamento com seu (s) avós (s) da época da infância para os dias atuais? Quais?
- 4- Como foram formados seus valores e regras que segue no dia a dia?
- 5- O que ou quem são suas figuras de referências?
- 6- Quais sentimentos, atitudes e valores você acredita ter aprendido com seu (s) avó (s) (a)?

7- Você acha que ensina ou aprende mais com seu (s) avô (a) (s)? Porque?

### **Concepção de avós**

8- O que é ser avô/avó para você?

### **Os papéis que avós ocupam na vida dos netos para formação do indivíduo**

9- Qual a função do seu avô/avó em sua vida?

10- Qual a importância que você atribui a seu avô/avó (s)?

### **Significado de avô/avó**

11- Qual o sentimento/ significado você tem pela presença do seu avô/avó (s)? O que o avô/avó representa para você?

**Apêndice E - AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO PARA REALIZAR A PESQUISA.**

São Miguel do Anta, 21 de outubro de 2019

Eu Ana Paula Resende Batalha Bravo,  
coordenadora do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) da cidade de São Miguel do Anta (MG), venho por meio deste informar que autorizo a pesquisadora Jessilene de Freitas Lopes, aluna do mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica da UFV (PPGED/UFV), a desenvolver o projeto de pesquisa intitulado: "Relações intergeracionais: um estudo sobre o papel dos avós na formação dos netos jovens", sob orientação da Professora Dra. Lílian Perdigão Caixêta Reis, do Departamento de Educação da UFV. Declaro conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados. Esta autorização é válida em razão do parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa para desenvolvimento da referida pesquisa.

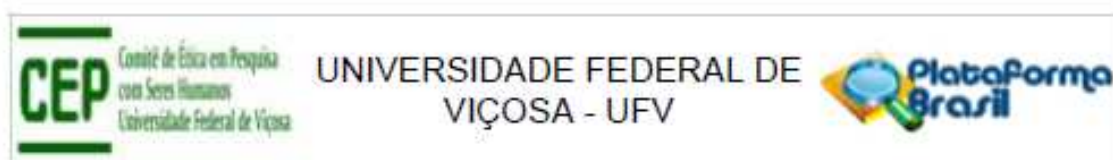
Ana Paula Resende Batalha Bravo

(Ana Paula Resende Batalha Bravo)

Ana Paula Resende B. Bravo  
Coordenadora CRAS  
CPF: 09077777679  
São Miguel do Anta - MG

## ANEXOS

## Anexo A - Autorização Ética - Comitê de ética em pesquisa com seres humanos da UFV.



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

## DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** RELAÇÕES INTERGERACIONAIS: UM ESTUDO SOBRE O PAPEL DOS AVÓS NA FORMAÇÃO DOS NETOS JOVENS

**Pesquisador:** Lilian Perdigão Caixêta Reis

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 29414220.5.0000.5153

**Instituição Proponente:** Departamento de Economia Doméstica

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

## DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.981.230

**Apresentação do Projeto:**

Grandes Áreas do Conhecimento (CNPq)

Grande Área 6. Ciências Sociais Aplicadas

Grande Área 7. Ciências Humanas